ALTIVIR JOÃO VOLPE

**FOTOGRAFIA, NARRATIVA E GRUPO:
LUGARES ONDE PÔR O QUE VIVEMOS**

SÃO PAULO

2007

ALTIVIR JOÃO VOLPE

FOTOGRAFIA, NARRATIVA E GRUPO:

Lugares onde pôr o que vivemos

**Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Doutor em Psicologia**

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientadora: Profa. Dra. Sylvia Leser de Mello

São Paulo

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Volpe, Altivir João.

Fotografia, narrativa e grupo: lugares onde pôr o que vivemos / Altivir João Volpe; orientadora Sylvia Leser de Mello. --São Paulo, 2007.

197 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Kaës, René, 1936 3. Benjamin, Walter, 1892-1940 4. Grupos 5. Narrativas 6. Fotografias I. Título.

RC504

FOTOGRAFIA, NARRATIVA E GRUPO:

Lugares onde pôr o que vivemos

ALTIVIR JOÃO VOLPE

BANCA EXAMINADORA

(Nome e assinatura)

(Nome e assinatura)

(Nome e assinatura)

(Nome e assinatura)

(Nome e assinatura)

Tese defendida e aprovada em: __/__/_____.

AGRADECIMENTOS

Dra. Sylvia Leser de Mello que me acompanhou durante a caminhada do Doutorado: seus toques sutis foram decisivos em algumas encruzilhadas da estrada.

Regina, primeira interlocutora das dúvidas e encaminhamentos: obrigado pelo incentivo e cumplicidade nesses anos todos!

Flávia, Marco Aurélio, Luís Felipe e, é claro, o Pedrinho, alegria da casa: quanta disposição e “sacadas” nos bastidores da convivência em família. Vocês serviram como contraponto nos momentos em que as velas arriavam e o barco ficava um pouco sem rumo!

João Frayze-Pereira e Maria Luisa Schmidt (Malu): apontando os redemoinhos presentes quando do Exame de Qualificação. O “empurrão” de vocês apontou alguns nortes para o trabalho.

Laurinda, pelo rastreamento transicional suficientemente bom das contribuições winnicottianas presentes ao longo do trabalho.

Lafayette, Ana Cláudia e colaboradores: seu olhar de lince percebeu nuances e entremeios pouco claros no texto, sugerindo alternativas ou pontuando os excessos.

Ana Helena e Veridiana: pelo trabalho de observação e escuta silenciosa das *conversas* do grupo de pesquisa.

Colegas da Universidade: reconhecendo juntos a terceira margem dos rios...

Angélica, Ralf, Paulo, Clarinha, Lavínia, Maurício Luiz e também Arlindo e Ferdinand: quantas cidades reveladas, quantos reencontros!

Àqueles que me ensinaram e àqueles com quem continuo aprendendo...

Minha história não é apenas a sua, a de seu pai e de sua mãe, a história do feto que você foi e – antes disso – a história do nascimento da animalidade e a história da emergência da vida: é também a história do nascimento da sombra e da luz, a história de seus olhos que aprenderam a ver e a não poder ver, a história das representações humanas e da perspectiva, a história das imagens que fabrico e das imagens que você concebe para tentar se entender. Todas essas histórias são escritas em mim e em você, mesmo que elas não sejam, dentro de nós, imediatamente legíveis.

Gregory Bateson, 1993.

Quando um nadador corajoso atravessa um rio largo, o itinerário de sua viagem se divide em três partes. Durante o tempo em que observa a margem da partida ou descobre a da chegada, ele habita ainda em sua morada de origem ou já mora no objetivo de seu desejo. Ora, em torno da metade do percurso, vem um momento, decisivo e patético, onde a igual distância das duas margens, durante a passagem mais ou menos durável de uma grande faixa neutra ou branca, ele não é nem um nem outro e, torna-se talvez, já um e outro, ao mesmo tempo. Inquieto, suspenso, como em equilíbrio em seu movimento, ele reconhece um espaço inexplorado, ausente de todos os mapas e que nenhum atlas ou viajante pôde descrever.

Michel Serres, 1997.

SUMÁRIO

<i>Resumo</i>	<i>IX</i>
<i>Abstract</i>	<i>X</i>
<i>Resume</i>	<i>XI</i>
1 INTRODUÇÃO	1
2 NARRATIVAS COLETIVAS	9
* Agonia da experiência de narrar	
* Resignificando o vivido	
* Só é narrado o que se experimenta	
3 FOTOGRAFIAS: RECORTAR, OLHAR, LER	25
* A fotografia fala de um jeito de viver	
* Reter um instante decisivo	
* Criar imagens: o avesso do avesso	
4 WINNICOTT: O LUGAR DA EXPERIÊNCIA CULTURAL	41
* O campo da ilusão e do brincar	
* Reencontrando o objeto	
* Despertar o gesto espontâneo	
5 MÉTODO: NARRAR UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA	53
* Deixar marcas, atribuir sentido(s) aos atos	
* Criação do dispositivo grupal	
* Presença de materialidades mediadoras	
* Construção das narrativas	

6 ENCONTRO ENTRE PESQUISADOR E ENTREVISTADO _____ 67

1. Angélica, 25 anos, se apresenta

Angélica constrói sua casa

2. Ralf, 23 anos, se apresenta

O reencontro no deserto

3. Clarinha, 33 anos, se apresenta

Um lugar que seja seu

4. Lavínia, 28 anos, se apresenta

O desvelamento de um espaço entre-dois

5. Paulo, 25 anos, se apresenta

O que buscava estava diante de si mesmo

6. Maurício Luiz, 32 anos, se apresenta

De volta a uma casa própria

7 CONVERSAS NO ESPAÇO POTENCIAL DO GRUPO _____ 119

* Constituição de um espaço comum e partilhado

* Grupo: experiências culturais intermediárias

* “Um lugar onde pôr o que encontramos”

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 173**9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ 180****10 ANEXO _____ 184**

RESUMO

VOLPE, Altivir J. *Fotografia, narrativa e grupo: lugares onde pôr o que vivemos*. São Paulo, 2007, 197p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Este trabalho teve como objetivo a criação de um dispositivo grupal diferenciado e a realização de entrevistas nos quais foram utilizadas fotos e construções narrativas suscitadas por elas, como formações intermediárias que ocorrem em um espaço/tempo entre-dois. As conclusões sugerem a coexistência nos sujeitos de uma relação ambígua entre um ideal imaginário de relações estáveis e reaseguradoras, como em sua infância, e o que é vivido hoje por eles, sob o impacto das fortes mudanças ocorridas nas últimas décadas: insegurança e fragmentação dos laços sociais e incerteza com relação ao futuro. Algumas intuições de Walter Benjamin são confirmadas e acentuadas as contribuições de René Kaës no estudo dos processos grupais. Com a contribuição desses autores, enfatiza-se aqui a necessidade de reinventar metodologias articuladas a dispositivos diferenciados ao tratar das questões intersubjetivas, para responder às demandas sociais diante do sofrimento e das situações disruptivas. É sempre entre o risco contínuo da perda de referências e a possibilidade da constituição de novos espaços reaseguradores, que se vai processando a intensa construção da narrativa humana, particularmente na contemporaneidade.

Palavras-chave: Psicanálise, Kaës, Benjamin, grupos, narrativas, fotografias.

ABSTRACT

VOLPE, Altivir J. ***Photograph, narrative and group: places where we put what we lived.*** São Paulo, 2007, 197p. PhD thesis. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

The main objective of this work was the creation of a different group device and the conduction of interviews in which were used photographs and narratives aroused by them as intermediary formations that occur in a time/space between two. The conclusions suggest the coexistence in the subjects of a ambiguous relation between an ideal imaginary of stable and reassured relations, as in their childhood, and what is lived today by them, under the impact of the brutal changes that occurred in the last decades: insecurity and fragmentation in the social bonds and uncertainty in relation to the future. Some Walter Benjamin's intuitions are confirmed and René Kaës' contributions are stressed in the group process studies. With the contribution from these authors, it is emphasized here the necessity of reinvent methodologies and different devices when dealing with intersubjective questions, in order to answer the social demands towards the suffering and the disruptive situations. It is always between the continuous risk of the references loss and the possibility of new reassured spaces constitution, that gets processed the human narrative intense construction, particularly in the contemporaneity.

Keywords: Psychoanalysis, Kaës, Benjamin, groups, narratives, photographs.

RESUMÉ

VOLPE, Altivir J. *Photographie, construction narrative et groupe: le lieux où nous pouvons mettre ce que nous avons vécu*. São Paulo, 2007, 197p. Thèse de Doctorat. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Cette étude a eu comme finalité la création d'un dispositif groupale différencié et la réalisation d'interviews dans lesquelles ont été utilisés des photos et des constructions narratives suscités par elles comme des formations intermédiaires qui arrivent dans un espace-temps entre-deux. Les conclusions suggèrent la coexistence dans les sujets d'une relation ambiguë entre un idéal imaginaire de relations stables et pleines de confiance, comme dans leur enfance, et ce qui est vécu par eux, sous l'impact de grands changements des dernières décades: manque de sécurité et fragmentations des liens sociaux, et l'incertitude en relation au futur. Quelques intuitions de Walter Benjamin sont confirmées de la même façon comme ont été accentuées les contributions de René Kaës dans l'étude des procès groupaux. Avec la contribution de ces auteurs, on accentue ici le besoin de reinventer des méthodologies articulées à des dispositifs différenciés quand il s'agit des questions intersubjectives, pour répondre aux besoins sociaux en face de la souffrance et des situations de rupture. Il est toujours entre le risque permanent de la perte de références et la possibilité de la constitution de nouveaux espaces de sécurité que l'on réalise l'intense construction du récit humain, particulièrement aujourd'hui.

Mots clés: Psychanalyse, Kaës, Benjamin, groupes, constructions narratives, photographies.

1 INTRODUÇÃO

As aulas eram de leitura e o professor tinha por hábito colocar uma música como caixa de ressonância -- sua preferência pela *Sinfonia nº 29*, de Mozart, era marcante. Naqueles momentos, com dez, onze anos, lendo *Três garotos em férias no rio Tietê* (Barros Jr.)¹, eu penetrava nas aventuras dos personagens, sentia-me um deles e, embalado pela música, permitia-me novas combinações de cenas e peripécias, com desdobramentos variados. Imagens visuais, táteis e sonoras se sucediam, criando um espaço-tempo povoado de aventuras, na maior parte em grupo, que se prolongavam ao sabor da imaginação, despertadas ou reavivadas pela sonoridade musical e pelos entremeios do texto escrito. Histórias sem fim, interrompidas pelo término da última faixa do disco e, mais freqüentemente, pelo horário da próxima aula – talvez Matemática.

Nos intervalos, após duas aulas seguidas -- "hora do recreio" --, e na volta para casa, tais acontecimentos eram transformados em um *continuum* praticamente inesgotável. O narrado por um era desdobrado na história do colega. Pelo caminho, com os acréscimos e significados variados, a *minha/sua* narrativa se tornava *nossa*.

Muitas vezes, as brincadeiras com os primos e irmãos ganhavam novos enredos quando saíamos a pescar ou apanhar rãs nos banhados e lagoas. Na volta, as aventuras ganhavam detalhes que buscavam a cumplicidade dos familiares – sobretudo dos irmãos menores. A inocente cobra d'água que atravessara o córrego onde tentávamos fisgar alguns lambaris tornava-se uma cobra venenosa à espreita para atacar.

---

¹ W.Barros Jr., *Três garotos em férias no rio Tietê*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

No relato aos colegas, os peixes miúdos (devolvidos à água de tão pequenos) apareciam agora como traíras que haviam cortado linha e anzol – por isso não havíamos trazido nenhum como prova! Na maioria das vezes, linha e anzol ficaram enroscados em alguma ramagem debruçada sobre o riacho, entretendo o “pescador” durante algum tempo.

Tais experiências cotidianas, comuns, traziam uma sensação mais ou menos generalizada de nos “sentirmos em casa”, com liberdade para explorar, criar e modificar o mundo, segundo nos parecesse... As brincadeiras não-planejadas e (com alguma frequência) até o aprendizado escolar se definiam principalmente pela capacidade de conter experiências – respirava-se investigação, inquietante desassossego, qualidade do viver, liberdade... Anos mais tarde ouviria: “o brincar é uma experiência, sempre uma experiência criativa, (...) num contínuo espaço-tempo, *uma forma básica de viver*” (WINNICOTT, 1994: 4. Grifo nosso.).

As ocasiões para fotos eram raras, quase sempre como marcos documentais (solenes) de uma etapa nos cursos escolares, para indicar a Primeira Comunhão, o final do campeonato de futebol no colégio ou as cenas de um casamento que reunia os parentes e convidados, com direito a muita conversa, música, comida e... aventuras no sótão da casa dos pais do noivo, onde exaustos primos e os chegados de última hora acabavam dormindo. Tratava-se de comemorações carregadas de história – os objetos e situações da vida estavam disponíveis para serem usados, explorados, destruídos ou jogados fora... e recriados simbolicamente nesse vasto mundo!

No decorrer do Colegial, as atividades do Grêmio Estudantil, com seus diversos “departamentos”, e o jornal *Alvorada* de periodicidade sujeita aos humores dos

professores de Português, também proporcionavam diferentes narrativas sobre a vida e seus (a)fazer, com o necessário contraponto e as marcas intensas da adolescência.

Anos mais tarde, no reencontro periódico de cinco em cinco anos com os colegas do curso de Psicologia, os afetos, achados e guardados despertados pelas fotos e lembranças *acordavam* olhares, imagens e testemunhos, com novos registros e significados.

Por sua vez, a espacialização e a atualização de cenas possibilitadas pelo encontro com o psicodrama moreniano – por meio das sessões de psicoterapia, cursos de especialização nessa abordagem e de uma dissertação de mestrado², como outras tantas tentativas de articulação e integração de diferentes acontecimentos, foram para mim um *théatron*, lugar de ver e experimentar como para os poetas trágicos, versões do mesmo (*cum-versare*), na busca de um caminho próprio.

Em um ensaio publicado anteriormente (VOLPE, 2004), eu me perguntava se a questão do trabalho poderia constituir uma situação *transicional*, no sentido winnicottiano do termo. Nesse sentido, são feitas ali algumas aproximações teórico-metodológicas, a partir da utilização de fotos e narrativas trazidas por dois sujeitos (Arlindo e Ferdinand), articulando a situação do trabalho a outras experiências de sua vida: continuidade e ruptura; permanência e transformação.

Quando Arlindo e Ferdinand chegaram a meu consultório vindos de outro estado, tratei de os ouvir, (re)colher artesanalmente suas falas, lembranças e associações, como enriquecimento de si mesmos e de sua capacidade de viver. As

---

² Posteriormente transformada em livro: *Édipo: psicodrama do destino*. São Paulo: Agora, 1990.

histórias não estavam concluídas/articuladas (*symbállein*) poderiam vir a ser transformadas por meio de novas conversas, outros olhares e versões (*diabállein*)³.

Num contato informal em outra cidade onde eu visitava um parente distante, Arlindo e Ferdinand – como os chamo aqui --, relataram que a chegada da aposentadoria havia provocado rupturas em seu dia-a-dia. Sabendo que eu era psicólogo, tais conversas tomaram rumos insuspeitados. Arlindo disse que precisaria vir a São Paulo para resolver algumas pendências e aproveitaria a ocasião, caso eu concordasse, para um olhar reflexivo sobre a situação do trabalho, da recente aposentadoria e efeitos disso em sua vida pessoal. Ferdinand que ouvira parte da conversa, prontamente manifestou o mesmo interesse para uma *conversa*, conforme disse. Assim, alguns dias depois já em São Paulo, entrei em contato com eles solicitando que escolhessem algumas fotos de sua história pessoal ou familiar, podendo aí incluir a família de origem, que associassem a *trabalho*, construindo em seguida narrativas por escrito, com as lembranças e significados despertados pelos estímulos socioafetivos das fotos. Eles me enviaram cópias das fotos e respectivos relatos escritos e, tempos depois, encontrei-me separadamente com os dois, em horários combinados para essa finalidade.

Para os dois sujeitos (mais significativamente para Ferdinand), o trabalho em empresas havia sido bastante penoso pelo esvaziamento e ruptura da capacidade de manter a continuidade na relação sujeito/objeto, eu/outro – muito diferentemente de suas vivências do período da infância. Nestas, Arlindo, Ferdinand e os respectivos pais,

---

³ Interessante assinalar que o verbo *symbállein*, em grego, fala da tentativa de articular e reunir, de recolher num mesmo lugar ou dispositivo as flechas e dardos arremessados de diferentes posições; e *diabállein*, o movimento complementar, de dispersar, ir a diferentes lugares, espalhar-se... *Symbállein* e *diabállein*: movimentos definidores da experiência; pontes que unem/separam eu e outro; dentro e fora; realidade e fantasia...

trabalhando em uma agricultura de subsistência na horta e no terreno próximos à casa, mantinham uma relação intensamente enraizada à terra e aos objetos do cotidiano: “sentiam-se em casa”, com a confiança de estar e de ter um lugar.

Posteriormente, a entrada no mercado de trabalho na adolescência e, mais acentuadamente, após a conclusão do curso superior, representou para Ferdinand, e em menor grau para Arlindo, um progressivo distanciamento, esgarçamento e ruptura com suas origens acentuadamente rurais. A adolescência, o curso superior e a entrada no mercado de trabalho na *cidade* levaram ambos à criação de dispositivos para lidar diferentemente com os lugares e objetos que foram sendo perdidos ou substituídos. Novas referências para si e para o outro foram construídas e reconstruídas no deslocamento entre o centro da cidade e os bairros mais distantes para onde retornavam no final do dia.

Nesse sentido, as possibilidades criativas e transformadoras trazidas no decorrer do trabalho assalariado – em especial para Arlindo -- estiveram associadas à percepção e utilização de sistemas de auto-proteção, das brechas ou táticas de resistência e da reinvenção do cotidiano, a coexistência de diferentes lógicas interconectando a vida em um bairro afastado com o ambiente moderno da cidade, a necessária negociação da convivência com a diferença. Para Arlindo, tais possibilidades criativas expressavam a utilização de recursos sutis e eficazes para enfrentar uma ordem social imposta e a violência do dia-a-dia. Por exemplo, uso do humor e do brincar imaginativo; criação de um jornal na última empresa onde trabalhara, como forma de comunicação entre departamentos e filiais; organização de atividades de lazer fora da empresa, nos fins de semana; o trabalho voluntário em uma ONG próxima à sua

residência; a construção e ampliação de diferentes redes sociais (jogo de futebol com amigos; churrasco; atividades culturais na igreja de seu bairro...).

Podemos dizer que os grupos de convivência dentro e fora do ambiente de trabalho constituíram para Arlindo espaços potenciais de sustentação e de desenvolvimento tanto profissional como também para sua vida pessoal. Assim, o início da aposentadoria foi para ele uma experiência com alguns “solavancos e percalços” (sic), sem dúvida, mas contornáveis... Para Ferdinand, ao contrário, a separação do ambiente de trabalho tornara sua vida insuportável, talvez deixando eclodir angústias que se intensificaram ao longo dos anos levando a um clímax, a experiências de fragmentação e colapso⁴.

Este registro surgido em minha prática clínica de alguns anos atrás instigou-me a estudar as possibilidades de enquadres diferenciados, quando do surgimento de situações não necessariamente psicoterápicas, como é o caso da presente pesquisa, considerando por exemplo o uso que é feito de diferentes mediadores⁵ (músicas, narrativas, histórias ou fábulas, fotografias, recursos expressivos – papéis, tintas, madeira, massa de modelar -- ou outros *objetos em transição*) que potencializam e

---

⁴Ferdinand foi forçado a antecipar a aposentadoria (tempo proporcional) devido a um agravamento de suas condições psíquicas (cansaço; insatisfação generalizada; dores e vozes que o seguiam em momentos de maior tensão). Já havia solicitado afastamento do trabalho em outras ocasiões, quando foi acompanhado somente com tratamento medicamentoso. Havia aí um longo trabalho analítico a ser feito. Dadas as circunstâncias, fiz algumas sugestões e encaminhamentos nesse sentido, com indicações de profissionais em sua cidade de origem.

⁵ Trata-se de um movimento ativo do profissional com a finalidade de apresentar/facilitar a expressão de um ambiente suficientemente bom, que por si mesmo humaniza, simplesmente porque aquilo a ser proporcionado se articulará com o potencial criador do sujeito. Os objetos apresentados estão ali para serem criados/encontrados. No encontro pesquisador-participante, nesse espaço entre é possível o desenvolvimento de experiências mutativas do viver. Ver “Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana”. Ver Tânia Aiello-Vaisberg, *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida/SP: Idéias&Letras, 2004, cap. 2. Mais adiante, retomo e explicito tais questões.

desvelam aspectos significativos do estar-no-mundo de um determinado sujeito ou grupo de pessoas.

O que tornaria essas experiências tão singulares, simultaneamente *sybállein* e *diabállein*: a presença-testemunha de um pesquisador qualificado? A criação de dispositivos ou procedimentos que intensificam o acolhimento e sustentação desses encontros? E se tais dispositivos também acontecessem mediados por um grupo de sujeitos que se reúnem na seqüência de um trabalho mais individualizado?

Assim, penso investigar num primeiro momento se o uso de fotografias aliadas a narrativas favorece a criação de um espaço de troca e comunicação entre o entrevistado e o pesquisador e o resgate de situações significativas de sua vida pessoal. Num segundo momento, verificar se aquelas narrativas produzidas a partir de fotografias selecionadas podem ser usadas como suporte comunicacional, no desvelamento de experiências de continuidade, ruptura e transformação, com a criação de um dispositivo mobilizador de um processo grupal.

Como acompanhamento teórico-metodológico no decorrer deste trabalho utilizo as questões analisadas por Benjamin (1994) particularmente com relação à importância das narrativas, como ampliação das experiências humanas, em momentos de crise e de ultrapassagem (chegada da assim chamada *modernidade*, por exemplo). A proposta trazida pela antropologia visual (SAMAIN, 2005), seguindo os passos de Barthes (2000; 2004) e de Dubois (1994), e a ética do olhar ampliada por Sontag (2003; 2004) serão outros tantos caminhos a considerar no estudo dos desdobramentos imagéticos e narrativos desvelados pelas fotos.

Os desenvolvimentos feitos por Kaës (1979; 2000; 2003a/b; 2004; 2005a/b) serão aqui considerados sobretudo com relação aos grupos de mediação, às experiências culturais intermediárias, ou seja, à idéia de que o grupo é um dispositivo criado na fronteira, *entre* espaços, *entre* discursos. Em suas palavras, o grupo se apresenta como “saco continente, barreira de proteção e membrana filtrante” (2004: 127).

Por sua vez, as perspectivas e olhares trazidos por Winnicott (1975; 1978; 1985; 1990; 1994) contribuem no sentido de uma elaboração, compartilhamento e transmissão de experiências no campo da psicanálise, do estudo dos grupos e de alguns fenômenos transicionais -- o nascimento do híbrido, dos espaços *in-between* (BHABHA, 1993): continuidade/ruptura no cotidiano; tempo/espaço; hospitalidade/separação; habitar/residir e transitar; enraizamento/desilusionamento; pesquisador como *objeto transicional*; grupo/espaço potencial; lembrança/memória/esquecimento; fotografia/narrativa; enfim, presença/ausência... Mais adiante retomo alguns desses aspectos, aqui assinalados em caráter introdutório.

Com relação ao texto escrito propriamente dito, nosso percurso aqui acompanha uma rápida apresentação do patrimônio cultural e da tradição trazidos pelas narrativas (orais e escritas) entretecidas artesanalmente nas relações de sujeito a sujeito e as contribuições da perspectiva winnicottiana com relação ao narrar e suas repercussões no dia-a-dia das pessoas, grupos e comunidades. Também é enfatizado como tais narrativas são confrontadas e, em muitos casos, sofrem uma lenta agonia e morte, com a chegada da modernidade (BENJAMIN, 1994).

O contínuo desvelamento da *experiência* é destacado na seqüência com relação à imagem fotográfica. Como esta pode ser colocada como materialidade veiculadora/transportadora, isto é, como metáfora da condição humana, em seu

caminhar no tempo-espaço. Não se pretende estudar aqui os aspectos técnicos ou físico-químicos das fotos, máquinas e seus acessórios. Interessam-nos, antes, apresentar ainda que em caráter introdutório como se dão as relações entre fotógrafo e fotografado; o estabelecimento do espaço *entre*, trazendo como resultado o nascimento do terceiro em relação; o desdobramento e compartilhamento dessa experiência – a foto e o narrar suscitado por ela.

Na parte relativa ao método propriamente dito, buscamos na contribuição da psicanálise winnicottiana, sobretudo com relação à questão dos objetos e fenômenos transicionais e à apresentação de materialidades mediadoras (por exemplo, fotografias, recursos expressivos – música, tintas, massa de modelar...), alguns indicadores e ressignificadores da experiência vivida por alguns sujeitos, em um primeiro momento individualmente e, posteriormente, no compartilhamento das fotografias e narrativas em um grupo. Nessa apresentação, são importantes as contribuições de Kaës (2005a/b) com relação às formações intermediárias, como destacaremos na sequência.

Nosso trabalho termina com a análise e articulação dos dados levantados (apresentação das fotos, narrativas, relatos e comentários) tanto no trabalho individualizado como em um encontro com todos os entrevistados. Seguem-se algumas considerações finais, enfatizando ou destacando momentos, experiências e (re)encontros havidos. Simultaneamente *sympállein* e *diabállein*.

2 NARRATIVAS COLETIVAS

Uma das consequências da chegada da modernidade, segundo Benjamin (1994), foi o declínio e empobrecimento na arte de narrar, de intercambiar experiências, as quais supõem escuta, interioridade, enraizamento no vivido, um espaço/tempo de acolhimento... Como é que esse declínio ocorre em nossos dias, diante da invasão avassaladora da informação descartável, do fluxo incessante de imagens (televisão, vídeo, publicidade, cinema, internet) e dos instantâneos das máquinas digitais? Que lugar ocupam as narrativas ou que narrativas são possíveis para os jovens que em sua grande maioria não se sentem autores que deixam marcas próprias no caminho? Ou o que ocorre com as crianças de hoje que se encontram fora de *seu lugar* como tal, vivendo prematuramente um ideal “adulto” de satisfação urgente de aspectos narcisistas?

Augé em sua obra *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (2003) analisa algumas características próprias de nossa época “supermoderna”⁶, particularmente o que denomina “figuras de excesso”:

---

⁶ As idéias associadas à pós-modernidade, supermodernidade, hipermodernidade, modernidade líquida e outras designações têm sido discutidas por diferentes pensadores (Lyotard; Castoriadis; Giddens; Baudrillard; Agambem, Zizek, Lipovetsky; Bauman; entre nós, Birman, Freire Costa, para citar alguns). Com ênfases variadas e partindo de perspectivas nem sempre coincidentes, o que existiria de comum em tais “terminologias” ou “construções subjetivas” é o acento na dispersão e fragmentação dos laços sociais, sobretudo a partir dos anos 80 do século XX (intensificação da globalização, do ultraliberalismo e das novas tecnologias de comunicação – a internet, sobretudo). A “era do vazio”, como Lipovetsky denomina nossa contemporaneidade, é marcada pela passagem do individualismo limitado ao ilimitado: uma sociedade que apresenta vínculos e bases emocionais marcados por fragilidade e diluição. Para um estudo crítico dessas características da chamada *contemporaneidade*, ver Maria L. R. de Souza, *Violência*. São

➤ Como o tempo não pára, antes está sempre acelerando, buscamos incessantemente um sentido para o “mundo” (presente e passado). Somos instados a atribuir um sentido a uma sobrecarga de acontecimentos, a um excesso de estimulações (“superabundância factual”);

➤ Existe uma comunicação instantânea entre diferentes espaços (reais; imaginários; virtuais), uma informação que invade sobretudo via mídia e publicidade diferentes áreas do si-mesmo, trazendo novos cenários de desejos a serem realizados ou incessantemente buscados (superabundância espacial) – com perturbações do pensamento e forte submissão a ideais arcaicos.

➤ Cada sujeito quer para si o direito de decidir sobre sua vida, sobre tais informações que chegam de todas as frentes e em diferentes “tamanhos” e intensidades. Tal sujeito se cobra e é cobrado a fazer interpretações de tudo e de todos (superabundância das referências individuais);

➤ Nesse mundo do excesso e transbordamento (tempo, espaço, interpretação), existe um sentimento que perpassa a sociedade contemporânea: a *solidão* e o anonimato, aqui destacados como sinônimos de isolamento e abandono, pela ameaça de perda do sentido de pertença, de vinculação a redes de sustentação.

Como *não-lugares*, Augé se refere especificamente às instalações necessárias à circulação humana, à dos bens (vias rápidas; estações de metrô; terminais rodoviários; aeroportos; ruas; hotéis e supermercados...) e também aos meios de transporte (carros,

---

Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, em especial o capítulo “Pós-modernidade?”, onde tais diferenciações, desdobramentos e ambigüidades são explicitados.

trens, ônibus, aviões). Mais: Augé considera ainda como não-lugares os campos de refugiados obrigados a deixar sua família, terra e bens por ocasião de guerras e conflitos internos de diferentes matizes, num deslocamento quase que ininterrupto... No dizer do etnólogo francês, essa sociedade supermoderna cria espaços de trânsito, passagem e nomadismo constantes, da quase impossibilidade de investimento afetivo, apesar de serem espaços muito *habitados*.

Num mundo hipersaturado de imagens, existiria (ainda) espaço para o lúdico e mágico, para um ser-no-mundo-criança? E para uma comunicação silenciosa que leve à intimidade, a chegar a *sua casa*? As fantasias terão espaço numa sociedade onde a tecnologia faz surgir outros modelos exigentes, além das figuras parentais? Uma das respostas diante desse mundo de excessos e de constante ^{intrusão} é tornar-nos insensíveis, criar uma capa protetora, como que percebendo/recebendo o sofrimento (e essa “superabundância”) *de fora*! Ou um invólucro do anonimato como forma de nos protegermos da invasão... preservando alguns espaços da vida!

Ao mesmo tempo, diante da “cultura do vazio” pós-moderno, da dor dos outros e do próprio sofrimento, outra possibilidade é os seres humanos buscarem um rosto que acolha, um gesto que nomeie e presentifique seu caminhar. Uma resposta singular... Nesse sentido, o desvelamento realizado por diferentes mediadores, por exemplo, narrativas orais e escritas, poderia traduzir um anseio intenso por reencontrar outras significações ao vivido. A comunicação de um saber enraizado na vida mesma, a elaboração de uma experiência *própria*.

Talvez o grande desafio da contemporaneidade seja buscar o enraizamento, *residir* -- o acolhimento e permanência na própria casa, “um quarto todo seu”, diria Virginia Woolf; a proteção e sustentação dos grupos de referência. Ao mesmo tempo e

paradoxalmente, poder transitar, sentir-se cidadão do mundo, eterno viajante, a expansão dionisíaca das ruas, buscar a multiplicidade de novos espaços e a flutuação de suas fronteiras, um lugar de permanente devir... colocar-se em um luto permanente. A liberdade de “ser sempre um pouco estrangeiro” (CALLIGARIS, 2004: 12)⁷.

Em outras palavras, criar e recriar espaços ausentes de todos os mapas e que “nenhum atlas ou viajante pôde descrever”, como afirma Serres (1997: 24)⁸, na epígrafe inicial. Narrativas, fotografias e o trânsito de todo nadador/viajante (Serres)⁹ são marcados pela preposição *entre* – o início e um ponto no horizonte definido como chegada; dentro e fora; eu e outro; meu-não-meio; conhecido-desconhecido --, “eixos através dos quais giram as diferenças do mundo” (SERRES, 1994: 24).

Nesses espaços de fronteira, existe um trabalho de costura artesanal, marcado pela entrega paciente, por intensidades e rupturas -- possibilidades singulares que distinguem a vida de (muitas) crianças, o talhar do poeta, do contador de histórias, dos retratistas e narradores do cotidiano que se debruçam sobre o imaginário e a memória do ouvinte/leitor – como os repentistas, os cantores do *rap* e do *hip-hop* --, dos profissionais que auscultam a intimidade da alma humana... Tais *artesãos* transformam palavras, sonhos, fantasias, imagens, objetos -- a vida e a morte --, em música, história, fotografia, relato biográfico, literatura, arte, mil e uma noites..., um terceiro em constante interlocução, produtor de sentido(s).

---

⁷ Ver Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*. São Paulo: Publifolha, 2004 – (101 Crônicas).

⁸ Mais adiante, retomamos a questão dos espaços *in-between* (Bhabha) e dos fenômenos transicionais (Winnicott) e das formações intermediárias (Kaës).

⁹ Curiosamente, *perigo* (tentativa, risco) e *experiência* (passar por provas, sair de si, arriscar, ir mais adiante) têm a mesma raiz: do latim *periri*. Ver, nesse sentido, a citação de Serres (1997) na epígrafe inicial.

A despeito do avanço do livro, da tevê, da informação jornalística e do caleidoscópio tecnológico-digital – da superabundância, do efêmero, dos excessos e da urgência dos fatos, aos quais se refere Augé --, a necessidade de narrar e de recriar histórias presente em diferentes comunidades culturais ao longo dos séculos ainda se mantém na música e literatura popular; nas pequenas cidades; espaços familiares; programas interativos de rádio; grupos de referência; e como desdobramento de filmes assistidos ou de programas televisivos...

Nesses encontros, as pessoas (às vezes com a sabedoria dos anos) conversam até tarde no aconchego da sala íntima ou da cozinha, à porta de suas casas, nos bares, praças e outros espaços públicos, produzindo histórias que vão sendo lembradas e reinterpretadas, articuladas ou não a lembranças trazidas pela memória, ao balanço musical, ao texto de um poema ou obra teatral, à imagem inquietante de uma fotografia, escultura, pintura... À medida que os encontros prosseguem, novas ressonâncias dialógicas são suscitadas, desdobrando-se em múltiplos sentidos que se prolongam tanto mais quanto as imagens, cenas e tramas vislumbradas/construídas possibilitarem a apropriação das experiências como *suas*.

Trata-se de uma tentativa de se dar uma história, de estar no mundo e habitá-lo, de contar a realidade. Nesse sentido, as narrativas são possibilidades vivas e criativas de dar um contorno às experiências assustadoras ou desconhecidas, às falhas de sustentação/continência e às agonias primitivas, fazendo aproximações com áreas do si mesmo até então isoladas e incomunicáveis. Tornam-se um recurso para reinventar (e prolongar) a própria história – como uma co-criação do eu e da alteridade --, deixando rastros que retomados permitem novo olhar e atualização de seu sentido. Em poucas palavras, narrar é reelaborar uma *experiência*.

Experiência diz respeito a um “levar mais adiante”, -- afastar-se do porto e da margem segura -- uma abertura ao Ser, condição e possibilidade da linguagem; lugar de habitação do mundo, permitindo instaurar uma estabilidade no caos da indistinção entre mundo e psique. Fala-se, pois, da experiência como lugar de transporte (*metaphorēin* = metáfora), de atravessar um caminho em uma viagem (pelo menos esse é o sentido do termo *Erfahrung*, utilizado por Benjamin e por Freud). Não é algo de que lançamos mão, antes algo que nos transporta, uma presença/ausência que nos convida a percorrer caminhos novos, alargando os horizontes com os outros¹⁰.

A *experiência autêntica* (assim denominada por Benjamin) é uma viagem ao longo do tempo (ou a viagem de uma vida ou de muitas): supõe a elaboração, a resignificação do vivido, do sentido histórico dos acontecimentos. Por sua vez, *vivência* (*Erlebnis*, termo usado por Freud) se refere à vida interior, à vida em seu sentido mais pessoal, a tudo aquilo com o que, direta ou indiretamente, entramos em contato e que, no presente, percebemos como amarrado a *este* tempo contemporâneo. Traduz algo que vai e vem de modo ininterrupto ao longo de nosso percurso, com tendência a buscar refúgio nos espaços privados.

Na vida moderna, o homem está submetido à ditadura do “tempo homogêneo e vazio, um tempo saturado de *agoras*” (BENJAMIN, 1994: 229). Nessa experiência fragmentada, é levado a privilegiar a rapidez, o olhar do *flâneur*; subordina-se ao ritmo das máquinas e relógios e à transitoriedade do momento. No mundo da alegoria próprio da grande cidade, o sujeito é levado de uma alusão a outra, submetido a uma presença artificial. O fenômeno da publicidade e da tevê acentua esse caráter de irrerealidade, esse

---

¹⁰ Esse também parece ser o sentido dado por Serres (1997), Winnicott (1975) e Kaës (2003a/b; 2004; 2005a/b).

sentimento de virtualidade. Tal quadro promove a demissão do sujeito, ameaça seriamente o repouso e a reflexão necessários ao desvelamento da palavra na experiência coletiva (*Erfahrung*).

Mas, como afirmam Romanelli e Biasoli-Alves (1998: 45), se a vida puder ser “lançada dentro da história, ampliando o campo de ação, trazendo detalhes de emoções, atitudes e sentimentos e possibilitando cumplicidade, compartilhamento entre comunidade e história”, dar-se-á todos os dias uma contínua integração e ressignificação do espaço-tempo. O valor da experiência ganharia destaque como fonte e possibilidade da narrativa, pois se criaria um espaço de ilusão/desilusão no qual se alternariam experiências de presença e de ausência. A esse respeito, Winnicott (1990: 46) comenta:

Emergindo do que poderia se chamar de elaboração imaginativa de funções corporais de todos os tipos e do acúmulo de memórias, a psique (...) *liga o passado já vivenciado, o presente e a expectativa do futuro uns aos outros*, dá sentido ao sentimento do eu, e justifica nossa percepção de que *dentro daquele corpo existe um indivíduo* (Grifos nossos).

O narrador torna-se autor, nomeia e inventa incessantemente o mundo... Brinca e, por isso mesmo, (re)liga-o, confere-lhe um sentido novo. Isso favorece o compartilhamento, a celebração dos sentidos de existir, da continuidade da existência, o comprometimento de todos -- narradores, interlocutores e ouvintes -- na incessante tentativa de construção e ressignificação do vivido. Opera-se um interjogo entre a privacidade do sujeito e seu espaço socio-histórico. Se ocorre a confluência da tradição no presente, também se dá sua recriação.

Agonia da experiência de narrar

Benjamin (1994), em seu ensaio *O narrador*, de 1936, antecipando-se criticamente às mudanças deflagradas nas décadas seguintes, discute algumas razões que provocaram a agonia do narrador e da narrativa com o advento da assim chamada modernidade. O narrar está em baixa porque definharam as ações de compartilhar experiências. Segundo Benjamin, os soldados voltavam mudos das trincheiras de Verdun, vinham despojados da experiência comunicável, constitutiva da humanização.

Para ele, a barbárie civilizatória triunfa, atrofia, impede o narrar. Este é construído por aquele que *vem de longe*. Mas agora exatamente o que foi levado para longe, aquele que deve contar sua história regressa mudo, porque o que ocorreu não cabe em palavras, é inenarrável! Os sobreviventes encriptam a história da catástrofe, como se o seu dizer fosse inapropriado às necessidades de quem não testemunhou diretamente a morte e a destruição. Os que ficaram vêm-se obrigados a falar do que não sabem: do horror, do emudecimento... Trata-se de autorizar uma fala! Tomar a palavra, *mastigá-la*!

As constatações de Benjamin são de 1936. Da segunda metade do século XX em diante, as transformações ocorridas no capitalismo industrial e nos diferentes meios de comunicação entram num vórtice que privilegia fortemente o culto da imagem; a necessidade de soluções rápidas e a explicação plausível e acabada da notícia; a fuga da privacidade e da intimidade; a recusa dos limites do humano (avanços na pesquisa tecnológica; técnicas de fertilização...); a motivação para o lucro e o consumo; a fruição solitária do texto; a pobreza nos processos de simbolização e da capacidade de fantasiar; o pragmatismo do discurso racional e científico; enfim, a presença dos relacionamentos

rápidos e das comunicações virtuais. Vivências *fast food* que podem ser apagadas (ou acessadas) a qualquer momento (*blogs, chats, orkuts, msn...*)!

Vivemos uma época em que predomina o encurtamento dos espaços, a individualização do coletivo; em que se tenta abolir os vínculos entre passado e presente; atravessar o fluxo do tempo como se tudo fosse onipresente. Nesse jogo de aparências, tudo se volatiliza, parece descartável; as fronteiras entre eu e outro se diluem no espaço cibernético, na procura errática do *zapping*... Citando Bauman (2001: 149):

Corpo esguio e adequado ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para uso dos nômades que têm que estar 'constantemente em contato'), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade. (...) É difícil conceber uma cultura indiferente à eternidade e que evita a durabilidade. Também é difícil conceber a moralidade indiferente às conseqüências das ações humanas e que evita a responsabilidade pelos efeitos que essas ações podem ter sobre outros. (...) *vivendo num presente que quer esquecer o passado e não parece mais acreditar no futuro.* (Grifos nossos.)

Quanto mais esse homem vive, menor o tempo para cada uma de suas coisas, sejam elas artefatos, produções culturais ou conceitos científicos. Como conseqüência, é o homem da *vivência* que organiza a vida hoje, principalmente nas grandes cidades.

Os contornos desse outro sujeito que emerge nesses tempos de supermodernidade (ou hipermodernidade, segundo outros) guardariam diferenças significativas em relação às pessoas do início do século XX. Isso significa que não existiriam espaços ou dispositivos de acolhimento e elaboração da experiência em nossos dias?

O narrar e as histórias narradas, como acontecimentos que celebram a singularidade de um grupo, foram perdendo sua referência aglutinadora e integradora,

vinculada ao patrimônio cultural e à tradição... Com a invasão do mundo do espetáculo, do simulacro e da montagem concreta de ilusões trazidas por diferentes modelos (econômicos, culturais, relações afetivas) – e intensificados pela assim chamada globalização --, percebe-se hoje um esvaziamento e perda da intimidade e do silêncio, espaços fecundos de sustentação da vida em seus múltiplos aspectos. Os sofrimentos psíquicos predominantes hoje estariam associados a perturbações dos “estados-limite”, com falhas nos sistemas de mediação, de ligação e desligamento, de falhas nos processos de transformação. Como diz Benjamin (1994: 198):

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (...) *a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores.* (Grifo nosso.)

As narrativas constituiriam, assim, momentos de tecitura das reminiscências, de comunicação artesanal e de co-criação em um trabalho que se prolonga: “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois” (*op.cit.*, 1994: 37). Em outras palavras, a narrativa se tornaria ao longo do tempo uma possibilidade *estruturante* da vida, uma múltipla busca identitária, individual e coletiva, de orientação e de sentido. Pois, se a vida acontece como um saber surpreendido nos entremeios da linguagem e nas possibilidades do cotidiano, ela é sempre narrativa em construção, uma tentativa fragmentária de capturar o mundo e seus instantes decisivos, dando-lhes um sentido.

Assim sendo, a busca emancipatória, a apropriação e pertencimento cultural, a construção da singularidade e a possibilidade de construir narrativas poderiam ser reconhecidas como *movimentos de resistência* – processos marcados por idas e vindas

nos desvãos do cotidiano. Movimentos que levariam à busca da experimentação criadora, de novas configurações relacionais e de expressão. Como isso ocorre em nossos dias?

Se a assim chamada modernidade e, acrescentaríamos, a “supermodernidade” (AUGÉ) buscam promover a excitação dos sentidos trazendo riqueza, beleza e deslumbramento, o fascínio da rapidez e do entretenimento, também reavivam experiências de vazio, terror, solidão e morte --, experiências que, ao não serem ressignificadas e partilhadas, acabam por esterilizar e petrificar a vida.

Os fundamentos da identidade e o sentido de pertencimento a um conjunto social encontram-se abalados, afetando as funções do *intermediário*¹¹ no campo da cultura e da vida social. Nesse sentido, Kaës evoca (2003b: 15-16) “a mutação das estruturas familiares e a fratura dos vínculos intergeracionais; a notável mudança nas relações entre os sexos (notadamente no estatuto da mulher); a transformação dos laços e sociabilidade, de estruturas de autoridade e de poder; e a confrontação violenta resultante do choque entre as culturas”. Com o enfraquecimento das formações intermediárias, dá-se uma confusão entre o dizer e o fazer, entre a ação e a representação, com conseqüências nos vínculos intersubjetivos e nos processos de simbolização.

---

¹¹ Para Kaës (2005b), as formações intermediárias são processos de ligação e os resultados de tais processos. Permitem passar de um pensamento a outro, de um sujeito a outro. Por exemplo, o sonho pode ser entendido como formação intermediária entre o dormir e a vigília. O interesse metodológico em relação ao estudo das formações intermediárias diz respeito a que nas situações de crise e de ruptura existe um ataque a tais formações. Estas indicam, quando em crise, a identidade do que elas separam e unem. O que era articulado, passagem, redução de antagonismos, passa a ser separado, oposto, desorganizado. Assim, o enfraquecimento dessas formações de ligação e de passagem impede, por exemplo, os processos de individuação nas famílias e nos grupos. Um dos sintomas do mal-estar contemporâneo está relacionado ao apagar e ao debilitamento das formações intermediárias.

As histórias e narrativas, como formações de ligação intersubjetiva que celebram a vida coletiva, a singularidade e o enraizamento de um grupo, perdem sua referência catalisadora, prevalecendo em nossos dias a posição de sujeitos esfacelados, descentrados e multiformes, que reagem por automatismos e se mostram extremamente dependentes do investimento de um outro.

Os sujeitos vivem desancorados dos portos de origem e de suas mediações. Ocorrem falhas significativas na constituição das fronteiras eu-outro, nos processos de ancoragem e de continuidade do si mesmo: família, grupos de referência, situação social, nação, ideais sociopolíticos ou rituais fundadores – sua existência-no-limite torna-se como que pelo avesso um gesto desesperançado/desperador de vir a ser sujeito desejante, na esperança do restabelecimento de tais funções intermediárias.

A repetição de experiências de ruptura e descontinuidade e a quebra dos códigos socioculturais trazem ao longo do tempo o esgarçar e a lenta supressão do acontecer artesanal da comunicação, com a singularidade de quem narra uma história. O acontecer humano perde sua força naquilo que lhe é mais próprio e decisivo: o trabalho sustentador da construção coletiva; o fecundo entrelaçamento dos vínculos interpessoais; um sentido a ser buscado em meio à ameaça e ao sofrimento; a presença enriquecedora de uma comunidade de referência, de uma acolhedora comunidade de destino (BRANDÃO, 1998: 306); diferentes formas de vivenciar a temporalidade e a espacialidade; enfim, a amplitude do compartilhar experiências, abrindo-se ao movimento de ir-e-vir, em direção ao estranho, diverso e inesperado..., ao sofrimento com o qual os seres humanos se defrontam em sua caminhada.

Ressignificando o vivido

Ao se referir a diferentes espaços biográficos e narrativos, uma construção complexa que visita em nossos dias cenários plurais, polifônicos, multiculturais, com recortes fragmentários, Arfuch (2002) destaca as fronteiras lábeis e as intersecções ambíguas entre biografia, autobiografia, novela histórica, testemunhos, diário íntimo, correspondência, etc. No narrar, no retrato, relato, depoimento, entrevista, histórias de vida, memórias --, em todos esses *cenários* existe, segundo a autora, um trânsito de identidades em constituição, uma escuta dialógica do outro e dos delicados limites entre interpretação e manipulação... Como consequência, o narrar coletivo – mesmo que fragmentário -- pode ser o suporte, o continente para aquilo que ficou vazio (ou com ausência de sentido) na memória individual?

Como vimos afirmando, os relatos e narrativas possibilitam o fortalecimento dos vínculos sociais, a elaboração e transmissão da experiência pessoal e coletiva. Rememorar/comemorar é recordar no meio de muitos, atravessar diferentes versões, emoções e pensamentos, até alcançar um sentido comum..., é recorrer a outras vozes para assegurar a sobrevivência da própria. Compartilhar, narrar e escrever são perspectivas que permitem “enganar a morte... ajudar a refigurar o tempo”, diz Kloczak (2005: 66)¹², com a possibilidade de construir tais redes de sustentação.

O escritor Ítalo Calvino termina sua obra *As cidades invisíveis* (1999: 159) concentrando em um símbolo – a cidade – o complexo emaranhado entre o transitar e o habitar da experiência humana:

Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: *tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.* (Grifos nossos.)

---

¹² Ludmila Kloczak, “Violência silenciada”, em BARONE, Leda Ma. C. (coord.) *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

A pós-modernidade acentua a violência intrusiva ao generalizar o exílio, desenraizamento e ruptura dos laços sociais, as experiências dos não-lugares (Augé). Nesse sentido, aquilo que não pode ser simbolizado, o não-dito, negado e reprimido formam parte do esquecimento, “até o ponto de deixar de percebê-lo”, diria Ítalo Calvino. Para que tais angústias não se convertam em mais violência, em angústias de aniquilamento de si e do mundo -- deixando os “infernos” penetrarem suas vidas --, as pessoas trabalham, fazem arte(s), escrevem, brincam e conversam de escuridão em escuridão¹³, “enganando a morte... e refigurando o tempo”, na afirmação de KLOCZAK.

Só é narrado o que se experimenta

Como comemoração de diferentes experiências híbridas -- sempre no cruzamento dialógico de vários eus e de vários tus --, as narrativas ampliam o acontecer humano continuamente "retomado, repetido, envolvido, protegido, re combinado, reinterpretado e refeito" (LATOUR, 2001: 74)¹⁴. Ou seja, por organizarem escolhas e tomadas de decisão, as narrativas nascidas do cotidiano na transição sujeito-grupo de referência, dirigem-se à ressignificação do vivido por narradores e interlocutores. Acabam por transformar não só o fato narrado e o narrador, como também os rumos que as narrativas alcançam: “quem conta um conto aumenta um ponto”; “quem ouve um conto...”¹⁵.

---

¹³ Citando Maya Angelou, em *Escritoras e a arte da escrita* (Rio de Janeiro: Griffus, 2001, pág. 225): “Posso dizer que quando escrevo, estou tentando descobrir quem sou, quem somos, o que somos capazes de fazer, o que sentimos, como perdemos, nos levantamos e *prosseguimos de escuridão em escuridão*. É isso que faço”. (Grifos nossos.)

¹⁴ Bruno Latour, *Jamais fomos modernos* -- ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 2001.

¹⁵ Respondendo ao grande Kublai Khan, Marco Polo diz: “eu falo, falo, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. (...) Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”. Em Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pág. 123.

Como canal de articulação simbólica, tais relatos organizados artesanalmente permitem que os sujeitos criem e mapeiem seu mundo e também veiculem determinadas concepções desse mundo por meio de enredos multifacetados e do clima afetivo por eles despertado. Nesse sentido, só se narra aquilo que se *experimentou*.

O narrar recria o *self* no mundo da viagem humana -- saber-se nômade, em trânsito e ao mesmo tempo enraizado --, transformar a existência em sabedoria, conferir sabor à vida e a seus acontecimentos, entre eles, a convivência em diferentes grupos, famílias e instituições. Por isso mesmo, uma história é sempre uma história *para* alguém, nesse sentido, uma *metáfora*. Aquilo que um sabe ou conhece é sempre aquilo que outro pode significar-lhe, em um ritmo de confiança, em uma reciprocidade com múltiplos sentidos, hospedando em si a diferença, a aceitação do novo, do "estrangeiro" e não-familiar.

As narrativas, relatos e mitos, como dispositivos fundantes, apresentam-se para conter, sustentar e mediar as lacunas e vazios que perpassam o caminhar humano. Muitas vezes, no entanto, o silêncio da violência ou a ameaça da ruptura dos diversos vínculos geracionais -- pela intensidade da angústia e sofrimento associados ao acontecimento traumático --, limita/impede o acesso ou a resignificação de tais experiências, o trabalho de articulação de *sympállein/diápállein*, como dissemos na Introdução.

Na medida em que os diferentes legados não podem ser narrados e elaborados, permanece a violência cumulativa do proibido, esquecido ou mantido enredado, com sofrimento para os diferentes grupos sociais, configurações familiares e comunidades... A violência é sempre injustificável porque transforma em coisa toda pessoa sujeita a ela. Nesse sentido, seria possível experimentar o lugar de sujeitos desejantes num mundo

“globalizado” que tende à desindividuação, à constituição de egos frágeis, com tão reduzidos espaços e dispositivos de mediação, ligação ou religamento? Como elaborar experiências de construção/destruição; ancoragem/retirada de apoio, -- “entre ruptura e sutura” (KAËS, 1979: 11)?

A linguagem, a arte e o trabalho grupal como formações *intermediárias* eu-outro, transformadoras dos vínculos sociais e instâncias fundadoras do humano, convocam ao encontro, são escudos contra a própria violência e a do outro. Nossa vida é marcada por experiências culturais de passagem, movimentos de abertura e fechamento, crise e criação: são elas que nos dão fôlego para escrever, trabalhar, brincar e... *falar*. Como afirma incisivamente o poema de Brito (2003)¹⁶:

A linguagem é coisa delicada de se pegar com as pontas dos dedos.

Um gesto mais brutal e pronto: o nada.

A qualquer hora pode advir o fim.

O mais terrível de todos os medos. Mas, felizmente,

Não é bem assim. Há uma saída – falar, falar muito.

São as palavras que suportam o mundo,

Não os ombros. Sem o “porque”, o “sim”,

Todos os ombros afundavam juntos.

Basta uma boca aberta (ou um rabisco num papel)

Para salvar o universo.

Portanto, meus amigos, eu insisto: falar sem parar.

Mesmo sem assunto.

---

¹⁶ Paulo Henriques Britto, *Macau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

3 FOTOGRAFIAS: RECORTAR, OLHAR, LER

Francisco Goya produziu uma seqüência numerada de gravuras -- *Desastres da Guerra* --, feitas entre 1810 e 1820 e só publicadas em 1863, trinta e cinco anos após sua morte¹⁷. Nelas retrata as atrocidades cometidas pelos soldados de Napoleão ao invadir a Espanha em 1808, para sufocar uma revolta contra a dominação francesa. As 83 imagens apresentam-se ligeiramente esboçadas sob um fundo enegrecido, constituem narrativas fragmentárias da guerra.

Cada imagem, legendada por uma breve frase que deplora a crueldade dos invasores e a monstruosidade dos sofrimentos infligidos, se sustenta de forma independente das demais. Mas o efeito é devastador: o relato das atrocidades da guerra constitui um ataque, um choque que provoca e abala a sensibilidade de qualquer espectador. Como se alguém dissesse: “você suporta olhar para isso?”

Enquanto a imagem, como toda imagem, “é um convite ao olhar, a legenda, na maioria das vezes, insiste na *dificuldade* exatamente de olhar” (SONTAG, 2003: 41. Grifo nosso.). Existe em Goya uma ambigüidade semântica que reflete a amargura e protesto diante da guerra e do sofrimento causado pela violência. Por mais que se desvie o olhar, a imagem penetra fundo: pode ser evocada (depois) pela memória e desvelada pela palavra, com diferentes interpretações e sentidos...

---

¹⁷ Os *Desastres da Guerra* ficaram guardados durante anos. Goya temia ser denunciado à Inquisição. As imagens e as legendas que as acompanham têm a contundência da “chifrada de um touro”, *gritam* o que ocorre quando os homens são levados ao limite do suportável ou estão destituídos de qualquer forma de defesa.

A frase abaixo da gravura de Goya declara: Não se pode olhar! (*No se puede mirar*). Outra diz: Isto é ruim (*Esto es malo*). E ainda: Isto é pior (*Esto es peor*). Outra esbraveja: Isto é o pior! (*Esto es lo peor*). E continua a provocação: Bárbaros! Que loucura!, grita outra. *Fuerte cosa es!* (Chega! É demais!). Por quê? (*Por que... por que... por que?!!*) Tais imagens produzem um efeito *bumerangue*, atestam, gritam como em eco: “coisas assim aconteceram e continuam a acontecer!”

Freud se pergunta em *O mal-estar na civilização*, de 1930, por que os homens não são felizes e porque sofrem tanto. Ele analisa três fontes geradoras de sofrimento: a força arrasadora da natureza; a fragilidade de nosso corpo; e a insuficiência de métodos para regular as relações dos homens entre si, na participação em diferentes grupos e instituições.

Como resposta à força avassaladora da natureza, o homem exerce seu domínio criando e desenvolvendo diferentes técnicas que visam superá-la. Em relação à fragilidade do corpo e à presença da morte, ele cuida da saúde e da alimentação; investe em atividades artísticas e esportes; trabalha, escreve, brinca e... conversa noites a fio, de “escuridão em escuridão”. Com relação ao terceiro tipo de sofrimento, de origem social, Freud escreve (1996: 105):

Não podemos perceber por que as instituições que nós mesmos edificamos não representam proteção e benefício para cada um de nós. Contudo, quando consideramos o quanto fomos mal-sucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui subsiste, por trás desse fato, uma parcela de natureza incontestável – dessa vez, uma parcela de *nossa própria constituição psíquica*. (Grifos nossos.)

As obras de Goya, Dostoiévski, de outros mais, e a análise de Freud sobre “nossa própria constituição psíquica” consideram que a maneira como são reguladas as

relações dos homens entre si e a insuficiência das instituições e de suas funções intermediárias são responsáveis pelos sofrimentos sociais.

Gregor Samsa, o anti-herói de *A metamorfose*, de Kafka, pendura uma moldura dourada em sua cama com a imagem que recortara de uma revista ilustrada, representando uma mulher de chapéu e estola de peles. Ao se perceber transformado em inseto, tenta desvelar a humanidade fugidia que ainda ressoa nele, essa humanidade à qual busca se agarrar e testemunhar. Que faz Gregor Samsa? “Arrastou-se com rapidez para cima, comprimindo seu corpo ao vidro, que o segurou e fez bem à sua barriga quente. Pelo menos essa imagem, que Gregor cobria de todo, *com certeza ninguém haveria de levar embora*”.¹⁸

Tisseron (1997)¹⁹ comentando a força que essa imagem possui, diz que Kafka mostra de maneira extraordinária nessa obra que “a imagem é um território ao qual nos agarramos para assegurar nossa humanidade”. É necessário deixar-se penetrar pela imagem, *aderir* a ela para que se constitua em território de significação, para que, assim, “ninguém a leve embora!”

Historicamente, a arte de Goya, Dostoievski, Kafka e... representam um clímax. Poderíamos dizer que tem início com eles um novo padrão de receptividade aos sofrimentos, uma nova estética e uma nova ética diante do humano, no campo da arte (SONTAG, 2003). Se as imagens construídas por artistas como Goya, Munch, Picasso, Dali, Portinari e muitos outros têm o poder de revolver a alma (e o estômago!) de quem

---

¹⁸ Franz Kafka, *A metamorfose*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 65. Grifo nosso.

¹⁹ Serge Tisseron, “Société de l’image et construction du sens”. Mesa-redonda: *L’image d’information à l’école: de l’innovation à la généralisation*. Toulouse, 7 a 10 de julho de 1997. Texto disponível no site <www.clemi.org/formation/conferences/tisseron>. Acesso em 20 de maio de 2007.

as (ad)mira ou de quem é atravessado por elas, o mesmo não ocorreria com as imagens fotográficas?

A fotografia fala de um jeito de viver

As imagens fotográficas têm sido consideradas ao longo do tempo como ponto de convergência de diferentes discursos, que acompanham tanto a produção como a recepção e a contemplação de tais imagens. Como produto a ser visto (com os olhos e com as mãos), elas representam uma interlocução do fotógrafo/autor com o espectador/decifrador, uma *conversa* na qual se exprime o que se vê e sente.

Fotografias apresentam-se como um artefato socialmente construído e também como uma ferramenta de trabalho na pesquisa e investigação. Em outras palavras, elas são vividas como um jeito de viver, "uma maneira de ver e de pensar o mundo", sintetiza Samain (2005: 14), seguindo os passos de Barthes (2000) e Dubois (1994).

As fotos não existem para serem simplesmente observadas, antes para serem faladas, apalpadas, *apropriadas* (ou destruídas), conduzindo a recortes e fragmentos narrativos, a um vaivém no qual agem a imaginação, a memória e a singularidade do acontecimento. Podemos dizer, pois, que *criar uma imagem*, olhá-la, mostrá-la e comentá-la modificam a relação consigo mesmo e com o interlocutor (presente ou não). A imagem penetra em nós, deixa marcas, podendo ser evocada e lembrada com suas nuances, distorções e silêncios.

Um dos espaços nos quais a fotografia se faz presente desde seus inícios é a centralidade da família. Bourdieu chega a dizer (1989: 38) que mais de dois terços de todos os fotógrafos estão ocupados em captar imagens de cerimônias ou reuniões

familiares, além do turismo ou das férias. Nesse sentido, Bourdieu diz que a fotografia subsiste devido a sua função *familiar*, em outras palavras, pela função que o grupo familiar lhe atribui; por exemplo, dar um caráter solene e eternizar grandes momentos da vida em família. Esta fixa e define seus eventos fundadores e reafirma periodicamente o sentimento que o grupo familiar tem de si mesmo e de sua unidade.

As fotografias teriam, assim, um jeito próprio de evocar instantes perdidos de um aspecto da família e do mundo, de descongelar um tempo/espço construído socialmente, de *falar* do mundo trazendo sua versão daquilo que não se veria de outro modo.

O ato fotográfico redesenha e configura permanentemente mapas da realidade e seus contornos, revelando momentos vivos, um gesto espontâneo: "Ah, se houvesse apenas um olhar, o olhar de um sujeito, se alguém, na foto, me olhasse! Pois a fotografia tem esse poder (...) de *me olhar direto nos olhos*" (BARTHES, 2000: 164. Grifo no original.). Sim, a câmara traz o espectador para perto, para demasiado perto... Revela-o, penetra-o... mesmo que esse interlocutor desvie o olhar, como insiste Aguirre²⁰:

Aparece no jornal a fotografia de um menino de sete anos preso por inalar substâncias tóxicas.

Aparece em um jornal a fotografia de uma indiazinha que estende a mão implorando ajuda.

Aparece a fotografia de um homem e uma mulher que deixaram sua filha recém-nascida morrer porque – disseram – queriam um menino.

Aparece em um jornal a fotografia de um grupo de desempregados que nos olham fixamente com olhar ao mesmo tempo de angústia e rancor.

Aparecem essas fotografias no jornal e não dizemos nada.

Logo aparecem fotos em uma revista que mostram uma atriz seminua, e então dizemos que elas são extremamente imorais.

---

²⁰ Armando Fuentes Aguirre, "Las fotografías quotidianas". Epígrafe ao artigo "La fotografía y la antropología: una historia de convergencias." *Revista Latina de Comunicación Social*, La Laguna (Tenerife), abril-junho 2003, ano 6, nº 55. Nossa tradução. Disponível em <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/20035522gamboa.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2007.

Nos últimos duzentos anos, a fotografia tornou-se fonte inspiradora, ponto de partida indissociável, "matriz-mãe" (DUBOIS, 1994) de realidades que sustentam os avanços técnicos, eletrônicos e sociais da produção contemporânea de signos visuais e auditivos. Mesmo com a grande banalização da imagem (e da vida humana) no mundo contemporâneo, -- "aparecem essas fotografias e não dizemos nada" (Aguirre) --, paradoxalmente a fotografia torna-se catalisadora e mediadora polissêmica, levando a diferentes perspectivas, a variadas metáforas. Como instrumento privilegiado, ela revela imagens que permitem um dar-se a ver.

O homem moderno sente que tem a posse do objeto fotografado: a máquina parece ser um instrumento de apropriação e de familiarização do mundo, religa-o à sua vida. No dizer de Oliveira Jr. (*apud* SAMAIN, 2005: 71) : "a fotografia impressiona, revolta, traz lembranças, desperta alegria, rouba palavras, provoca indignação e recupera raros instantes de poesia e beleza dos homens no seu mundo...".

O valor mais amplamente aceito da fotografia desde seu início é como testemunha documental, como prova, por exemplo, sublinhando o caráter verídico de um relato, a certificação de uma presença ("eu vi!"; "isso aconteceu!"; "estive ali!"; "aqui eu na garupa de meu pai"; "olhem – dizem as fotos – é *assim!*"). Nesse contexto, sobrepõem-se fidelidade, realidade, verossimilhança e autenticidade – com a pretensão de abarcar, de conseguir uma *gestalt* do acontecido ou vivido. As fotos tornam-se um registro (cópia, transcrição, inscrição) do real – as máquinas fazem o registro – e, ao mesmo tempo, dão testemunho do real: alguém esteve lá para tirá-las, o que sugere que aquilo que uma foto diz pode ser lido de diferentes maneiras.

Existe ao longo do desenvolvimento das artes visuais, particularmente no contexto de certa imposição ocidental, uma tentativa de equiparar facetas do real -- sua representação -- com a realidade objetiva, desconsiderando ou minimizando, no caso do ato fotográfico, a intervenção de diferentes atores/interlocutores: a subjetividade do fotógrafo (no momento em que enquadra, recorta ou posiciona a câmara sob determinado ângulo); os dispositivos técnicos com seus acessórios e extensões (máquina) e o fotografado (sujeito ou objeto preexistente). Acrescentaríamos: a luz-ausência de luz; o filme (ou sensores digitais); os formatos, bordas e limites; o papel ou sistemas computacionais onde a imagem é inserida/decodificada; os recursos da infofotografia. Enfim, diferentes espaços, suportes e construções socio-históricas por meio dos quais o ato fotográfico acontece...

Pode-se dizer, assim, que toda discussão sobre a mensagem fotográfica deve situá-la no contexto em que aparece, no tecido de relações que a tornam inteligível: o que o fotógrafo quis dizer, o tempo-espaço constituído, os recursos lingüísticos utilizados e os códigos de verossimilhança e legibilidade dos sujeitos fotografados. Assim, a foto de um homem e uma mulher nus pode ser percebida de formas diferentes pelas ênfases decorrentes do ato fotográfico, da história, da cultura e das relações sociais.

Hoje se fala em criar imagens e não mais tirar fotos -- capturar, reter um instante decisivo, recortar *aquela* fatia do que foi visto e sentido no tempo-espaço --, tamanha a possibilidade de interferência na imagem por meio das novas tecnologias. O que também evidenciaria o caráter instantâneo (efêmero?) das coisas e ações. Sempre está presente um filtro cultural codificado, uma estratégia interpretativa e manipuladora -- um olhar marcado pelo sentido que cada um atribui ao que está percebendo: fotos

descrevem a vida que supomos (vi)ver (“assim é se nos parece!”). Estão sempre presentes idealizações e deformações..., diferentes experiências de presença/ausência mediadas pelo tempo-espaço.

Tawil (1999), ao comentar o trabalho de Tisseron (1996), diz que muitos filmes dados a revelar não são retirados. Mais que as fotos em si, o que parece importar é o ato de fotografar, o negativo, não a revelação. Uma das possibilidades de leitura desse fato seria a tentativa de reter um instante decisivo, apropriar-se do tempo-espaço e da pessoa fotografada, isto é, ter uma ilusão de completude, de não perdê-los..., poder guardá-los na memória, na passagem da vida.

Os interlocutores que se encontram diante do visor manipulam a situação, seja organizando o modo como um vai criar as imagens, podendo na sequência selecionar e recortar essas ou aquelas --, seja o outro organizando o modo como deseja ser fotografado (também podendo a seu pedido apagar tais e tais instantâneos na sequência). São dois olhares intrigados que se cruzam e se buscam à espera de uma palavra que os transportem (= *meta-phorein*) além do evidenciado e conhecido por meio de narrativas de si e do mundo: “todas as fotos esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas”, diz Sontag (2003: 14).

Reter um instante decisivo

Podemos considerar as fotografias como um dado em si, como informação fixada visualmente, parte de todo um processo de criação e transformação social. Mais,

de informação meramente visual, produto definido culturalmente, elas se convertem também em agente articulador da história.

Tais imagens tornam-se ao mesmo tempo inscrição e texto, aguardando que alguém fale com elas e as desperte. Seu fascínio se dá precisamente porque evocam o aparecimento de algo ausente, de algo que se foi... A fotografia é como uma citação: “oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo” (SONTAG, 2003: 23).

As imagens icônicas contêm, pois, simultaneamente significados manifestos e latentes: representam por semelhança um objeto que é substituído (ausência) e, ao mesmo tempo, colocam em cena uma existência (presentificação), que corresponde a sua estrutura profunda ou simbólica.

O ato fotográfico inaugura um fora-do-tempo, instaura um vazio temporal a ser preenchido pela palavra, pela narrativa, num trabalho de costura sempre inacabado, sempre retomado e ampliado pelo sujeito fotográfico. Como diz Dubois (1994: 161): “pode-se dizer que o fotógrafo, no extremo oposto do pintor, trabalha sempre com o cinzel, passando em cada enfocamento, em cada tomada, em cada disparo, passando o mundo que o cerca pelo fio da navalha”.

Ao examinar o estatuto ontológico das imagens fotográficas, ainda que brevemente, podemos dizer que a fotografia possui força evidencial, o que não significa como quer a concepção tradicional que ela seja uma impressão ou espelho da realidade. Segundo a classificação dos signos feita por Peirce em 1895²¹, na imagem fotográfica soma-se o caráter icônico ao indicial. Para ele, a fotografia traria as marcas ou indícios

---

²¹ Ver Charles S. Peirce, *Semiótica*. Trad. J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977.

de uma realidade. Diferentes autores no decorrer do século XX analisam esse aspecto realista das fotografias.

Assim, Benjamin refere-se metaforicamente a isso (1994: 94), ao dizer em sua *Pequena história da fotografia*, de 1931 que a realidade *chamusca* a imagem fotográfica:

... o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade *chamusca* a imagem (...). A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente.

Por sua vez, Bazin nos anos 40 do século XX abre novo debate, ao destacar que toda imagem é percebida e sentida como objeto e todo objeto como imagem. A essência da imagem fotográfica deveria ser procurada não no resultado, mas em sua gênese. A partir dos anos 70 do século XX, Barthes procura demarcar a distância que separa, na fotografia, o óbvio do obtuso, a significação da significância. Diz ele (2000: 136): “é justamente porque a fotografia é um objeto antropológicamente novo, que ela deve escapar (...) às discussões habituais sobre a imagem”. Assim, a seu ver, não poderia ser reduzida a mero efeito do real, testemunho do passado, como um saber-fazer (artefato) ou documento histórico. Além de interpretar o real, o ato fotográfico é também fragmento, pedaço, vestígio dele.

A esse discurso da semelhança da imagem fotográfica a um testemunho autêntico, se contrapõe outro que denuncia o efeito da realidade, enfatizando seu caráter transformador, por ser ela uma criação com as marcas da cultura. A imagem fotográfica afirma um olhar, torna-se uma maneira de capturar e interpretar o mundo. É produto e produção, revelando algo interior à própria imagem, “decompondo, ampliando...

ralentando, para ter tempo de, enfim, saber, (...) na sua descontinuidade, fragmentação, recorte, na sua extraordinária singularidade” (SAMAIN, 2005: 126-7).

Seguindo Barthes (2000, 2004), dizíamos que as imagens fotográficas ocorrem em um processo de produção-contemplação. Ao mesmo tempo, consideradas como *textos*, estão associadas a seu próprio contexto de produção, ao cenário cultural no qual elas são construídas. Ou seja, contextualizar a produção dessas imagens significaria penetrar sua intimidade, aproximar os atores em interlocução: o fotógrafo e o(s) sujeito(s) fotografado(s).

É um trabalho de escuta mútua – gestos, detalhes dos objetos e dos dispositivos técnicos são desvelados em uma comunicação essencialmente visual e tátil mais do que pelo que é dito..., mais pela experiência que pela explicação, recobrindo “um fragmento da temporalidade dessa peregrinação pela vida, dessa busca incessante e inacabável” (MARTINS, 2002: 227), pois a fotografia é vida em processo, em suas idas-e-vindas... Vida e morte se interligam com um simples clique da máquina.

Contemporânea do recuo dos ritos, a fotografia corresponderia talvez à intrusão, em nossa sociedade, de uma Morte assimbólica, fora da religião, fora do ritual, espécie de brusco mergulho na Morte literal. *A vida/a Morte*: o paradigma reduz-se a um simples disparo, o que separa a pose inicial do papel final (BARTHES, 2000: 137-8).

Durante muito tempo, a fotografia foi considerada arte menor, particularmente com relação à literatura e ao texto escrito. Nesse sentido e a título de exemplo, o trabalho do arqueólogo e, em nossos dias, do jornalista e do editor, muitas vezes utilizou a imagem fotográfica como ilustração, como fonte residual no trabalho de edição, condicionada à centralidade do discurso escrito. Pode-se dizer que, em nossos dias, existe uma tensão entre o mundo da escrita e das imagens, a despeito do ininterrupto bombardeio e saturação destas.

Existe um nó, dá-se um encontro ambíguo na relação produtor da imagem/dispositivo; na relação imagem/espectador; na relação imagem/texto, como partes de totalidades sempre buscadas, articulando e mediando processos simbólicos, tanto no plano de sua expressão como no plano do conteúdo, regulados mutuamente por um código convencionado. De fato, a foto envia sinais misturados: “pare isto!”, ela exige. Mas também se entrega embevecida: “que maravilha!”

A fotografia talvez encerre um componente passivo, pois o fotógrafo tem que se manter disponível e receptivo às imagens que o meio lhe proporciona, deixando que elas adentrem sua câmara. Ao mesmo tempo, o fotógrafo mostra-se ativo, necessita de certa agressividade para se intrometer em uma situação ou acontecimento no qual freqüentemente não é esperado ou desejado. Nessa intrusão *voyerista*, o fotógrafo “carrega”, “aponta”, “dispara” sua câmara como uma arma que busca capturar o mundo com um clique. A propósito, Sontag (2004: 25) assinala:

... todo uso da câmara implica necessariamente uma agressão (...); fotografar pessoas é violá-las, ao vê-las como elas nunca se vêem, ao ter delas um conhecimento que elas nunca podem ter; transforma as pessoas em objetos que podem ser simbolicamente possuídos. Fotografar alguém é um assassinato sublimado, assim como a câmara é a sublimação do revólver. Fotografar é matar comodamente, como convém a uma época triste e amedrontada.

As fotos de uma guerra, deterioração urbana, instantâneos familiares, aqueles instantes decisivos – aqui e *ali* (no Iraque, em Timor Leste ou no lago da Pampulha, resgatando um bebê encontrado em um saco de lixo) são mais do que cenários de fragilidade, desamparo, humilhação e terror... Desvelam contínua e paradoxalmente o humano, o milagre da sobrevivência – a (resistente) irrupção da vida! Ao tentar congelar um instante, as imagens desvelam sentidos, ampliados pela palavra, com base na ilusão e rememoração, em crenças, saberes e expectativas. O que significa que existe sempre,

como dissemos, um interjogo no olhar do fotógrafo com o fotografado e deste com a imagem construída; entre quem se acerca da fotografia e as lembranças suscitadas...

Se o contínuo bombardeio das imagens pode levar as pessoas a perderem sua humanidade, num conformismo que anestesia, elas também podem, numa “polifonia de vozes” (KAËS, 2005b: 17), como em um coro, entre os outros e através deles, resgatar a humanidade desmentida nesses tempos de globalização e violência *on line*.

Criar imagens: o avesso do avesso

Olhar, observar, traduzir uma imagem em palavras, em texto escrito supõe a inevitável escolha de temas e metodologias que, por sua vez, possibilitam redes de ressonâncias culturais com significados variados. A especificidade da fotografia nos apresenta (e recria) um vasto mundo por meio do próprio dispositivo fotográfico e dos signos visuais específicos que ele proporciona.

Quando observamos uma fotografia com pessoas, podemos nos perguntar: elas estão *assim* ou *ali* por uma decisão sua ou devido a uma definição explícita do fotógrafo? Em que circunstância ou contexto tal imagem foi tomada – tempo, espaço, fatos, sentimentos presentes ou que antecederam (e sucederam) os eventos? E também, qual a relação existente entre os atores envolvidos na cena: fotógrafo e fotografado?

Temos então diferentes possibilidades interpretativas: riqueza de arranjos e detalhes, instantes marcados por densidade semântica, identificações, rejeições – com o todo, com uma parte, em uma interlocução praticamente inesgotável... Pensar as

imagens em suas múltiplas variáveis e redes de significações: “tudo ocorre por mediação, por tradução e por redes”, diria Latour (1994: 43)²².

Para Bourdieu (1989: 32-33), o fato de tirar uma foto, de guardá-la ou de admirá-la pode trazer certo bem-estar pelo menos em cinco campos diferentes:

➤ *Protege contra o tempo*, pois a fotografia teria como função ajudar a postergar a angústia suscitada pelo andar do tempo; além disso, a foto provê um substituto “mágico” do que aquele destruiu, suprimindo falhas da memória, ou seja, serve de apoio à evocação de recordações associadas. Em outras palavras, a fotografia produz o sentimento de vencer o tempo como poder de destruição.

➤ *Favorece a comunicação com os demais*, ao permitir reviver coletivamente os momentos passados ou mostrar aos outros o interesse e o afeto que se tem para com eles.

➤ *Expressa sentimentos*, seja proporcionando ao fotógrafo um meio de “se realizar”, seja fazendo-o sentir seu próprio “poderio” por meio da apropriação mágica ou mediante a recreação exaltadora do objeto ou sujeito representado, dando-lhe, pois, a ocasião para experimentar mais intensamente suas emoções, ou ainda permitindo-lhe expressar uma intenção artística ou poder técnico.

➤ *Traz satisfações ligadas ao prestígio social*, em termos de competência ou habilidade técnica, de testemunha de uma realidade pessoal (viagens, acontecimentos)...

---

²² Ver referência a Latour, pág. 23.

➤ *Proporciona um meio de evasão ou de simples distração*, à maneira de um jogo ou *hobby*.

Para Fatorelli (*apud* SAMAIN, 2005: 91), “a câmara escura se apresentou como modelo paradigmático, como metáfora tanto dos processos de constituição de um sujeito da razão quanto de um conhecimento fundado na verdade, de um sujeito e de um conhecimento constituídos pela mediação do signo, independentemente da presença e participação do corpo”. Mas com a chamada modernidade, dá-se uma ruptura com esse modelo da câmara escura de um observador poderoso, produtor de sujeitos isolados, sem interioridade.

Nessa transição para a câmara clara²³, ocorre a construção de um corpo ativo, mais maleável e flexível, com ênfase numa certa autonomia da visão (e da palavra) e um deslocamento de uma verdade inquestionável para novos territórios possíveis, espaços híbridos que conectam intensamente os interlocutores envolvidos, favorecendo o compartilhamento da experiência.

Por ser mais flexível que o texto, o fotográfico acomoda em sua estrutura narrativa múltiplos significados. Ele não é uma extensão da realidade, contém resíduos, indícios do real que podem ser traduzidos “como um texto por ser uma criação interpretativa, fruto de um imaginário social que, ao mesmo tempo, engendra outros...” (SAMAIN, 2005: 111).

---

²³ Barthes, em *A câmara clara* (2000), mostra que sem a mediação pessoal e subjetiva do observador, a fotografia ficaria limitada ao registro documental. Assim, na câmara escura, ela é resultado de processos de natureza físico-química e da sensibilidade de certas substâncias à luz. Na câmara clara, por sua vez, a imagem fotográfica é criada por um sujeito determinado a capturar o mundo em imagens. Existiria sempre uma aproximação que coloca frente a frente o objeto e o olhar lançado sobre ele.

As imagens apresentam-se, pois, como meios para ver e pensar o mundo: capturar seus vestígios, ver através delas, ver o que revelam daquilo que não é dito. Nesse sentido, a narrativa oral ou escrita seria uma das reinterpretações possíveis desse tempo/espço imagético, no qual os envolvidos no processo tornam-se testemunhas e parceiros da experiência, criando e recriando a vida: pensam, ouvem e falam. São ouvidos e agem... *brincam*.

Nesses encontros, dá-se a sobreposição de duas áreas do brincar, a do fotógrafo e a do(s) fotografado(s), existe um entre-dois, dele podendo germinar um terceiro, a foto, no intervalo que une/separa tais áreas, com os desdobramentos, ampliações e surpresas trazidos pela linguagem, pelos ditos, entreditos e não-ditos.

As possibilidades trazidas pelo *fotobrinçar* suscitam a construção de pontes, trânsitos itinerantes, metáforas... Como diz Guimarães Rosa (1994: 427): “*Se eu conseguir recordar, ganharei calma, se conseguisse religar-me; adivinhar o verdadeiro e real, já havido*. Infância é coisa, coisa? (...) A gente cresce sempre, sem saber para onde”. (Grifos no original.)

Existe um convite aos atores envolvidos para mergulhar na espessura da memória, elaborar experiências perdidas/esquecidas, “adivinhar o já havido”, na afirmação de Guimarães Rosa, – perceber-se enraizado e nômade; proximidade e distância; presentificação e ausência; inquietante estranheza, descoberta e co-criação. Na permanente tensão entre o passado e o presente, se a fotografia simula uma realidade, o texto possibilita a invenção da narrativa, atribuindo sentido(s) à experiência, num *bricolage* sem fim...

Não se trata de busca ou volta às origens, antes de se pensar o passado aqui e agora. Nesse brincar incessante, escreve Fédida (*apud* LEITE: 1996: 96), “o mundo é ao mesmo tempo fundado e desvelado, ocultado e trazido à luz, explorado como ausência e reencontrado como presença”.

4 WINNICOTT: O LUGAR DA EXPERIÊNCIA CULTURAL

Como respostas aos dilemas e ambigüidades do acontecer humano, têm sido criados espaços consensuais situados entre eu e outro, articulados e presentificados por diferentes mediadores imagéticos, relatos e narrativas. Isso ocorre, por exemplo, nas reuniões e comemorações em grupo; na realização de rituais associados à comida, dança, música e acontecimentos religiosos; nas brincadeiras e jogos compartilhados que impregnam as relações cotidianas com novos registros e significados. Tais experiências possibilitam a aceitação da similaridade e da diferença; percepção das dimensões do espaço e tempo; passagem à cultura, etc.

Cada pessoa teria a capacidade de imaginar um vínculo entre seu mundo e os objetos externos, uma continuidade entre eu e outro. O vínculo supõe um entre-dois, nem um nem outro separadamente, antes o que une, junta, seduz, captura, entrava. Ele se nutre de trocas. Nesse processo de mediação, a palavra implica a relação de si mesmo a si mesmo, de si ao outro, uma relação que pode ser imaginária, virtual, potencial, antecipadora ou retrospectiva.

A área intermediária da experiência ou *terceiro espaço* – área da ilusão onde se criam os fenômenos e objetos transicionais --, é o espaço potencial para a transmissão intergeracional; do desenvolvimento imaginativo e de toda inserção grupal; do humor e dos *hobbies*; enfim, de toda produção cultural, incluindo aí as trocas afetivas, as ideologias e as práticas religiosas. Afirma Winnicott (1986: 131):

O que estou tentando dizer é que são os padrões familiares da criança (antigos objetos, móveis, odores, comidas...), mais do que qualquer outra coisa, que a abastecem daquelas recordações do passado, de tal modo que, ao descobrir o mundo, a criança sempre realiza uma viagem de volta – *essa viagem faz sentido para ela*. (Grifos nossos.)

Podemos dizer que os espaços familiares e as configurações grupais marcados por certa continência e proximidade afetiva constituem lugares privilegiados de emergência e de transformação dessa zona fronteira “sensível ao ventos (...), porta de vai-vem e como tal nem nunca escancarada, nem nunca fechada” (SANTOS, 2005: 154-5). Tais áreas híbridas são lugar de circulação e de passagem de uma gramática emocional, enraizada na transmissão de uma geração a outra, na pertinência a uma filiação. Essa gramática veicula uma certa forma de organizar, apreender e narrar, do ponto de vista emocional, os acontecimentos cotidianos.

Estes possuem níveis diferenciados, singulares e ao mesmo tempo plurais, permitindo o registro internalizado de que o espaço pessoal continua no espaço dos demais, redobrado pela impressão altamente emocional de uma certa intimidade e refúgio, de algo acolhedor e familiar. Um espelho disso é o modelo relacional mãe-bebê, no qual forma-se uma aura de completude e preenchimento. Tudo vai acontecendo com os cuidados da mãe que, apresentando a seu bebê o mundo em “pequenas doses”²⁴, impede que sua continuidade de ser seja interrompida bruscamente.

Nessa interação que a princípio não é mais que um esboço, uma intenção, tudo está por ser descoberto. A mãe proporciona ao bebê a condição de transformar e metabolizar as vivências cotidianas. Como porta-palavra, ela fala *do* bebê e *ao* bebê. A

---

²⁴ “O mundo em pequenas doses”, em WINNICOTT, D.W. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

mãe leva-o à palavra, *na* palavra e *pela* palavra. Ela lhe abre a porta do mundo simbólico. Como seu representante, ela carrega/porta a palavra do outro ou de mais-de-um-outro: cumpre a função de enunciar regras, leis, proibições... das quais não é causa ou origem.

Por sua vez, nesse caminhar intersubjetivo, o bebê faz um gesto, a mãe acrescenta outro e, dentro dessa área de experimentação, desenvolve-se a primeira atividade criativa do ser humano, inédita e original... uma *obra aberta* que permite o acesso à palavra, ao mundo, ao simbólico. Segundo Winnicott (1994: 47):

Os bebês, as crianças e os adultos levam para dentro de si a realidade exterior, como roupa para revestir seus sonhos; e projetam-se nos objetos e nas pessoas externas enriquecendo a realidade exterior através de suas percepções imaginativas.

Assim, ocorre uma sobreposição entre o que a mãe proporciona e o que a criança concebe. Ao cuidar de seu bebê, a mãe supera a crise trazida pela situação do nascimento (desprendimento da placenta e do cordão umbilical). De sua parte, o bebê pode superar a situação de crise encontrando a mãe onde esta se apresenta disponível, à espera. Assim, a criança necessita sempre de um outro para “juntar seus pedaços”, pois ainda não discrimina mundo interno e mundo ambiente, ela e o outro. Para chegar a diferenciá-los, vai passando (“em pequenas doses”, diria Winnicott) por fases de transição entre interioridade e exterioridade – fases jamais ultrapassadas, pois o desenvolvimento ocorre em um incessante movimento de diferenciação, continuidade e descontinuidade.

O campo da ilusão e do brincar

Se bem assistido pela mãe no começo de sua vida emocional, “o bebê desenvolve a capacidade, fomentada pela mãe, de criar ilusões acerca do ambiente à sua volta e de lidar criativamente com a realidade”, dizem Vaisberg e Machado (2000: 43). O que significa que o marco essencial dessa área de experimentação é o paradoxo e sua aceitação sem questionamento: o bebê cria o objeto (mãe) mas este já estava ali esperando ser criado; ao mesmo tempo, o objeto *cria* o bebê.

Posteriormente, a criança poderá compartilhar com a mãe e com os seus uma área transicional na qual ocorrem experiências comuns consensuais, símbolo tanto da união como da separação mãe-bebê. Nessa fronteira instável, nessa união de conjuntos complementares entre dentro-fora, disjunção-deslocamento, presença-ausência, passado-futuro, vida-morte, *entre* o bebê e sua mãe, é construída uma “pele” sensorialmente comunicativa para o brincar e para toda atividade criadora, ou seja, para o trânsito criativo e simbólico.

A experiência de fusão original à mãe e a vivência de ilusão que lhe é correlata propiciam a emergência e florescimento de um verdadeiro si mesmo. A capacidade de *estar só* é uma continuação de anteriormente ter sido possível *estar com* de uma maneira suficientemente boa, de modo a estar verdadeiramente só... *com*!

A esse respeito, Pelorosso²⁵ comentando o capítulo “A localização da experiência cultural”, de *O brincar e a realidade* (WINNICOTT, 1975), assim se expressa:

---

²⁵ Ver <www.winnicott.com.ar>. Acesso em 13.02.2007. Tradução nossa.

O lugar no qual se enraíza a experiência cultural é o espaço potencial, entre o indivíduo e o ambiente, originalmente o objeto. (...) A criança que utiliza o objeto transicional evoluirá até o caminho da simbolização, entrará no mundo da representação permitindo que ela jogue, estude... Com o que vem de fora, com o objeto que a mãe/meio ambiente provê, e que torna *seu*, o bebê constrói uma ponte por meio da qual passa de um lado a outro. Essa ponte é o espaço potencial, lugar do jogo e da experiência cultural. O lugar onde vivemos. A experiência cultural é o fenômeno que recolhe a tradição herdada, aproveita o dado, cria-o e o transforma.

O campo do brincar para Winnicott corresponde, assim, ao campo da ilusão (*illudere* = brincar imaginativo), pois brincar é recortar e religar partes da realidade, transformando-as em algo próprio, atribuir sentido(s) à experiência por meio de diferentes mediadores. A experiência humana é fundada e desvelada por meio do uso de registros semióticos e do acolhimento das lembranças, dos achados e guardados: apego ao brinquedo ou cobertor sujo que não pode ser lavado; sons, ritmos, entonações e balbucios; registros sensoriais ligados ao tátil, ao olfativo, ao visual, etc.; bonecas²⁶ e ursinhos de pelúcia; histórias, fábulas, lendas e cantigas de ninar; álbuns e fotos, entre outros.

Essas constantes “pausas para respirar”, mediadas por objetos e fenômenos transicionais, reconectam o passado ao presente, trazendo um sentido de processo e de construção ao si mesmo. Assim, a Humanidade está sempre (re)começando! Como dizem Outeiral e Graña (1991: 91):

Só o ato espontâneo é capaz de criar o seio, de inventar o objeto transicional, de manipular o brinquedo de forma autêntica e criativa e de produzir cultura, na concepção genuína da palavra. Criar é dispor da capacidade de constantemente reinaugurar a experiência vivida.

Reencontrando o objeto

Freud observou seu neto que jogava um carretel para baixo de uma cortina, fazendo-o desaparecer e dizendo: *fort* (longe). Em seguida, ele puxava o cordão, fazendo-o reaparecer, dizendo: *da!* (aqui). O prazer associado ao *da* e o encontro com o carretel foi interpretado por Freud como um jogo em que a criança se dava conta de poder dominar a angústia de separação da mãe e do medo de ser abandonada; o carretel seria o equivalente a trazê-la de volta. Inicialmente o carretel é um objeto real; em seguida, por meio da linguagem é utilizado como objeto intermediário.

Por meio do brinquedo, a criança se despede da mãe e a faz “reaparecer”. O brincar possibilita à criança “reapresentar a ausência, mas também (...) reausentar a presença” (KAËS, 2005a: 21). Não é preciso dar-lhe brinquedos ou situações estruturadas, ela transforma em jogo tudo o que lhe cai às mãos. Exerce, pois, uma função ativa, passa a ser narrador de sua própria história. Como o brincar ocorre em um estado não-organizado – no espaço potencial – é possível a emergência do gesto criativo e transformador; estabelece-se uma comunicação narrativa que articula e integra: *fort-da!*

Como o neto de Freud, crianças, adolescentes, adultos (poderíamos dizer, “e também os grupos e instituições”) ligam-se a diferentes “carretéis”, utilizam materialidades mediadoras que fornecem fios e instrumentos para novas tessituras e traçados. Tais formações intermediárias trazem a continuidade da experiência e também sua ruptura e transformação; sempre entre tolerância e confiança. Seja um lenço da mãe; a ponta de um cobertor; uma fotografia; *aquela* música ou poema; um escrito ou

---

²⁶ Embora bonecas não façam parte do corpo e nem sejam totalmente reconhecidas como pertencentes à realidade externa, possuem textura, movem-se, irradiam calor..., parecem mostrar vitalidade e realidade

narrativa, como na obra *Infância*, de Graciliano Ramos²⁷; um determinado ícone, ritual ou maneirismo; os diferentes grupos de referência e espaços *in-between*; em nossos dias o celular; enfim, seja qual objeto for...

O que importa não é tanto o objeto escolhido mas seu *uso*. No dizer de Winnicott, poderíamos incluir nesse uso o embalo, tanto o movimento rítmico do corpo da criança quanto o embalo próprio dos berços e do acalanto humano. Alisar ou puxar os cabelos na hora de dormir, em momentos de solidão, também configuraria um fenômeno afim.

Continua Winnicott (1975: 15; 18): “estou interessado na primeira posse não-eu e na área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido. (...) algo oriundo do exterior, segundo nosso ponto de vista, mas não segundo o ponto de vista do bebê. Tampouco provém de dentro; não é uma alucinação”. O fato desse *algo* não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar simbolicamente algum objeto parcial, o olhar, o seio (ou a mãe). Assim, para o neto de Freud, o cordão significou uma materialização positiva de um vínculo ausente, negativo: “a coisa real é a coisa que não se encontra ali” (WINNICOTT, 1975: 41).

O imaginário é, pois, definido como lugar de operação do negativo, como trânsito entre dentro e fora, separação e reencontro, semiótico-simbólico, ato-

---

próprias.

²⁷ Em suas lembranças, Graciliano vê seu avô tecendo um cesto e pensa como esse trabalho é inútil. Também ele se vê fazendo o mesmo, *tecendo palavras*. Chama a atenção, diz Azambuja, “a grandiosidade de Graciliano ao apontar como as atividades mais significativas para o humano não são feitas com finalidade utilitária nem para desenvolver desempenho performático ou de aptidão aplicada. *É como o brincar das crianças que brincam por nada, brincam por elas mesmas*. Freud vai encontrar no brincar de seu neto com o carretel a nervura da criação da vida mental, a nervura do simbólico”. Sonia

pensamento, o mover e o ser movido..., processos que abrem caminho para o acontecer metafórico, a simbolização e a busca de sentido(s). Assim, como afirma Gurfinkel (1996: 67), somos “portadores de objetos”:

Os adultos, quando voltam de suas viagens, (...) trazem lembranças. Quando alguém morre, não repartimos apenas os seus bens, mas distribuimos também aos mais próximos objetos significativos da pessoa que ele foi. Presentes e lembranças, como sua própria natureza lingüística denota, remetem à questão essencial da presença/ausência de objetos significativos e, por decorrência, ao processo de ilusão/desilusão que caracteriza a relação do sujeito com a realidade.

Na vida adulta, sempre que surgem dificuldades excessivas no enfrentamento da realidade, podemos recorrer aos espaços potenciais e ao brincar imaginativo, reservatórios de criatividade, a essa *região* híbrida privilegiada/protegida de repouso e relaxamento, utilizar *lembrancinhas*, cordões/carretéis, os cestos do avô, -- aos quais Graciliano Ramos se refere em seu texto. A elaboração de tais experiências “constitui simultaneamente um símbolo de separação e de união pela comunicação” (WINNICOTT, 1975: 65) – o movimento entre maré alta e maré descendente.

Os objetos transicionais com o tempo perdem seu significado ou são substituídos por outros, espalham-se por todo o campo cultural: “há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar; deste para o brincar compartilhado; e deste para as experiências culturais” (*op. cit.*, 1975: 76). Nesse sentido, as narrativas e as fotografias poderiam constituir, a nosso ver, um lugar transicional de articulação/sustentação do acontecer humano, marcado pela ruptura e cristalização das experiências, pelo encontro/confronto do familiar e diferente, do novo e inesperado...

Curvo de Azambuja, *Carta a um jovem psicanalista*. (Aula inaugural dada em 12 de fevereiro de 2007 na Sociedade de Psicanálise de São Paulo.). Grifos nossos.

“O que seria a transicionalidade senão um ritmo de vaivém entre a criança e a mãe, entre a criança e o objeto que a substituirá, entre o analista e seu paciente, entre o criador e sua obra de arte?”, pergunta Mello Fº (2001: 85), referindo-se ao constante pulsar da vida que contém escuta, envolvimento, desassossego, experimentação, pausas, silêncios e relatos compartilhados. A base da situação transicional se construiria, pois, na sustentação do tempo e do respeito ao ritmo da vida, pois o compartilhamento de experiências estruturadas sobre o brincar imaginativo (= *illudere*) é “uma raiz natural do agrupamento entre os seres humanos” (WINNICOTT, 1975: 15).

Referindo-se a essas situações nas quais ocorre o estabelecimento de espaços potenciais, de mutualidades em interlocução – como na vida familiar, na experiência coletiva do narrar, na utilização de diferentes mediadores culturais, a exemplo da fotografia, nos diferentes “carretéis e seus cordões” --, Ruiz-Correa afirma (2000: 39):

Na ilusão grupal, os participantes dão para si um objeto transicional comum: o grupo. Este objeto torna-se fundamental para o desenvolvimento do sujeito porque representa a presença de um campo neutro entre as realidades interna e externa, vale dizer, o campo da ilusão para passar a outras etapas. Progressivamente, cada sujeito pode prescindir da ilusão de completude do grupo e alcançar autonomia e discriminação mais consistentes.

Despertar o gesto espontâneo

Para Winnicott, existiria na experiência transicional como que um cordão – “um campo neutro” --, que entrelaça o objeto subjetivo e a observação objetiva, que liga e indica a distância eu e outro; meu e não-meio; passado e futuro; tempo e espaço; presença e ausência; estranho e familiar –, um campo intensificado e presentificado pela singularidade dos mediadores (por exemplo, *aquela* música, narrativa ou fotografia) nos momentos de sua eclosão/construção.

A não-organização e a precariedade da brincadeira tornam-na uma vivência criativa, uma ponte-intervalo na continuidade do espaço-tempo, uma forma básica de viver: “a criança *sente prazer em brincar. (...) se surpreende a si mesma*” (WINNICOTT, 1975: 74-5. Grifos no original.). Brincar, essencialmente, satisfaz, leva a uma descoberta, a uma experiência “sagrada” (*op.cit.*, 142) que acontece apenas em relação a um sentimento de confiança por parte da criança (e também do adulto, como o avô de Graciliano Ramos entretecendo cestos).

Num sentido amplo, o espaço transicional está ligado à experiência cultural criativa, a uma relação de reciprocidade e de interconstrução, no espaço potencial existente entre o sujeito e suas circunstâncias. Tal espaço é aquele que vai desvelar o nascer-viver-e-morrer, aquele que acolhe/sustenta as situações intersubjetivas, elabora as crises, integra os processos genealógicos das experiências vividas, com efeitos sobre a identidade pessoal e familiar. Por exemplo: encontro de parceiros; instalação destes sob um mesmo teto (casamento ou não); nascimento dos filhos; entrada na escola ou crise de adolescência de um filho; saída deste da casa dos pais; entrada na vida adulta; morte de um ou dos dois pais; as incertezas diante do futuro... enfim, o *trânsito* de cada um e de todos, o acontecer humano em sua singularidade e multiplicidade.

Assim, cada geração pode se situar em relação às demais, inscrever cada sujeito numa cadeia geracional e num grupo, percebendo e respeitando as diferenças entre elas. Nesse caso, é transmitida uma herança intergeracional: “além das tradições, uma cultura, pertinência familiar, filiação ou sobrenome, com força de sustentação e coesão” (TRACHTENBERG, 2005: 121).

Todos esses acontecimentos que interligam presente, passado e futuro, portanto, que permeiam tempo e espaço, podem ser atravessados por inúmeros mitos,

crenças, segredos, prescrições, rituais, encontros e desencontros que permeiam o itinerário humano, muitas vezes permanecendo ocultos e não-transformados simbolicamente. Em certas situações, a instabilidade das relações com o outro é marcada por experiências de intrusão, violência e abandono, levando o sujeito àquilo que se poderia definir como *estados-limite*.

Estes constituem não-experiências ou não-vínculos que pertencem a gerações anteriores, nos quais os afetos suscitados não podem ser tolerados, contidos ou representados. Como exemplos: incesto, segredos vergonhosos e zonas de silêncio não-significadas; situações de desenraizamento, migração e fracasso; violências, guerras e assassinatos; suicídios, adoções mal explicadas ou lutos não-realizados; dívidas e méritos; justiça e injustiça; “gritos parados no ar” – acontecimentos que aprisionam os sujeitos a uma história da qual não podem se apropriar. Muitas vezes, servidores e herdeiros dos sonhos e desejos irrealizados dos pais e avós, portanto, com um padrão de inter-relação marcado pelo desconhecimento dos limites eu-outro...

Os mitos, crenças e prescrições são estruturados para conter ou evitar a dor e o sofrimento diante das possibilidades de saturação, rompimento ou desborde emocional e, assim, garantir certa homeostase aos grupos de convivência e sustentação. Tais gramáticas veiculariam formas de organizar, apreender e externar, do ponto de vista emocional, as experiências cotidianas.

Nesse sentido, fotografias, músicas, relatos, histórias de um grupo ou comunidade numa situação específica – festa, jogo, dança, comemoração ritual --, como que relembrariam e reavivariam na presença de um outro significativo, do grupo familiar, por exemplo, antigas alianças, pactos, rompimentos ou mortes vividos, muitas

vezes como um passado historicizado; ou, muitas vezes, como um bloco de realidade, uma *cripta*:

Todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser rememoradas, todas as lágrimas que não puderam ser vertidas serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda. Engolidos e postos em conserva. O luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta (ABRAHAM e TOROK, 1995: 248).

Criar imagens, narrar, compartilhar (*cum-memorare*) poderia ser, assim, resgatar, retirar da *cripta*, da “sepultura secreta” e do encapsulamento conhecimentos enquistados, interdições, silêncios, sonhos e desejos que atravessam as gerações, transitar os umbrais da memória e do esquecimento para acordar e recriar o vivido (e não-vivido): construir algo que não existia antes, juntamente com um outro significativo (pesquisador, terapeuta, grupo), enfim, despertar gestos transformadores.

Outra possibilidade: as canções, relatos e fotos deixariam entrever (ou poderiam escancarar) as tentativas de impedir a eclosão do *inter/entredito*, mantendo assim o silêncio.

A elaboração da experiência traumática ou da intrusão ambiental passa pelo trabalho da intersubjetividade, “mais precisamente por uma pluralidade de vozes e de discursos”, como assinala Kaës (2004: 123). Se as diferentes violências e acontecimentos traumáticos que paralisam as pessoas apresentam ênfases vinculares, para serem pensados, retomados e ampliados devem suscitar múltiplas versões e testemunhos... serem *desnaturalizados*, contando com o potencial transformador de um grupo de referência.

5 MÉTODO: NARRAR UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Este trabalho se propõe investigar, num primeiro momento, se o uso de fotografias aliadas a narrativas favorece a criação de um espaço de troca e comunicação entre o entrevistado e o pesquisador e, ao mesmo tempo, o resgate de situações significativas de sua vida pessoal. Num segundo momento, analisar se aquelas narrativas produzidas a partir de fotografias selecionadas poderiam ser usadas como suporte comunicacional, no desvelamento de experiências de continuidade, ruptura e transformação em um dispositivo mobilizador de um processo grupal.

A criação do dispositivo diferenciado apresenta materialidades mediadoras (fotografias, narrativas) em um espaço transicional, portanto, no encontro entre sujeito e pesquisador; entre cada sujeito e um grupo e deste com o pesquisador. Em síntese, narrativas criadas a partir de fotografias – também “como formas altamente especializadas do brincar” (WINNICOTT, 1975: 63) --, conteriam elementos semelhantes aos apresentados nos *fenômenos transicionais*:

➤ Comprometem sujeito e pesquisador em um encontro marcado pela fluidez, continuidade e intensidade. Com a autenticidade da proposta, ocorre a abertura, o estabelecimento de uma situação de confiança que pode trazer diferentes (re)significações ao vivido.

➤ Os sujeitos sentem-se livres para explorar diferentes possibilidades de comunicação, pois as narrativas mediadas pelas fotos intensificam o contato. Ambas tornam-se um espaço/tempo preñado de potencialidades em que vem se inscrever um gesto espontâneo, um espaço novo de experiência...

➤ Cria-se um *jogo* marcado pela ilusão, pelo criar imaginativo, pelo entrejogo dos parceiros envolvidos, pela brincadeira, prazer e ressonâncias suscitados... ampliando o espaço transicional individual. O espaço/tempo criado não é nem imaginário nem real, é um lugar entre eles, em processo, como uma ponte por onde cada um pode transitar com a ajuda dos demais.

➤ A situação colocada inicialmente mostra-se incompleta e solicita outra, pede um *outro*: “eis a dimensão relacional, sociocultural, presente desde o início (...), escavando os sentidos possíveis sob a materialidade dos traços, como a poesia trabalha a partir de materialidades sonoras” (LINS e LUZ, 1998: 245).

➤ Mobilizam a própria capacidade e disponibilidade do pesquisador para o brincar, pela apresentação de um espaço/tempo de acolhimento e sustentação. Todo o dispositivo diferenciado criado é satisfatório porque *satisfaz* o apetite, a busca do próprio pesquisador, em sua tentativa de propiciar aos sujeitos um significado que faça sentido para eles. Assim, o pesquisador é usado para sustentar (em um sentido amplo) o processo, constituindo ele mesmo um objeto transicional que favorece uma “ilusão compartilhada”, um pouco de experiência conjunta.

➤ Favorecem o registro e desvelamento de lembranças e situações enquistadas; a liberação da capacidade de se maravilhar, de descobrir e resgatar a história pessoal e familiar. Os próprios sujeitos vão ressignificando, dando sentido(s) à *experiência*. Podem, assim, tornar-se agentes transformadores de suas vidas.

➤ Frequentemente o resultado desse entrejogo é satisfatório em si mesmo: “assemelha-se a um ‘objeto encontrado’, por exemplo, uma pedra ou pedaço de madeira velha que um escultor poderia achar e estabelecer com ela uma espécie de expressão,

sem precisar ser trabalhado. (...) Qualquer trabalho que seja feito estraga o que já se inicia como um objeto idealizado” (WINNICOTT, 1994: 232).

➤ Como formas sofisticadas de brincar, tais narrativas construídas num campo intersubjetivo permitiriam capturar a existência em movimento e transformação. Algo nasce a partir de um gesto criativo, os significados são desvelados numa situação marcada pelo acontecer lúdico e o pesquisador é uma presença-testemunha desse processo.

Deixar marcas, atribuir sentido(s) aos atos

A orquestração de vozes coletivas postas em cena pela experiência narrada possibilita a emergência de alguns desdobramentos e confrontos, um jogo intersubjetivo que quebra e interrompe o tempo linear da vivência – com novas possibilidades criativas, próprias da perspectiva winnicottiana de trabalhar.

Para esta, os assinalamentos, percepções e interpretações sobre a vida ocorrem somente a partir do que os sujeitos experimentam, da colocação do seu ser-no-mundo em que a corporeidade assume papel fundamental. A partir de uma consciência sobre o corpo – que une e separa diferentes espaços e redes socioculturais – inscrevem-se e revelam-se variadas dimensões da vida com suas contradições e conflitos.

A partir dessas colocações, é possível concordar com Silva (1993: 22) quando diz: “há que acreditar no eterno movimento da vida, na natureza sempre pulsando em direção à representação, e ficar tranquilo de que um sentido acabará por se fazer, porque *é da ordem do humano que isso aconteça*” (grifo no original). É da ordem do humano

significar seus atos, atribuir-lhes suas próprias marcas, dar coerência ou incoerência à realidade.

Em sua vertente social clínica, tal perspectiva de ser-no-mundo é assim apresentada por Barus-Michel (*apud* VAISBERG, 2005: 2):

A psicologia social clínica (...) analisará as significações que revestem a experiência social para os sujeitos, a partir do vazio que se encontra na origem da demanda de indivíduos, coletivos ou pesquisadores, quer dizer, a partir da falta de sentido ou da incapacidade de elaborá-lo. O clínico não estará lá para conferir sentido mas para esclarecer os mecanismos que constituem as significações ou que as inibem.

Em outras palavras, tal olhar permite imprimir um movimento singular aos acontecimentos. Valoriza o encontro, o *ser lá* e o *ser com...*, a consciência da experiência vivida na intersubjetividade. Corresponde ao início de algo inédito e próprio, a expressão de um sentido por meio de atos e palavras – o que significa permanente busca e reelaboração. Por isso mesmo, a compreensão da experiência supõe um olhar alargado, que considere a realidade como obra aberta, em processo, sujeita às vicissitudes da existência, à ambigüidade da condição humana – ser singular e múltipla.

Opera-se uma abertura contínua entre a privacidade do sujeito e a trajetória sócio-histórica de sua existência. Nessa comunidade de sentido(s), o sujeito organiza e faz diferentes escolhas mas sempre dentro de um horizonte de potencialidades definidas pelo seu enraizamento na tessitura social (família; cidade; configurações vinculares; culturas; século XXI...).

Criação do dispositivo grupal

A partir da apresentação de mediadores, de fotografias escolhidas pelos sujeitos, a construção de narrativas é entendida de modo transicional, como situação que permite a elaboração e compartilhamento (*cum-memorare*) de lembranças, de experiências contextualizadas em um grupo de referência. Os significados desvelados por meio das fotografias fazem pensar no *negativo*, elemento através do qual o positivo pode aparecer – “o vazio que se encontra na origem da demanda de indivíduos”, como diz Barus-Michel no texto citado anteriormente.

A referência à ausência, ao vazio, está diretamente relacionada àquilo que não está presente, ao não positivamente percebido pelos sentidos. Tal situação mediada sobretudo pelo dispositivo criado, pelos gestos e pela presença do pesquisador define algumas condições “suficientemente boas” de forma a possibilitar a expressão da dinâmica social presente nas vidas singulares cotidianas.

Uma vez em grupo, tais narrativas não são mais de um autor, antes podem ligar-se à obra dos demais como um projeto comum (“roda de histórias”). Tornam-se espaços psíquicos comuns e compartilhados que se deixam atravessar por diferentes enredos (mitos, segredos, destinos) para que se produzam sentidos como em um grande rabisco grupal, em um *continuum* só interrompido pelos limites de tempo e espaço. Tais desdobramentos trazem novos fluxos associativos, múltiplos sentidos e o compromisso do grupo (co-participação, co-ação e co-criação) em uma zona de confiança.

No dizer de Kaës (2005a: 70-1), estão aqui afirmados decisivamente os critérios metodológicos da situação de grupo em toda sua complexidade: a pluralidade, o colocar-se face a face e a interdiscursividade dos processos associativos, fenômenos

que, por seu potencial evocador, possibilitam a rememoração de outras palavras, cenas e sentidos.

A pluralidade diz respeito à composição dos vínculos intersubjetivos onde cada um e todos tornam-se pouco a pouco interlocutores e estranhos, estabelecendo um entrejogo marcado por aproximações, identificações e afastamentos recíprocos. Nesse sentido, formar um grupo é suscitar uma tensão fundamental entre contribuir para certa unidade/coesão grupal (*re-união*) e estabelecer um movimento de diferenciação dos sujeitos, “um desagrupamento” (KAËS, 2005b: 140), no desejo de cada um poder ser um fim em si mesmo. Estar junto... e, ao mesmo tempo, perceber-se indivíduo, separado dos demais.

É uma experiência acima de tudo intersubjetiva: supõe da parte do pesquisador/coordenador grupal que ele não invada o espaço onde se forma a ilusão dos sujeitos. Trata-se de facilitar a criação de um espaço de confiança para os participantes, protegendo-os, nesse sentido, das intrusões às quais estão expostos, das invasões da subjetividade do pesquisador (ou dos demais participantes do grupo).

O trabalho grupal é assim pensado como um dispositivo de acolhimento e de proteção, na tentativa de elaborar crenças já estabelecidas, lacunas, ausências e rupturas sofridas, numa tentativa da constituição de um espaço íntimo e pessoal, dentro do qual o *self* individual pode revelar/desvelar algo novo, para que o íntimo do outro revele o íntimo de cada um.

Tal dispositivo grupal teria assim três funções (KAËS, 1979: 184): envoltório continente e reunificador; barreira de proteção contra o excesso quantitativo de excitações; filtro discriminador das diversas categorias de qualidades sensíveis. Ou seja,

é uma fronteira entre o mundo externo e o mundo interno. Em relação ao fora do grupo, torna-se uma barreira que protege contra os perigos externos; em relação ao intragrupo, desempenha o papel de barreira de contenção, assegurando que aspectos “bons” permaneçam em seu interior. Como membrana filtrante, favorece as trocas, o trânsito dos intermediários, a circulação da comunicação, marcada pela presença da palavra polifônica (sintaxe e semântica) e pela expressividade emotiva ou motora (risos, choros, cantos, movimentos...).

As associações livres e ações dos participantes do grupo fornecem pequenos esboços, *desenhos* rascunhados sem que se conheça sua forma final. Daí a inutilidade de o coordenador e os sujeitos esperarem uma obra acabada, da pressa em colherem o fruto antes da hora. A reescrita das histórias dos sujeitos utilizando tais fragmentos de lembranças, diz Teixeira (2003: 48):

(...) refere-se ao fato de que a recapitulação do passado e as reminiscências levam ao entendimento de uma cisão, uma ruptura na idéia de unicidade do eu, já que o eu reevocado diverge do eu atual, sendo que, por isso, esse percurso pode ser narrado, ou melhor, reconstituído. As identidades, do eu do passado e do eu atual, constituem objetos de reflexão.

As narrativas construídas tornam-se, pois, uma ponte que articula o conhecido ao ainda não constituído; uma zona de confiança entre a perda dos antigos laços sociais e a aquisição de novas possibilidades. O grupo e o pesquisador unem-se nesse trabalho artesanal sobre o inacabado, aquilo que está em gestação, como nova possibilidade que se apresenta... como o “não-sentido de Winnicott” (PAVLOVSKY e KESSELMAN, 1991: 19).

Os sujeitos envolvidos são compelidos a tomar decisões diante do indeterminado, diante de uma força ainda não configurada: articular processos singulares de subjetivação, a tradição e a criação, ao elemento coletivo da cultura. A

partir das condições do enquadre diferenciado que se apresenta a eles, a experiência é revivida, ou melhor, algumas vezes pode ser vivida pela primeira vez na presença/testemunha de um outro (pesquisador, grupo), tornando experiências próprias aqueles aspectos que, até então, participavam como deformações ou processos não-integrados e desconhecidos.

Narrar uma experiência não é, pois, só compartilhá-la. Mais: é torná-la presentificada em processo, vivê-la. Ou seja, o que confere singularidade ao acontecimento consiste na própria realização do percurso que jamais poderá ser descrito, antes de ser realizado (“...faz-se caminho ao caminhar”). Uma viagem única e imprevisível: surpresa, risco, não-garantia, que possibilita “encontrar-se nos produtos de suas experiências criativas” (WINNICOTT, 1975: 80). Continua este autor (*op. cit.*, 141):

Se o bebê não receber essa oportunidade, então não existirá área em que possa brincar ou ter experiência cultural, disso decorrendo que não existirão vínculos com a herança cultural, nem contribuição para o fundo cultural.

Nesse processo marcado por continuidade-descontinuidade, o espaço potencial do grupo torna-se um lugar de experiências prévias à simbolização e à diferenciação, pois como Winnicott supõe no que se refere ao espaço cultural, temos “um lugar onde colocar o que encontramos” (1975: 138).

Presença de materialidades mediadoras

O que pretendemos aqui é, pois, à maneira de algumas comunidades étnicas ou religiosas, a constituição de um dispositivo ritual com a utilização de mediadores

transicionais²⁸, no caso, fotografias e narrativas, estabelecendo algumas condições para uma realocização do sujeito frente a si mesmo e ao mundo. Uma elaboração individual e coletiva das experiências, marcadas por “espaços em branco”, na impossibilidade de fechamento e completude, na impossibilidade de uma determinação clara dos sentidos das escolhas, acontecimentos e desejos:

Todo material que é apresentado, (...) favorece a criação de condições vivenciais que possibilitam ao analista manter-se como presença. Em outras palavras, a presença do material, escolhido e usado afetivamente, “cuida” do analista, podendo este se fazer presença viva e real para seu paciente (AMBROSIO, 2005: 153-4).

Imaginamos, assim, um dispositivo de acolhimento e sustentação (*holding*), um espaço/tempo de fala e escuta que permita o desvelamento de diferentes perspectivas, construções e aproximações. O foco está no acontecer que se dá sempre num campo intersubjetivo. O material mediador é presentificador, é transicional porque, ao mesmo tempo é e não é o pesquisador, é e não é a história e o passado do participante, é e não é símbolo de seu mundo. Como diria Winnicott, tais paradoxos não devem ser resolvidos, apenas conviver com eles.

A esse respeito, sintetiza Green (2003: 72): “o espaço transicional não está apenas *entre*: é um espaço onde o sujeito futuro está *em transição*, uma transição em que ele toma posse de um objeto criado na vizinhança de um objeto externo real, antes de alcançá-lo”. O que se busca não está nem dentro do sujeito nem dentro do pesquisador, antes, no espaço potencial construído entre-dois, numa nova forma de reunião, nem meu nem teu. O dispositivo de trabalho permite, pois, encontrar/criar um

---

²⁸ As situações, materiais e enquadres disponibilizados estão inseridos em um espaço potencial, um mundo temporário definido pelos participantes envolvidos no processo. Os materiais/objetos usados passam a ser companheiros muito próximos, quase figuras humanas. Nesse sentido, essa área

novo enquadre intermediário apropriado às necessidades dos sujeitos envolvidos. Aqui o pesquisador torna-se continente do não atendido ou deslocado pelo entorno primitivo (infância; família de origem; condições sociais ou políticas...).

Nossa pesquisa exploratória utiliza, em consequência, uma abordagem qualitativa e, nesse sentido, situa-se no enfoque compreensivo (MARTINS e BICUDO, 1994; TRIVIÑOS, 1995; BIASOLI-ALVES, 1998; SCHMIDT e MORATO, 1998; VAISBERG, 2004). Isso significa colocar os sujeitos como atores, ou seja, com a capacidade de retratar e refratar a realidade. Por isso, a interação entre pesquisador e sujeito é essencial. Pretende-se desvelar experiências de vida na perspectiva winnicottiana ao pesquisar narrativas individuais e coletivas de seis sujeitos, a partir de fotografias trazidas por eles. As narrativas abrem um leque de significados ao envolverem fatos, lembranças, acontecimentos, mitos, crenças e afetos.

Na compreensão dessas narrativas e de todo o processo (individual e grupal) serão valorizadas a apreensão e reelaboração desses fragmentos da realidade vivida (TRIVIÑOS, 1995), enfatizando o percurso seguido pelos sujeitos e pelo grupo, os processos e significados atribuídos por eles aos encadeamentos/desdobramentos, muitas vezes, inconscientes, despertados pelas narrativas. O conhecimento acontece porque haveria em tais narrativas (e também nas fotografias e outros mediadores artísticos) “uma quebra e interrupção do tempo linear da vivência” (SCHMIDT, 1990a: 14).

Entendemos que o percurso de cada sujeito no decorrer da pesquisa supõe a criação de um espaço/tempo consigo mesmo, “uma comunicação silenciosa” (WINNICOTT, 1994: 201), um tempo para compreender, um tempo da experiência. Ao

---

intermediária tem as marcas do grupo e do próprio espaço onde os participantes e o pesquisador estão reunidos – um mundo análogo àquele no qual vivemos.

ficar silenciosamente com suas fotos, álbuns, achados e guardados, cada integrante encontra seus *objetos*, deixa-se penetrar por diferentes sensações, lembranças e acontecimentos. Desloca para o registro do comunicável aquilo que dele estava excluído – experiências que a serem usadas (ou não) como algo criado/encontrado em presença de um outro significativo, um saber próprio passível de comunicação.

Na seqüência, forma-se um grupo na presença/mediação do pesquisador, “mãe suficientemente boa” que buscará se adaptar como aprendiz às necessidades dos participantes, por meio das condições de escuta, sustentação e manejo. O pesquisador torna-se

... um recolhedor e retransmissor da experiência de grupos e comunidades; um metabolizador quando recolhe, registra e interpreta a experiência (...); um conector, quando divulga aquilo que elaborou (...), buscando e promovendo, através de sua atividade de investigação, modulações do ‘trânsito de identidades’” (SCHMIDT, 1997: 65).

Construção das narrativas

As perspectivas trazidas por Winnicott (1975; 1994), Benjamin (1994) e Kaës (2000; 2003; 2004, 2005) conferem sustento teórico e metodológico para a elaboração/construção das narrativas e seus desdobramentos e leituras do processo grupal na presente pesquisa. Entendemos que a articulação do pessoal ao coletivo, do presente ao passado com um enfoque diferenciado por meio de um processo de interação, manejo e apropriação do narrar e das fotografias trazidas favorece o desenvolvimento do potencial espontâneo e criativo de cada um e de todos.

Por meio dos conteúdos despertados pelas imagens e pelas ressonâncias grupais, seria possível romper com o esperado, maravilhar-se, espantar-se e refletir... O transicional torna-se, assim, uma instância de articulação da diferença, um lugar de

simbolização e um lugar de oposição entre elementos antagônicos. Na passagem entre espaços heterogêneos, o vínculo entrevistado-pesquisador e a situação definida pelo grupo tornam-se pontes entre o conhecido/seguro e o novo ainda por se constituir.

Resgatando seu significado etimológico, diríamos que o narrar e o uso de fotos como formas sofisticadas do brincar compartilhado têm aqui uma ampla abrangência que pode ter um efeito terapêutico, envolvendo a elaboração e cuidado do que é descoberto/criado. Aquilo que os sujeitos e o próprio grupo constroem é mediado continuamente pelo social/institucional. Nesse espaço *entre* é possível a criação de algo inédito e singular, como no verso de Lao Tse²⁹):

Malgrado os trinta raios
que há numa roda, é o vão
entre eles que a faz útil.
Malgrado ser de barro
o vaso, é seu vazio
interno que o faz útil.
Malgrado a casa ter
porta e janela, é o espaço
de dentro que a faz útil.
Faz-se útil o existente
devido ao que inexistente.

---

²⁹ Lao Tse, “Tao Te King” (ou o Livro da Vida e da Virtude), fragmentos traduzidos por Nelson Ascher. *Folha de S.Paulo*, 16 fev. 2003. Caderno Mais!

Com relação às etapas, esta pesquisa acompanha o seguinte percurso:

➤ Definição dos sujeitos: 6 pessoas (3 homens e 3 mulheres), com idades entre 25 e 35 anos, que não têm uma relação de intimidade entre si nem estão necessariamente em processo psicoterápico. A escolha dos sujeitos é feita a partir de contatos do próprio pesquisador (moradores de bairros próximos; conhecidos de parentes; vizinhos de colegas de trabalho...) ³⁰.

➤ Contato telefônico: explicação da pesquisa em linhas gerais (objetivos, justificativa...); é marcado um encontro pessoal no consultório do pesquisador, solicitando a cada sujeito que traga quatro fotos de sua vida em que ele “tem a sensação de encontrar algo de si mesmo, de sua história”.

➤ Encontro no consultório (aproximadamente uma hora): Apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; solicitação para que o sujeito “fale um pouco de sua vida” e também como foi o processo de escolha de fotos. Pesquisador registra o que é dito, impressões e significados atribuídos. É feita a escolha de uma foto dentre as trazidas a partir da qual cada entrevistado elabora uma história. Pesquisador anota ou registra as fotos e a narrativa construída.

➤ O processo se repete individualmente com os outros cinco participantes. O trabalho com os sujeitos pode ser complementado, retomado e ampliado, com outros encontros, se necessário.

---

³⁰ Alguns dos entrevistados tiveram contatos esporádicos entre si e seus familiares no decorrer da infância e início da adolescência (festas de um conhecido comum; churrasco; eventualmente terem freqüentado a mesma escola mas em séries diferentes). Aliás, esse será o mote que inicia a atividade grupal, descrita e analisada mais adiante.

➤ Findo o trabalho individual, encontro com o grupo: apresentação rápida (durante essa etapa, estarão presentes dois egos-auxiliares para o registro do processo que envolve as fotografias e a construção de narrativas). Depois de uma rápida apresentação dos integrantes do grupo, cada um mostra suas fotos, destaca aquela que escolheu e narra sua história com as palavras do momento.

➤ Compartilhamento do vivido: comentários; ressonâncias; “temas” que surgiram; como percebem a própria história e a dos demais; indagações... Que ressonâncias e desdobramentos (comentários; sentimentos; reflexões) a apresentação das fotos e as narrativas criadas na presença de diferentes interlocutores trouxe para cada um dos integrantes?

6 *ENCONTRO ENTRE PESQUISADOR E ENTREVISTADO*

Winnicott declara que o ser humano à medida que se desenvolve e sob certas condições do ambiente transforma o espaço-tempo em parte integrante de si, em outras palavras, vai se apropriando de sua história. O uso que faz dos objetos descobertos/criados por ele torna-o capaz de estabelecer relações entre o dentro e o fora; eu e outro; os seres vivos e os objetos; dia e noite; tempo e espaço... Assim, o mundo é construído na relação com um *outro*.

Pode-se dizer que nessa construção os sujeitos transpiram a cultura, ou seja, sua sabedoria de vida, tradições, fazeres e perspectivas, continuidades e rupturas. Ao mesmo tempo, também as coisas vêm carregadas de história, porque tecidas/esculpidas pelo toque pessoal, idiossincrático, que as atravessa por inteiro. O que significa que tais coisas *transportam* (= *phorein*) sentimentos, sensações, lembranças que foram depositados nelas por aqueles que as possuem.

No decorrer deste trabalho, destacamos que na chamada modernidade/supermodernidade o papel dos objetos como elementos de articulação da história e da tradição de um grupo de referência, de uma comunidade de destino, foi se esgarçando e se fragmentando, no contexto da ampliação e predomínio de relações marcadas pela economia capitalista. Por outro lado, algumas situações analisadas por Benjamin e, sobretudo, por Winnicott levantam a possibilidade de os objetos e algumas situações do cotidiano constituírem *lugares* de repouso e de passagem da vida humana. Nessa perspectiva, os objetos presentificam e reasseguram essa passagem pelo mundo.

Podemos concluir, então, que é sempre *entre* o risco contínuo de perda das referências e a possibilidade de constituição desses espaços criativos e reasseguradores, que se vai processando o intenso trabalho próprio do devir humano.

Como isso se apresenta ou se concretiza através das fotografias e das narrativas trazidas pelos sujeitos da pesquisa? No nosso caso, essa presentificação é a mesma na situação individualizada (cada sujeito com o pesquisador) e na situação construída em grupo (cada entrevistado em relação aos demais; os sujeitos em grupo com o pesquisador; o grupo como unidade em relação a cada entrevistado)? Quais situações de aproximação, continuidade e encontro se mantêm; quais experiências de ruptura e de transformação aparecem nos espaços comuns partilhados?

Como forma de orientar e analisar o percurso de recolhedor e revelador dessas experiências entretecidas pelos sujeitos ao considerar as fotografias e as narrativas, isto é, o processo que ocorre na situação individual e aquele que ocorre no grupo, buscamos alguns indicadores que nos ajudem no sentido do recorte que ora fazemos no amplo universo dos dados apresentados pelos seis sujeitos. Lemos e relemos diversas vezes os relatos e comentários feitos por eles, aproximando-os depois das ressonâncias trazidas quando do término da entrevista e daquelas suscitadas no próprio pesquisador imediatamente após a apresentação das fotos e das narrativas.

Chama nossa atenção aqui a colocação de Benjamin (1994: 221), com a qual ele termina sua obra *O narrador*, de 1936:

O narrador (...) pode recorrer ao *acervo* de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. ...) O narrador é a figura através da qual o justo *se encontra consigo mesmo*. (Grifos finais nossos.)

Os relatos e as fotos vêm carregados de história, uma vida que inclui a própria experiência do sujeito e também a entretecida com os outros, conforme assinala Benjamin na citação acima. Mais: ao se apresentar, cada entrevistado o faz à sua maneira, e esta também traduz uma forma peculiar – porque *sua* – de marcar sua presença no mundo, de criá-lo e recriá-lo. Parece-nos importante, nesse sentido, destacar inicialmente como cada sujeito se apresenta, o que enfatiza, os caminhos de desvelamento de sua singularidade.

Em um segundo momento, como é sua relação com as fotos, o processo de (re)encontro com elas, o que ecoa ou é evocado nessa relação “silenciosa” com os diferentes outros que as habitam. Ainda no contato com o pesquisador, como o sujeito apresenta as fotos, o que é falado, o que parece ficar entredito, os silêncios e reticências... Por fim, qual foto é escolhida para narrar uma história, seus desdobramentos, articulações e desfechos...

Nesse caminhar junto a cada sujeito e ao grupo, pretendemos fazer pequenos recortes, assinalando frases ou expressões que o sujeito destaca. Algumas vezes as nuances semânticas do relato podem traduzir maior intensidade e ressonâncias com relação a este ou àquele aspecto ou momento de sua vida. Embora o dispositivo criado na relação pesquisador-sujeito siga certo caminho *rascunhado*³¹, isso não significa (necessariamente) que a história (re)criada com uma das fotos constitua um ápice ou ponto de chegada organizador/integrador das experiências do sujeito. Assim, este pode se revelar ou atribuir sentido(s) às suas experiências considerando o narrado como um todo ou pequenos detalhes e “marcas” criados por ele em sua trajetória.

---

³¹ Tal roteiro/“rascunho” é o delineado nos parágrafos anteriores e que tem sua continuação na situação grupal apresentada e analisada mais adiante.

Como forma peculiar de recolher e analisar algumas experiências ou acontecimentos destacados pelos sujeitos, ocorre-nos a narrativa do filme *Gabbeh* (1996), do diretor iraniano Mohsen Makhmalbaf. Neste filme, o cotidiano da protagonista é entretecido nos tapetes³². Os acontecimentos do dia-a-dia são alinhavados artesanalmente fio após fio, em cada estação do ano com as marcas e nuances coloridas da chuva, neve, chegada da primavera, nascimento ou morte de um carneiro, lavagem solidária dos tapetes na (aparente) simplicidade da vida familiar – um tempo de espera, de preparação, de *comemoração* da vida (resistente): o casamento predestinado das mulheres, o cavaleiro solitário a ameaçar as tradições, a busca (ininterrupta) do desejo. A tessitura do tapete de certa forma refletiria e testemunharia no presente o movimento, o espaço potencial de vida e morte; o entrelaço de refúgio e acolhimento diante dos esgarçamentos, rupturas e recomeços da vida.

Quando cada sujeito da pesquisa se apresenta e traz seus objetos/fotos/narrativas, vai tecendo, costurando ou desvelando partes de seu mundo, um *gabbeh* construído ou em (re)construção. Aparecem experiências ligando dentro e fora; eu e outro; presente e passado; uma relação *entre...*, uma relação *com* os outros.

Assim, parece-nos importante utilizar aqui essa imagem do tapete sendo entretecido “devagar, devagar, devagarzinho” e acolher/auscultar o relato de cada sujeito nos perguntando, por exemplo: o que é mais destacado em seu narrar são situações de encontro e aproximação, de continuidade das experiências ou, ao contrário, o narrar, as experiências e os sentimentos expressados trazem as marcas da descontinuidade, ruptura e desencontro? Outra possibilidade: tais relações são

---

³² *Gabbeh* é um tipo de tapete, além de, no filme, ser o nome como a própria protagonista é chamada.

atravessadas pela tensão, ambigüidade ou simultaneidade no entrelaçamento dessas polaridades? E que desdobramentos tais situações ou experiências trazem à sua vida?

A solicitação inicial feita por mim foi de que o sujeito escolhesse fotos nas quais tivesse a sensação de “encontrar algo de si mesmo, da própria história”. Tal escolha ou situação proposta importa, como se nota, em tomar decisões, separar, excluir, parar, deixar em repouso, buscar, abrir e fechar, trazer as fotos para perto de si, apalpá-las, senti-las... Nesse processo, cada sujeito pode (novamente) se localizar consigo mesmo, com sua história, com os diferentes outros que o habitam... a intensidade das relações que estabelece ao longo da vida.

Na sequência, os seis sujeitos da pesquisa fazem seu relato a partir do momento em que foram convidados pelo pesquisador: texto, contexto, ressonâncias e desdobramentos. Os comentários e impressões de cada sujeito assim que termina a construção de sua história permitem uma primeira aproximação transicional, considerando os movimentos e significados que vão sendo desvelados pelo próprio sujeito no decorrer de seu narrar e em contato com as imagens fotográficas³³.

Como em um mesmo movimento transicional, apresento as primeiras ressonâncias que a história e comentários do entrevistado me suscitam assim que ele se retira. Depois, após várias leituras e *conversas* com os “fragmentos de vida” presentes nos relatos, nos entremeios das imagens fotográficas e na construção das narrativas, faço alguns recortes e assinalamentos que acompanham a apresentação de diferentes *gabbah* entretecidos. Ao mesmo tempo, busco desvelar aspectos da face que não se

---

³³ O relato de cada sujeito é feito diretamente, guardando seu caráter coloquial, lacunas, frases incompletas e silêncios. Algumas informações foram alteradas no sentido de preservar sua confidencialidade ou a identidade dos participantes.

mostra diretamente em uma primeira aproximação, talvez um avesso no qual os nós se entrecruzam e dão sustentação à construção/tapete do sujeito.

Para uma leitura mais abrangente que permita aproximações, desdobramentos e ressignificações do trabalho coletivo dos sujeitos com suas narrativas e com suas imagens fotográficas, falarei mais adiante. Por ora, vamos às “primeiras estórias”, acompanhando a sinuosidade, corredeiras e remansos dos rios humanos formando-se *in statu nascendi*...

1. Angélica, 25 anos, se apresenta

Angélica comparece ao consultório num final de tarde. Por telefone, uns dois meses antes conversamos sobre sua possibilidade de participar desta pesquisa. Expliquei-lhe em linhas gerais que me interessava que num primeiro momento ela escolhesse algumas fotos entre seus achados e guardados (álbuns, pastas, diários, caixas com recordações, lembranças, etc.) nas quais tivesse a sensação de “encontrar algo de si mesma, de sua história”.

Assim, Angélica ali à minha frente sobre o tapete central da sala se apressa em mostrar as fotos, em dizer que demorou a encontrar as quatro imagens fotográficas solicitadas, pois sabia que algumas delas não estavam em sua casa. Os pais haviam se separado no ano anterior, parte das *suas coisas* ficou com o pai e outra parte com sua mãe. Retornou há oito meses do Exterior (República Tcheca) onde fizera uma especialização em Planejamento de Espaços Públicos.

O término da Faculdade de Arquitetura em Ouro Preto coincidira também com o final de um relacionamento de quatro anos, “complicado, nossos amigos não

combinavam”. Diz que desde o final da 8ª série tinha a sensação de estar deslocada, de não se encontrar, de estar um pouco perdida, o que melhorou consideravelmente no decorrer do Ensino Médio, com a mudança para outra escola “menos burguesa, mais cabeça aberta”. A mesma sensação de mal-estar a acompanhou no primeiro ano do curso de Arquitetura: ambiente novo, cidade nova, etc...

Agora de volta a São Paulo, vem organizando sua vida pessoal e sua vida profissional (trabalha na edição de obras – livros, revistas – na área de Arquitetura).

Com relação às fotos, observa que elas contêm um pouco de tudo, da infância (“nem sabia que tinha essa foto”), do tempo do Ensino Médio e da Faculdade e do ano que passou na República Tcheca – “morando sozinha, morando em albergues, trabalhando em uma padaria”; vivendo diferentes experiências com outros estudantes do país e, sobretudo, de outros contextos europeus. Foi muito difícil fazer-se aceita, particularmente devido à dificuldade com o idioma, costumes. Depois...

Ao mexer nas caixas, álbuns e guardados da casa do pai e da casa da mãe, acabou encontrando quinze fotos significativas, não sabendo inicialmente como fazer para “se separar delas”, de modo a chegar às quatro solicitadas. Ficou com elas durante alguns dias em sua casa, como que em “banho-maria”. O namorado reclamou que entre as quinze selecionadas não havia nenhuma dele ou com ele...

Agora sobre o tapete do consultório, Angélica apresenta suas fotos: “*essa daqui* é de um trabalho para a Faculdade, um olhar geral de um espaço perto da casa dos meus pais aqui em São Paulo, lugar onde sempre passava nos deslocamentos urbanos de um bairro a outro”. Continua Angélica: “Existe a idéia de evolução ou, como queira, de involução... porque a paisagem urbana mudou nesses 8, 10 anos, mais casas, mais casas;

a linha de trem que cruzava essa rua foi tirada... A idéia de abertura que existia – que aparece nesta foto – não existe mais. As coisas foram se deteriorando! As condições de saúde... as pessoas não se encontram mais...

Ah... essa *outra foto* mostra um pouco da minha infância, os amigos de meus pais e o encontro com os filhos deles. Fazíamos tanta coisa juntos: passeios, almoços na casa de cada um deles, ou na minha casa... cantávamos, brincávamos... lembro-me de uma vez na chácara de um desses casais, estar ansiosa por encontrar os ovos de Páscoa que haviam sido colocados à noite sob as árvores do pomar. Eu era muito pequena e meus irmãos me ajudaram...

Nesta 3ª. *foto*.... ah, aqui aparecem alguns amigos do tempo da faculdade. Foram colegas que me acolheram quando fui estudar em Ouro Preto. No começo foi muito difícil: vida nova, ambiente universitário novo. Alguns desses colegas me convidavam para almoçar ou para passar o fim de semana na casa deles. Me senti muito acolhida...

Essa *última* não é propriamente uma foto, antes um cartão postal que eu ganhei de uma amiga do curso lá na República Tcheca. É muito especial, como essa minha amiga, Ingrid. Tem um gato estilizado.”

Pedi a Angélica que escolhesse uma das quatro fotos para construir uma história. Ela escolheu a última.

É a história de uma menina que nasceu na Alemanha Oriental e viveu durante o regime comunista, a história da Cortina de Ferro, até os 13, 14 anos. Por mais que fossem proibidas as coisas na Alemanha Oriental, as crianças conseguiam ver alguns programas censurados, que falavam do capitalismo, do consumo, muito diferente de

tudo o que ela vivia. De uma aparente liberdade, totalmente diferente das regras e proibições que havia na sociedade dela.

Essa menina sonhava em viajar e ir além do Muro que podia ver mas não podia tocar. Quando o Muro caiu, tudo começou a se transformar. Houve certa euforia e ela foi começando a crescer em meio a essa transformação.

Quando completou 19 anos, saiu a viajar pelo mundo e conhecer um pouco mais desse mundo louco que tinha transformado o seu e que ela sonhava conhecer. Nessas viagens, o que foi importante para ela foi aprender a olhar as coisas sem alguém dizer o que podia ou não fazer, buscar dentro dela o que realmente acreditava: uma crença, uma ânsia de se definir fora de padrões.

Ainda hoje, ela busca seu caminho mas sempre valorizando muito o processo pelo qual passou, a infância, a transformação e o encontro consigo mesma.

*Se fosse dar um título para essa história seria: **Chikita**.*

1.1. Ressonâncias³⁴

-- Uma certa *añoranza*, uma nostalgia de tempos tranquilos, pessoas queridas... momentos que não voltarão. Dá uma certa insegurança...

-- *Chikita*: será que vou voltar a vê-la? Foi importante tê-la encontrado? Tenho medo que um elo se rompa, que não conecte com ela... Escrevi duas cartas para amigas de lá. Enviei fotos dos momentos bons que vivemos juntas.

---

³⁴ São pequenos comentários feitos pelo sujeito no final da entrevista: como se sentia naquele momento; o que gostaria de dizer do trabalho realizado até o momento...

1.2. *Transicionalidades*³⁵

-- Transpor muros para encontrar outras realidades possíveis, onde seja possível transitar com liberdade.

-- “O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (Freud).

-- A foto estilizada do gato como situação transicional para Angélica: recorda, evoca nela experiências de ausência (país estrangeiro; solidão; fragilização dos laços sociais...) e, ao mesmo tempo, de repouso e esperança de dias melhores (como para sua amiga alemã).

-- Um gato estilizado – uma passagem de menina/infância a mulher; um desejo de criar seu próprio estilo. E, em sendo mulher, como incluir o namorado? Questão que traz logo no início.

-- Ingrid “não podia tocar o Muro”: sem liberdade, a potência da linguagem se perde...

-- A experiência da viagem, do encontro com o estranho e diferente como possibilidade de ressignificar o vivido.

-- Semelhanças e diferenças entre Angélica e *Chikita*.

---

³⁵ Após a entrevista, fiz algumas anotações (impressões, falas ou detalhes que me chamaram a atenção), como primeiras “leituras” e aproximações minhas a serem eventualmente utilizadas quando da análise dos dados e considerações finais.

1.3. *Angélica constrói sua casa*

Além de ter sido a primeira participante da pesquisa contatada por mim, foi a que “se apressou” (nas suas palavras) em prontamente ligar para marcar nosso encontro. Sua apresentação se inicia dizendo que “as fotos não estavam em sua casa”, o que me faz pensar em algo que naquele momento não estava presente, de um hiato/separação que pode ser reconectado ou religado a experiências anteriores, próximas às suas origens (como se verá quando apresentar suas fotos). Continua falando de algo que se rompeu (a separação dos pais no ano anterior); por isso, suas fotos estavam ou na casa do pai ou na casa da mãe. Na seqüência, assinala o reencontro com “sua casa” (o Brasil) depois de uma especialização no Exterior (separação do já conhecido; contato com o diferente e distante; o não-familiar; o estranho...).

Na entrevista também destaca como num certo *continuum* o “término” da Faculdade de Arquitetura e o “término” de um relacionamento afetivo, parecendo destacar um espaço-tempo que marca momentos nos quais ainda não se encontra mais plenamente, ainda não se sente *em casa*. As conquistas e separações estão muito próximas, criando certa suspensão de seu *lugar*.

A volta a São Paulo (“há oito meses”) representa a possibilidade de encontrar esse seu lugar, de abertura de novos espaços potenciais (relacionamento afetivo; o trabalho em editora). Ao se apresentar, é como se pudesse desenhar uma nova *arquitetura* à medida que vai tecendo/editando sua vida, seu *gabbeh*: diz que no início da adolescência foi para uma escola “menos burguesa, mais cabeça aberta”; o curso de Arquitetura é feito em “ambiente novo, nova cidade”; realiza uma viagem à República Tcheca especializando-se no “planejamento de espaços *públicos*”.

No encontro com o pesquisador, parece que ela pode ir se dando conta aos poucos desse processo, de que não só seus pais estão *separados*, como também ela pode ter vida *própria*, ocupar novos espaços (“públicos”), com o início da vida profissional propriamente dita; o estabelecimento de novas redes sociais/afetivas de sustentação. Ocupar não mais um lugar *entre/separada* dos pais mas poder ter suas fotos mais perto de si, construir *sua casa*. Parece que é um pouco desse desejo que ela fala diante das quatro fotos trazidas e do que elas evocam.

Angélica retoma e como que confirma e aprofunda por meio das fotos algumas situações ou temas referidos em seu narrar inicial; “as fotos contêm um pouco de tudo”, diz ela. Em suas palavras, existe “um olhar geral de um espaço” que mostra o contexto no qual transita -- *entre* o campo dos estudos na Faculdade e a casa dos pais em São Paulo.

O que se destaca na *1ª. foto* parece ser a idéia do deslocamento, do trânsito, do intercâmbio e comunicação existente, de algo criado e descoberto nessas trocas entre a Faculdade e a casa dos pais. Pode-se pensar no espaço familiar e da Faculdade como *lugares* de sustentação e de refúgio enriquecedor (“de evolução”, diz ela), pelo menos durante certo tempo. Pouco a pouco, tal “abertura”, a possibilidade do encontro e da comunicação foi se afunilando até a “retirada da linha do trem” que circulava unindo as casas e os bairros próximos. Nessa “involução” (como ela a chama) não há mais encontros, antes, talvez, situações marcadas pelo distanciamento ou pela intrusão vindos do ambiente externo.

O resgate possibilitado pelas fotos acorda ou recorda nela diferentes experiências nas quais se destaca o contato com o se sentir deslocada, *só* em terras estranhas, distante daquela casa materno-paterna de sua infância e de boa parte de sua

adolescência (“foi muito difícil fazer-me aceita”, ela diz). Talvez hoje nesse seu “olhar geral de um espaço” possa tecer seu percurso, seu ser-no-mundo (consigo e com o outro) de uma maneira mais integrada.

Como se os momentos e experiências dos últimos anos lidando com o deslocamento, passagem a diferentes campos intersubjetivos (grupos; instituições; moradias; trabalhos) e diferentes separações (“as coisas foram se deteriorando”) encontrassem dentro dela um amplo “assoalho” ou base de sustentação, continuidade e organização protetoras a respaldar as sinuosidades das experiências construídas. Parece que é dessa *base* inicial – que nem sabia que estava lá -- que ela se refere ao apresentar a 2ª *foto*: “minha infância, os amigos de meus pais e o encontro com os filhos deles”; “os passeios, almoços, brincadeiras, cantos... os ovos de Páscoa”; “... era pequena e meus irmãos me ajudaram”.

“Todo recomeço é difícil”, diz Angélica (3ª *foto*): existe a estranheza, o contato com o não-familiar e desconhecido, o ficar sozinha em uma comunicação silenciosa. Seu narrar sobre o momento de sua chegada/entrada na Faculdade de Arquitetura apresenta simultaneamente a presença do aconchego trazido pelos colegas (“me convidavam para almoçar ou passar o fim de semana na casa deles”) e a mudança, a passagem de um ambiente conhecido (residência em São Paulo/casa dos pais) a outro (Faculdade em Ouro Preto/”ambiente universitário novo”). Talvez possa “começar de novo” por já ter experimentado anteriormente momentos decisivos de segurança e proteção (“minha infância”; “os amigos de meus pais”; “era pequena e meus irmãos me ajudaram” – enfatiza na 2ª *foto*).

Nesse sentido, em Ouro Preto, lugar do novo e não-familiar, está sozinha *com...* O desilusionamento da casa dos pais e a entrada no mundo profissional (via

Universidade) ocorre aos poucos em meio a espaços potenciais atravessados pelo lúdico, pelas comemorações e compartilhamento.

Angélica finaliza sua apresentação dizendo: “essa não é propriamente uma foto, antes um cartão postal que eu ganhei de uma amiga... é muito especial”. Isso me faz pensar inicialmente na própria idéia de *símbolo*, associada à hospitalidade, amizade e à presença de uma ausência. Ao se despedir de alguém que o acolhera em sua casa, um grego poderia, se assim o desejasse, levar consigo parte de um objeto (uma moeda ou roupa, por exemplo) pertencente ao dono da casa. No reencontro meses ou anos depois, ambos, o hóspede e o dono da casa (ou seus descendentes) poderiam novamente comemorar (*cum-memorare*), lembrar juntos, conversar (dar voltas juntos, olhar diferentes versões do acontecido) sobre o acontecido antes.

O *cartão postal* parece colocar-se como símbolo do transitar de Angélica: concretiza uma presença-ausência, o (re)encontro do *objeto* na pessoa da amiga, Ingrid (“muito especial”). A história construída a partir da foto/cartão postal traz alguns elementos que refletem o percurso e os recursos de que Angélica dispõe para articular/organizar intersubjetivamente seu mundo: torna-se um gesto espontâneo, criativo (WINNICOTT, 1975).

Fazer faculdade em outra cidade, iniciar a *arquitetura* de um relacionamento afetivo, a viagem à República Tcheca (“planejamento de espaços públicos”) – movimentos que indicam tanto para Angélica, como para *Ingrid/Chikita*, a possibilidade de “aprender a olhar as coisas sem alguém dizer o que podia ou não fazer”; “buscar dentro dela o que realmente acreditava”, como diz ao final de sua história construída. Reconhecer e ampliar “espaços inexplorados, ausentes de todos os mapas” (SERRES,

1994: 24), aspectos que Angélica integra mais amplamente na situação de grupo, como se verá mais adiante.

2. Ralf, 23 anos, se apresenta

“Moro sozinho há uns dois anos e em 2002 terminei o curso de teatro em uma escola profissionalizante de São Paulo. Como marcas de minha trajetória no teatro, destacaria *Ensaio sobre a cegueira* (2002) e *O auto dos palhaços baixos* (2004 e 2005). Faço curso de Cinema em uma faculdade particular, com intenção de no futuro realizar longas-metragens. Tenho uma irmã dois anos mais velha que eu. Meu pai trabalha na área de Comércio Exterior e minha mãe com decoração em município próximo a São Paulo.

Ah... com relação às fotos que eu escolhi, vamos ver... Essa primeira dá a idéia de uma foto importante. É para um veículo de imprensa da peça *Ensaio sobre a cegueira*, com base na obra do José Saramago. Traduz a idéia de vitória, de conquista! De ter conseguido contar uma história com sentido poético...

Nessa 2ª foto pensei colocar algo que lembrasse minha família, uma ou duas fotos. Aqui eu no colo dos meus pais... aqui eu sozinho no colo de meu pai. Me vem alegria, felicidade... emoção... ao ver essa foto.

Aqui (3ª. foto) também tenho um sentimento de alegria, de realização, de amizade... é um momento de encontro com a trupe de teatro, com a qual fiz *O auto dos palhaços baixos*.

A 4ª foto é de uma viagem que me marcou bastante...” (*Silêncio*)

Volpe: Se você, Ralf, escolhesse uma dessas fotos para narrar uma história com um título ao final, qual seria?

É a história de um pai e um filho – Romero, pai e Roger, filho (começa a falar depois de uns três minutos com a 4ª foto apresentada antes nas mãos).

Há 20 anos, quando Romero morava no Chile, mais especificamente no Deserto de Atacama, ele conseguiu de alguma forma muito dinheiro e um tesouro da família, algo de muito valor. Não sei se dinheiro, mas algo precioso da família... Nessa época, era um jovem e ele tinha um amigo que era chileno e que conhecia o deserto inteiro mas esse amigo não tem nada a ver com o tesouro nem sabe do ocorrido.

Alguns ladrões, capangas ou esse tipo de pessoa descobrem que Romero tem um tesouro guardado com ele. Começam a mandar recados e a procurar insistentemente Romero para conseguir o tesouro dele. Isso daí vai ficando cada vez mais pesado, mais violento... E Romero é obrigado a fugir. Ele joga o que pode dentro de uma caminhonete, seu tesouro e vai para o meio do deserto. Enterra o tesouro num local onde ninguém pudesse achar. E vai para o Brasil, ele volta para o Brasil...

Lá ele conhece sua esposa, estabelece vida em São Paulo, família, os filhos e esquece desse tesouro. Ou melhor: vive com a vida dele no Brasil e deixando para trás a vida no Chile. Então, certo dia, dá um estalo na cabeça dele e ele resolve voltar para pegar o tesouro. Só que ele chama o filho dele que é um jovem para acompanhá-lo nessa viagem.

O jovem Roger se empolga, pegam um avião até Santiago, depois um avião até Antofagasta. Viajam mais duas horas de ônibus, alugam uma caminhonete, viajam

mais uma hora e chegam no destino deles, numa cidade pequena perdida no meio do deserto.

Devido à altitude, Roger começa a passar mal. Então começam uma busca na cidade pelo antigo amigo do Romero. E eles encontram José, numa tenda, numa oficina trabalhando como mecânico. Ele fica emocionado ao ver o amigo Romero. Eles saem para comer e Romero conta a José a história do tesouro.

Eles pegam a caminhonete após o almoço e vão explorar o deserto. Quando no final da tarde, Romero reconhece o local, onde havia enterrado o tesouro... Eles caminham pelas lagunas no meio do deserto – verdadeiros espelhos d'água – e encontram o tesouro. Então resolvem tirar a foto: esse momento é o verdadeiro tesouro.

*Um título para essa foto seria: **Fim de tarde.***

2.1. Ressonâncias

-- Sinto um pouco de vontade de voltar no tempo, especificamente esse momento que aparece na foto, poder viver de novo esse momento.

-- Dá uma certa nostalgia, ao lembrar de coisas que a gente viveu, sentiu, amou...

2.2. Transicionalidades

-- Deserto, lugar da solidão, da intimidade, do recolhimento – tenho que sair de mim mesmo para me encontrar, saber de mim, saber do mundo que habito.

-- Figura paterna, como apresentadora, presentificadora do novo, do desconhecido.

-- Ralf fala de “certa nostalgia”, a mesma sensação de Angélica.

-- Ver-se no espelho d’água: a busca não é transparente; dá-se por indícios, pelo avesso do avesso.

2.3. O reencontro no deserto

A apresentação de Ralf se inicia pontuando “objetivamente” fatos, datas e acontecimentos nos quais são enfatizados aspectos ligados à profissão e à sua autonomia: “tenho 23 anos, moro sozinho há dois anos”. Fala da arte como se colocando de fora, descrevendo e *decorando* seu mundo: preparação do cenário das fotos que viriam na seqüência? É ator e diz querer ser diretor de longas-metragens...

Fala das vitórias alcançadas, “de ter conseguido contar uma história com sentido poético” (*1ª foto*). Trata-se da peça *Ensaio sobre a cegueira*, baseada em obra de José Saramago, na qual os diferentes personagens vão rodopiando sobre si mesmos na tentativa de encontrar um sentido para suas vidas. A foto sobre uma cena da peça retrata, a seu ver, o momento em que o personagem representado por ele *se descobre*, desvela partes de seu mundo. Assim, o recorte de jornal com a foto como que torna público o processo de *desvelamento* que ocorre pouco a pouco nos personagens: não ver “uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”, diz Saramago na obra em questão. Ralf afirma que é “uma foto muito importante”: marca seu ingresso no mundo do trabalho com 21 anos. A confirmação de seu trabalho como ator vem em *O auto dos*

palhaços baixos, dois anos depois (2004): “tenho um sentimento de alegria, de realização, de amizade”, diz ao apresentar a 3ª *foto*. É o encontro com “sua turma”.

A idéia do *encontro* (ou reencontro), realizações e sucessos perpassa toda a apresentação de Ralf. Nesse sentido, a 2ª *foto* destaca a proximidade e aconchego no colo dos pais e, imediatamente, “aqui eu sozinho no colo do meu pai – me vem alegria, felicidade, emoção ao ver essa foto”. Parece que a presença e proximidade da figura paterna expressa uma conquista, algo que pôde se concretizar, e com ela, uma aproximação com o universo masculino (como destacado na 2ª e 4ª *foto*). Ou da busca e tentativa de que tal (re)encontro se concretizasse?

É da descoberta/desvelamento desse “tesouro da família enterrado no meio do deserto” que vai falar na apresentação de sua última foto. É também esta que escolhe para narrar sua história na qual se destacam as figuras de Romero (“pai”) e de José (“mecânico, amigo de Romero, que conhecia o deserto inteiro”) em busca de “algo precioso” escondido em algum lugar no meio do deserto...

O “deserto” como lugar do silêncio e da intimidade, da possibilidade de recolher-se do barulho da rua, coloca-se também como lugar de (re)elaboração da *experiência* (*Erfahrung*), de um levar mais adiante. A narrativa, nesse sentido, funda-se sobre o vivido, como assinalam Benjamin (1994) -- “só se narra aquilo que se experimentou”; Winnicott (1986: 131) – “ao descobrir o mundo, a criança sempre realiza uma viagem de volta; essa viagem faz sentido para ela”; e Serres (1997: 24): “reconhecer os espaços inexplorados, ausentes de todos os mapas”. Em outras palavras, percorrer caminhos novos, alargando os horizontes *com os outros*.

Tais convites ao encontro reinauguram o vivido. Ralf recria a partir da apresentação de sua última foto uma viagem realizada anos antes com o pai, Romero. Percorrem juntos alguns espaços imensos do *Deserto de Atacama*: “a história de um pai e um filho”. Existe um “tesouro enterrado no meio do deserto” e o pai (com a companhia do filho, Ralf) faz de tudo para reaver esse tesouro. O pai presentifica seu passado ao filho e o insere numa filiação/transmissão de herança a construir e desenvolver. Nesse resgate, pode tornar *sua* uma parte da história de Romero, com a ajuda do “chileno/mecânico/morador de uma tenda nas proximidades do deserto”. Existe um caráter reflexivo nessa busca identitária: “o tesouro aparece quando caminham pelas lagunas – verdadeiros espelhos d’água – no meio do deserto”.

Parece tratar-se de um resgate, de (re)inauguração do vivido ou, quem sabe, do desejo de que se realize esse encontro pai-filho. No encontro com o pesquisador e com o grupo, os itinerários *lacunares* e os “desertos” percorridos por Ralf podem ser acordados e presentificados... quem sabe, inaugurados, com a descoberta e “desenterro do tesouro”. Ralf relata ao final que o “tesouro” (verdadeiro *self*?) é o registro, a *criação* dessa foto num “fim de tarde” (título de sua história).

Pode-se pensar que *Ensaio sobre a cegueira* que inaugura sua vida profissional se aprofunda com a apresentação de sua narrativa sobre o (re)encontro com Romero, pai³⁶. “Tenho vontade... de viver de novo esse momento”, destaca como caixa de ressonância, após o encontro/entrevista com o pesquisador. Para Winnicott (1982), embora a perda traga muito pesar, só se perde (e se reencontra) o que existiu, o que foi desfrutado.

---

³⁶ Na situação grupal analisada mais adiante, esse tema é ampliado, ganhando desdobramentos e novos significados, à medida que ele é apropriado por seus integrantes.

3. *Clarinha, 33 anos, se apresenta*

“Entrar em contato com as fotos me levou a recordar tudo, problemas com o passado, desde que minha mãe morreu está muito difícil... Ela faz muita falta para meu pai e muito para mim (*chora*). Mexer com essas fotos me fez lembrar muito de minha história: a adoção com 6, 7 anos³⁷; minha saída de casa depois dos 18 anos e, agora, mais recentemente, a volta para a casa de meu pai. É, tá complicado!

Para chegar às quatro fotos solicitadas, fui mexendo nos álbuns, nas caixas com fotos. Interessante que tanto meu pai como minha mãe, documentaram cada foto. Como, por exemplo, ‘Aracaju, Natal de 1999. Presentes: tio Joaquim, tia Izaura, Paulinho, Josiane, Márcio, as gêmeas Narinha e Fernandinha.’

Acabei escolhendo fotos bem antigas. Gostaria de reviver tudo de novo, mudaria tudo, principalmente em relação à família.

Essa *1ª foto* é a única que encontrei que tem toda a família: coincide com o momento da adoção, quando eu tinha 6, 7 anos. Meu pai queria me ver de vestido e eu vivia na época usando calça, uma moleca...

Na *2ª foto* aparece a família de minha mãe, é uma família grande, unida. Eles sempre nos acolheram, Até hoje, mesmo depois da morte de minha mãe, a gente mantém vínculo. A morte de minha mãe nos aproximou mais e mais, aproximou eu, meu irmão, um ano mais novo que eu, meu pai e a família lá em Sergipe.

---

³⁷ A assinalar que, diferentemente do afirmado aqui, no encontro com o grupo Clarinha vai dizer que foi adotada “com 4, 5 anos de idade”.

Nessa 3ª foto aparece a família de meu pai: irmãos, tia Gema, tio Pietro, tio Nino, a vó Cecília.

Aqui aparecem alguns amigos que cheguei a conhecer, amigos que me acolheram e a meu irmão, Mário... De vez em quando, encontro ainda com alguns deles... Outros faz tempo que não vejo mais nem tenho notícias...

Para compor uma história, escolhi essa foto (2ª foto) que mostra membros da família de minha mãe lá de Sergipe, onde passamos muitos Natais e as férias do começo do ano.

São momentos de uma família reunida... Uma família que foi sempre unida. Todo ano era sagrado se encontrar... Aracaju ou São Cristóvão. Hoje eu sinto falta deles. Meu pai sempre bateu de frente com meu tio... mas este sempre nos acolheu em Aracaju, independentemente disso. Eu sinto muita falta porque é uma família muito alegre, mora num lugar que eu gostaria de morar... de frente para a praia. (Depois de alguns instantes, digo: “E como continua sua história?”

Vou voltar a vê-los. Essa é minha vontade. Ainda tem alguns primos de lá que vêm nos visitar e ficam em minha casa. Agora estou morando com meu pai... meu irmão e a namorada foram tentar a vida no Canadá.

A última vez que visitamos a família de minha mãe lá em Aracaju foi há cinco anos, pouco depois que ela morreu... Depois não mais! Meu pai bate de frente com meu tio que não gosta de discutir política. Os filhos dele gostam, são política pura!. Nessa última vez, meu pai e meu tio andaram discutindo feio, os filhos de meu tio se meteram na discussão. Ficaram contra o pai deles. O ‘amigo secreto’ ficou uma coisa falsa, gelada.

Meu pai ia lá mais por causa de minha mãe. Ele se dá com meus primos. Eles vêm aqui em São Paulo quando de um curso, ficam 3 ou 4 dias hospedados lá em casa. Nessas dias tem clima de festa lá em casa.

*Para dar um título a essa história escolheria: **Família Albuquerque Pellegrini.***

3.1. Ressonâncias

-- Não gostei dessa história... me lembra coisas tristes, discussão... minha mãe. Gostaria de escolher outra foto, essa daqui em que aparecem todos os membros de minha família: pai, mãe, eu e meu irmão, Mário, logo depois da adoção em 1977.

-- Não estou preparada para mexer com essas coisas *agora*. A relação com minha mãe... tem feridas abertas... Não sei se daria para falar disso com outras pessoas. Ta difícil!

3.2. Transicionalidades

-- Vivência de uma situação difícil: ficou paralisada com a perda da mãe.

-- Não pode curtir o bom, o diferente...

-- Importância da família, do grupo lá de Sergipe como desveladora da integração, da possibilidade de não-desintegração?

3.3. *Um lugar que seja seu*

O que Clarinha ressalta em um primeiro momento são as “lembranças de minha história”; “problemas com o passado”; “minha mãe morreu”; “a falta que minha mãe faz”. Seu olhar se inclina para experiências associadas a desamparo, perdas e separações. E na seqüência, a adoção aos 6, 7 anos, a saída e a volta à casa paterna. Percurso que parece indicar suas idas e vindas no sentido de uma elaboração e tentativa de apropriação de suas origens e de seus vínculos mais recentes.

A volta à casa paterna indica sua condição de *sujeito*: agora ela é a filha que vai cuidar do pai, que está perdendo progressivamente a visão, como mostra na apresentação das fotos.

O contato com as imagens fotográficas possibilita a recordação “de tudo” (sic): à medida que mexe nos álbuns e caixas *acorda*, levanta indícios e lembranças que os pais procuraram sempre documentar – para não esquecer? Aparecem algumas evidências da força e continência das famílias de origem do pai e da mãe, como espaços potenciais que trazem, a seu ver, proteção, alegria e bem-estar.

Tais famílias são grandes (“tios, tias, primos, avós”), há diferentes ocasiões para encontros e comemorações: “Aracaju, Natal de 1999. Presentes: tio Joaquim, (...), as gêmeas Narinha e Fernandinha”. Aparecem experiências marcadas pelo lúdico, por certa ilusão de completude. Diz que também ocorrem confrontos, disputas e delimitação das diferenças: “a família de meu pai...” (3ª foto); “meu pai bate de frente com meu tio, irmão de minha mãe, lá em Sergipe ...”.

Nessa apresentação, parece dar-se conta, descobrir a especificidade de *sua* família: pai, mãe, ela e Mário, o irmão – ambos adotados, ela com 6, 7 anos e ele, um

ano mais novo, que chegara antes, com meses de idade. O que Clarinha desvela aos poucos é sua *localização* no espaço-tempo familiar, um ambiente que a acolheu e amparou: “gostaria de reviver tudo de novo”. (Mas mudaria tudo, principalmente em relação à família: isso não pode ficar oculto.)

Nesse sentido, a *1ª foto* registra um momento ocorrido 25 anos antes que coincide com sua adoção aos 6/7 anos. E a observação: “meu pai queria me ver de vestido; eu vivia na época usando calça, uma moleca”. (Re)vive agora, na situação de pesquisa, a experiência do olhar paterno a confirmar seu lugar de *mulher*? É a única foto que consegue encontrar com toda a família, por isso talvez a observação de que o pai “queria me ver de vestido”. Necessitaria se sentir incluída e, ao mesmo tempo, ter uma figura paterna forte que a perceba como mulher, sobretudo agora com a ausência da mãe e a crescente fragilização do pai?

A família da mãe (*2ª foto*), “grande e unida”, indicando uma rede de vínculos que propiciam encontros e sustentação afetiva (mas está longe em Sergipe), é colocada ao lado da sua – “a morte de minha mãe...”, como a ressaltar a presença (angustiante?) de uma ausência, a aproximação no desamparo e na dor...

E na *última foto* destaca a presença gratificante da infância, a importância dos amigos, das brincadeiras e das redes de sustentação presentes no decorrer de sua vida, em momentos de perdas e separações e que ela associa à sua adoção e à fragilização de seu pai. É o que Clarinha articula e organiza quando da escolha de uma foto para construir uma história: retoma alguns elementos de suas colocações iniciais e da apresentação de suas fotos, como se verás.

A morte da mãe ocorrida há cinco anos³⁸, a progressiva fragilização da figura paterna (perda da visão) e a ida do irmão ao Canadá para tentar (alargar) a vida, ao mesmo tempo em que presentificam a ausência de sustentação em seu desamparo e o esgarçamento dos laços familiares, também marcam a necessidade imperiosa de se colocar como alguém forte, ao lado do pai: “agora estou morando com ele”. Nesse momento, seu desamparo aparece enleado e entretecido ao desamparo e fragilidade do pai, o que pode talvez dificultar o processo de apropriação de uma vida *sua*, como vai destacar no encontro em grupo com os demais participantes da pesquisa.

A chegada dos primos de Sergipe uma ou outra vez no decorrer do ano significa para ela uma recriação de experiências que marcavam sua ida anual com os pais “a Aracaju ou São Cristóvão, por ocasião das festas de final de ano”. É como se dissesse: “quando eles vêm a São Paulo mais uma vez existe vida, *ilusionamento* e clima de festa lá em casa”. Como um oásis no deserto! Então, para ela cria-se um espaço potencial no qual é possível comemorar, *experimentar*: família aumentada; comemoração do amigo secreto; aproximações e confrontos entre seu pai e o irmão de sua mãe...

Agora seu cotidiano é permeado pelas lembranças de um passado recente: “depois da morte de minha mãe há cinco anos, não fomos mais a Sergipe”; “sinto falta deles”; “as feridas estão abertas”. A *Família Albuquerque Pellegrini*, antes percebida tão grande e forte, deixa à mostra sua precariedade e contradições e as feridas e dores daqui demoram a cicatrizar...

---

³⁸ O que será que essa “morte da mãe” reaviva nela em termos das separações ou perdas anteriores (foi adotada com 6, 7 anos)?

“É difícil falar dessas coisas, gostaria de ter escolhido outra foto para construir uma história!”, diz Clarinha na saída da primeira entrevista. Talvez a situação trazida pela pesquisa (entrevista individual e o dispositivo grupal) concretize para ela um espaço mediador, desvelando novas perspectivas e significados à sua vida: inícios da configuração de um lugar/espço interno como disparador de um processo de autonomia, ser sujeito desejante.

O narrar e as fotos estabelecem (re)ligações entre os acontecimentos de sua história, entre universos culturais distintos, desdobramentos e ressonâncias com as pessoas que compõem seu grupo de referência mais próximo, Mário, seu irmão e, mais particularmente, seu pai. Kaës afirma incisivamente: “a crise libera ao mesmo tempo as forças da morte e da regeneração” (1979: 25), temas que Clarinha retoma quando de sua apresentação aos demais participantes da pesquisa, no encontro com o grupo.

4. Lavínia, 28 anos, se apresenta

“Demorei um pouco para vir aqui porque tive uns problemas de saúde no último mês. Agora está tudo bem.

Minhas fotos estavam espalhadas, umas na casa de meu pai, outras na de minha mãe. O que mais me chamou a atenção foi de reencontrar nas fotos pessoas, amigos, um tempo gostoso da infância e adolescência e que depois foi ficando para trás...

Quando tinha 13, 14 anos meus pais se separaram. Fiquei em São Paulo, indo para a casa de meu pai nos fins de semana. Depois casei e fui morar no norte do Paraná.

Depois de minha separação, voltei a São Paulo e agora estou morando com meu pai, estudando *Design e Marketing*.

Quando você me ligou, fiquei com duas fotos em minha mente. Aí comecei a busca... Foi um processo gostoso, não achei difícil.

Essa 1ª foto é de meu afilhado, Felipe, ele mora na Espanha. Tem dez anos, eu adoro ele... sou apaixonada por ele. Vejo-o muito pouco, só quando vem ao Brasil. Ficamos grudados.

O pai dele é irmão de meu pai. Felipe é uma pessoa inteligente, educada, muito diferente da maioria das crianças da idade dele que eu conheço.

Há dois anos os pais dele também se separaram. A mãe dele não deixa o pai ver o Felipe. Tem um conflito nada amigável entre eles. Penso nele sempre. Faz dois anos que não o vejo...

Essa 2ª foto eu já tinha em mente quando você me telefonou para falar da pesquisa. Aqui estou eu com minhas primas e amigas na minha infância. Lembra de Páscoa, de Natal, de aniversário, quanta alegria, quanta festa... todo mundo se encontrando. Os pais se vestiam de Papai Noel... Na Páscoa, meus pais se encontravam com outros casais e seus filhos, a gente fazia brincadeiras, lia textos, ouvia histórias, fazia interpretações... Os aniversários aconteciam com bastante festa.

Essa casa que aparece na foto foi vendida e depois derrubada. Fizeram uma casa branca, moderna, quadrada...

Aqui na 3ª foto, um momento na casa. O principal dessa foto é a família: meu pai, minha mãe e meu irmão. Eles me deram educação, são meus amigos, acho importante. A gente junto!

Sempre comemoramos meu aniversário e o de meu irmão juntos. Ele chamava os amigos dele e eu os meus. A gente comemorava o aniversário juntos, no mesmo dia!

Essa última foto seria só do meu tio. Gosto muito: ele é o pai do Felipe. Sou apaixonada por ele. Tenho muito carinho. Mora longe daqui, vejo-o uma vez por ano.

No meu casamento, queria que ele estivesse presente. Por isso, fiz em agosto. É uma pessoa maravilhosa. Está passando momentos difíceis, ele pensou em desistir de tudo. Eu, meu pai e minha tia demos a maior força para ele. Gostaria de ter mais contato com ele. Mas ele mora lá na Espanha!

A foto que eu escolhi para narrar uma história é essa daqui (2ª foto).

O começo lá na Granja Julieta, a gente pequena, os primos, amigos... Fui para lá com quatro anos, meu irmão com dois. Era uma casa gostosa, tinha espaço para brincar, para correr. Minha mãe e meu pai estavam juntos.

Sempre nas datas importantes aconteciam reuniões familiares, não só da minha família mas dos amigos, primos. Hoje as amizades continuam – Ra, Má, a Jô e o Nil. Agora, já adultos vamos sempre contar com nossos amigos, mesmo que hoje a correria e os namoros não dêem para a gente se encontrar. Naquela época, a rua era tranqüila, não tinha tanto perigo, todo mundo brincava de elástico, amarelinha... todo mundo corria solto. Hoje as crianças ficam muito em frente à tevê, só brincam dentro de casa, nos shoppings... Lá a gente brincava de boneca, na casa dos outros, na rua.

Vendo para o futuro, o que foi semeado vai ser colhido mais à frente. Colher o exemplo dado para a gente passar para nossos filhos. O que a gente vai buscando. Pode ser que para a frente possa se reunir um pouco mais – mesmo com os intervalos, seis anos, dez anos, sempre um contato é possível.

Mesmo não tendo contato, sempre lembro das pessoas, posso contar com os outros, bate-papo, senti saudades... uma dificuldade... Ter muitos amigos... na hora difícil dá para saber se posso contar.

Título para essa história: ***Amigos verdadeiros: uma grande família.***”

4.1. Ressonâncias

-- Estou feliz... sinto saudades.

-- Feliz, contente com esses momentos, com essas pessoas que aparecem nas fotos.

4.2. Transicionalidades

-- Necessidade de continuar vivendo hoje os momentos bons da infância, ficar ligada/grudada à casa dos pais.

-- Dificuldade de se *separar*, viver sua própria vida.

-- Separações como rupturas, descontinuidades em momentos ou etapas nas quais estava iniciando ou resgatando pela primeira vez experiências de continuidade.

-- Identificação com o primo de dez anos: na fragilidade e sofrimento dele vivencia o próprio desamparo?

4.3. O desvelamento de um espaço *entre-dois*

Em sua apresentação, Lavínia fala de processos de ligação, de diferentes espaços intermediários: “... a casa de meu pai; a casa de minha mãe...”; “reencontrar nas fotos pessoas, amigos, um tempo gostoso da infância e da adolescência... que foi ficando para trás”. Na situação da entrevista (e posteriormente no encontro em grupo), Lavínia pode recolher fragmentos de sua vida que se encontram espalhados *entre* a casa de seu pai e a casa de sua mãe, em suas palavras.

O gesto compartilhado, a troca, a relação, princípios fundantes da cultura, são constituídos em um espaço *entre-dois*, a partir do movimento em direção ao outro. Nesse vaivém continuidade/descontinuidade, é possível brincar, simbolizar, aprender, pensar, criar: “reencontrar nas fotos pessoas, amigos, um tempo gostoso da infância e da adolescência... que foi ficando para trás”; “meus pais se separaram”; “casei...”; “depois de minha separação...”; “agora estou morando com meu pai”. As fotos de Lavínia “estavam espalhadas” (sic), à disposição, esperando ser reencontradas... para serem novamente reveladas, agora na presença do pesquisador. Põe-se em evidência o valor da *integração* suscitado pela fala inicial do pesquisador e pelo encontro em grupo, na seqüência.

A 1ª foto traz a presença de uma relação de intensa proximidade com um afilhado seu, de dez anos: “ficamos grudados... penso nele sempre; não o vejo há dois anos”. Parece que Lavínia revive através dele a separação mais ou menos recente em

seu casamento, a separação dos pais ocorrida quando tinha treze, catorze anos e a separação dos pais de Felipe, seu afilhado: “há dois anos eles *também* se separaram”. Outra possibilidade: através de sua união/*grude* ao afilhado busca sustentar que é possível evitar ou postergar a dor das separações?

A referência a situações de separação ou de distanciamento de figuras masculinas significativas como que intensificam seu desamparo, solidão e os vazios que acompanham seu cotidiano: “penso sempre em meu afilhado... que mora na Espanha”; “sou apaixonada por meu tio... tenho muito carinho por ele... não o vejo há um ano”; “depois de um tempo morando com minha mãe, agora estou morando com meu pai”. Talvez Lavínia *use* as fotos e o narrar associado a elas para compartilhar e (re)viver em presença do pesquisador algumas experiências associadas ao *continuum* proximidade e distância; “ficamos grudados”/“um tempo que foi ficando para trás”... a passagem da *ilusão* ao *desilusionamento*. Tentativas para começar a criar espaços intermediários, organizadores da diferenciação eu-outro?

Em sua apresentação inicial, Lavínia diz ter pensado em duas fotos quando do convite para participar da pesquisa. Uma é a de Felipe, seu afilhado de dez anos. A outra (2ª *foto*) na qual destaca um espaço-tempo de sua infância marcado por encontros, experiências de bem-estar e união: “minhas primas e amigas... outros casais amigos de meus pais”; festas de aniversário, Páscoa e Natal... todo mundo se encontrando”. A seu ver, existe uma sensação generalizada de liberdade para explorar, conversar e comemorar... Brincadeiras não-planejadas e a presença de diferentes grupos de referência, amigos, vizinhos e parentes permitem a tessitura da vida em suas diferentes manifestações. Diz Winnicott: “o brincar é sempre uma experiência criativa, e uma

experiência num contínuo espaço-tempo, *uma forma básica de viver*” (WINNICOTT, 1994: 4. Grifo nosso.).

Lavínia termina seu relato: “a casa dessa foto foi vendida e depois derrubada... fizeram uma outra branca, moderna, quadrada”. A construção da de uma casa *própria* supõe o enfrentamento do novo ou desconcertante na experiência humana. Separações, distanciamentos e descontinuidades podem trazer ao longo dos anos a perda do gesto criativo, o esfriamento e repetição da vida (“a casa branca, moderna e quadrada”).

Lavínia *usa* a 2ª foto (que ficara marcada em sua mente quando do convite para participar da pesquisa) para dizer que sua infância foi um espaço potencial de sustentação... e “que ficou para trás” (fala no início da entrevista). Foi perdendo sua vitalidade e possibilidades transformadoras no decorrer da adolescência (a *casa* foi derrubada). No lugar está sendo construída uma *outra*: cresceu, fez faculdade, casou, separou-se e...

Essa 2ª *foto* é escolhida por Lavínia para narrar uma história. Nela retoma ou enfatiza a importância das redes sociais presentes em sua infância, a criação de outros espaços potenciais (grupos de referência; compartilhamento de experiências) como formas de elaboração dos encontros e desencontros... *Amigos verdadeiros, uma grande família* é o título que dá à história construída com uma das fotos trazidas (a 2ª).

Acompanhando as associações que Lavínia faz no decorrer da apresentação da 3ª e 4ª *fotos*, nota-se que ela reafirma a importância do convívio com sua família e os amigos, o acolhimento de seu pai após sua separação e a presença de seu tio (pai de Felipe, seu afilhado), mesmo à distância, como redes vinculares a reassegurá-la: “acho importante... a gente junto!”; “eu e meu irmão comemoramos o aniversário juntos... no

mesmo dia”; “fiz o casamento em agosto para que meu tio que mora na Espanha estivesse aqui comemorando comigo”; “gostaria de ter mais contato com ele... está passando por momentos difíceis”. Na situação de Lavínia, as fotos e narrativas associadas a elas revelam um movimento *regressivo*, com pouca discriminação eu-outro, ficando *grudada* (sic) ao afilhado, à família da infância.

Tisseron (*apud* PETIT, 2006: 164) afirma que elaborar a história e construir uma narrativa constituiria uma parte do caminho, no sentido de dar sentido(s) aos entreditos e não-ditos, a experiências de ruptura e intrusão ambiental. A etapa seguinte poderia ser, apoiando-se na presença de um outro qualificado (o terapeuta, o dispositivo grupal, por exemplo), a abertura à metáfora, condição para o acesso à emoção verdadeira. Tecer uma narrativa a partir das experiências descontínuas, ou seja, entre o agora e o ainda-não, movimento inerente à condição humana. Recriar as experiências, construir novos espaços onde o sujeito possa evoluir.

5. Paulo, 25 anos, se apresenta

“Gostaria de estudar Desenho Industrial ou Multimídia mas no momento não tenho condições para tanto. Já fiz um pouco de tudo, desde decoração de eventos e festas, trabalho em vendas e *marketing*. Embora tenha nascido em Santa Catarina, meu pai me registrou como paulista. Nunca entendi isso direito! Sei lá! Somente há uns seis anos visitei a cidade onde nasci, no litoral catarinense. Fui com uns amigos, minha mãe sempre dizia para eu não esquecer de visitar São Francisco do Sul... Foi muito emocionante ver o porto e o litoral todo recortado de um ponto situado bem no alto de um morro... uma vista fantástica! Fiquei pensando que minha vida talvez tivesse

mudado completamente se tivesse sido criado em Santa Catarina... e com o mar ali tão perto!

Trabalho desde os treze anos, pois meus pais se separaram quando eu tinha três anos e dos oito aos dezessete meu irmão morou com meu pai. Depois é que veio morar comigo e com minhas duas irmãs mais velhas. Isso faz uns 4, 5 anos, a gente brigava muito, não estava acostumado a dividir minhas coisas, meu espaço em casa com outra pessoa... Também as coisas *pegaram* lá em casa com o marido de minha mãe, ele era muito rude... Um dia falei um monte para ele, com minha mãe presente, coisas que estavam guardadas há muito tempo comigo... Logo depois arrumei minhas coisas e agora estou morando sozinho.”

É do tipo calado, reservado... a conversão ao budismo ajudou-o a se concentrar, a não perder de vista o que é essencial na vida. Hoje fala com a mãe como a uma pessoa amiga, diretamente, sem subterfúgios.

“Com relação às fotos trazidas: sabe, não encontrei muitas fotos..., tive que procurar um pouco e aí selecionar essas cinco aqui.

A *1ª foto* mostra meus sobrinhos Paulinho, Rafinha, Daniela e uma prima, Fernanda. Não tenho contato com eles, pois agora moram em outro Estado. Quando saí da casa de minha mãe, fiquei na casa de minha irmã, mãe desses meus sobrinhos que estou abraçando aqui na foto. Agora não nos vemos muito, mas mesmo quando ligo para eles, meu cunhado vai meio desligando, ele é meio fechado e chato. Pela minha irmã, tudo bem!

A *2ª foto* mostra o aniversário do Rafinha, ainda aqui em São Paulo. Essa foto me faz lembrar de meu avô materno, admiro-o bastante. Ele é pintor, um pouco distante

do restante da família. Admiro-o por causa de seu caráter, sua força de vontade me impressionam. Minha avó já teria levado embora os quadros e objetos de arte que, segundo ela, tomam conta de boa parte da casa. Às vezes, ele diz que se morrer quer que eu cuide dos quadros dele. Tenho muito carinho por ele... talvez é um pouco o pai que eu não tive.

Essa 3ª *foto* é de minha mãe sentada na cama do quarto dela. Como a anterior, também essa foto fui eu quem tirou. Foi nosso primeiro reencontro depois que comecei a morar sozinho. Estava fazendo um painel com fotos para pôr em meu quarto e aí senti vontade de ter uma foto com minha mãe e de alguns cantos da casa dela.

Aqui (4ª *foto*) é um postal meio antigo da cidade de São Francisco do Sul. Como disse antes, estive aí quando tinha 19 anos. Não conhecia essa cidade... Fiquei um tempão no mirante no alto de um morro observando e sentindo as pessoas, a paisagem fantástica em volta. Lembro-me que quando estive nesse lugar eu chorava muito e meus amigos não entendiam por quê. É, se meus pais não tivessem se separado, quem sabe eu estaria lá até hoje, não?

Esta 5ª *foto* é de uma praça que tem perto de casa, a Praça da Independência. Aí passei quase toda minha infância e adolescência. Um lugar onde ainda hoje encontro meus amigos. Passeava com minha avó, com o Lourenço, marido de minha mãe. Me lembra tranquilidade, a liberdade de encontrar meus amigos, andar de *skate*... um lugar especial.

Se eu fosse escolher uma dessas fotos para criar uma história sobre ela, com certeza escolheria essa daqui (4ª *foto*), um postal com a baía de São Francisco do Sul. Vamos lá, então!

É um rapaz, um estudante comum... meu pai trabalha no porto, minha família vive em harmonia, juntamente com meus irmãos. Estudei em boas escolas, tenho uma criação boa em relação a estudos, companhia e também com relação a lazer. Sempre que posso saio com meus amigos, vou às praias próximas surfar ou então procuro um lugar para andar de skate. Por estar situada no litoral, São Francisco do Sul apresenta um clima agradável, com possibilidades de crescer, de estudar... Hoje estaria formado em Desenho Industrial e trabalhando na área.

A história terminaria no alto desse morro que aparece no postal: uma conversa bem franca com minha mãe, conversando sobre as coisas que aconteceram em nossa família. É, é uma história especial da minha vida.

*Título da história: **A vitória do Morro Redondo.***

5.1 Ressonâncias

-- Parece um processo meio nostálgico, lembrar de um tempo meio distante, de coisas que não pude viver...

-- Tem muitas fotos da infância: “era feliz e não sabia!”. Não tinha preocupação com dinheiro, com o dia de amanhã. Me lembro que algumas pessoas que aparecem nas fotos hoje já estão grandes e estão longe de São Paulo.

-- Me lembro agora de pessoas que tiveram uma importância grande em minha vida, em momentos difíceis e tristes.

-- Saudade de coisas que não voltam mais.

-- Tenho muita vontade de vencer, por isso chamei de “vitória”.

-- Essa história da *Vitória do Morro Redondo* me faz lembrar de que sou um perdedor: é uma história de algo que não vai acontecer!

-- Pensando em minha vida até agora, vejo que não fiz nenhuma grande besteira, em momentos difíceis segurei a onda, embora tivesse vontade de chutar o pau da barraca, como se diz!

-- Às vezes, fico em dúvida se estou agindo corretamente com relação a meus familiares. Não os encontro com frequência... a vida é uma luta árdua!

5.2. *Transicionalidades*

-- Paulo se esforça por agradar, vive cada momento de nosso encontro.

-- Tenho a impressão de que quer falar de algumas coisas que guarda há muito dentro dele.

-- As fotos trazem marcas de momentos felizes, de pessoas ou situações que não têm hoje mas que guarda dentro de si.

5.3. *O que buscava estava diante de si mesmo*

Existe uma tradição presente em narrativas orais de diferentes culturas (contos de fadas; relatos de viagens e dos feitos dos grandes heróis; as grandes descobertas, etc.) falando da necessidade imperiosa de sair do conhecido, cruzar fronteiras, atravessar a floresta, aventurar-se por “mares nunca antes navegados”, rumo ao desconhecido – temido e ansiosamente desejado.

As origens se perdem nas brumas do tempo, fora do aconchego da casa familiar, indo além fronteiras. Ulisses lança-se ao mar durante três anos; Édipo foge de Tebas, indo para Corinto, onde pensa estarem seus pais verdadeiros, a fim de fugir a seu destino. Quando este se realiza e ele se vaza os olhos, rumo em direção a Colono para morrer. No caminho, com a interlocução da filha, ao descobrir-se atado transgeracionalmente a diferentes enredos e histórias, seu olhar se alarga podendo, assim, encontrar novos significados para sua vida. Passa a acompanhar outros viajantes/*Édipos* e finalmente pode morrer em paz, engolido pela Mãe-Terra.

Ítalo Calvino, em sua obra *As cidades invisíveis* parece expressar algo parecido: “aquilo que Marco Polo procurava *estava diante de si mesmo*”; (...) “o dentro e o fora se misturam, se diluem... são as nossas pálpebras que os separam, mas *não se sabe qual está dentro e qual está fora*” (1999: 28; 96. Grifos nossos.).

Para Paulo, o contato com a situação da pesquisa representa o início do desvelamento de sua história, uma realocização em seu espaço-tempo, com a ajuda das fotos e dos relatos suscitados por elas: “agora estou morando sozinho”. No encontro com o pesquisador, aquilo que buscava “estava diante dele mesmo” (Calvino), no entreabrir das pálpebras, no espaço *entre* dentro e fora, passado e presente...

Sua apresentação se inicia pelo relato de experiências de deslocamento e esvaziamento das formações intermediárias: “nasci catarinense, meu pai me registrou como paulista... não sei por quê”; “meus pais se separaram cedo... fui morar com minha irmã, convivendo com meus sobrinhos”; “depois tive que dividir o espaço com meu irmão”; “o marido de minha mãe é pessoa rude... falei um monte para ele e saí da casa de minha mãe! Agora moro sozinho!”

Uma das marcas da (pós)modernidade é a de que o ser humano é um ser de *travessia*, sem identidade fixa. Não se é mais aquilo que está dado na origem, como na Antigüidade. Isso também colocaria uma questão sobre a função paterna – perda de seu lugar de autoridade e de legislador de uma verdade absoluta.

Aos 19 anos, faz uma viagem à cidade de sua primeira infância, São Francisco do Sul, juntamente com amigos. Contempla o porto e a cidade à sua volta. “Chora” ao se deparar com suas origens – seus amigos não entendem por que. Trata-se, efetivamente, de uma experiência solitária. Ainda não é possível compartilhá-la (o que ocorre no espaço potencial criado pela pesquisa – com o pesquisador e com o grupo). No contato com as fotos, Paulo recria (de uma forma idealizada) na construção de sua narrativa o clima de bem-estar que a paisagem parece lhe trazer. Parece que voltar a “ser catarinense”, nesse caso, guarda intensamente as marcas do isolamento no colo materno (“ficaria no alto do Morro Redondo conversando com minha mãe sobre essas coisas!”).

Como Paulo apresenta suas fotos? Na 1ª delas se coloca entre seus sobrinhos, sente-se protegido por sua irmã, quando há uns quatro ou cinco anos teve que sair da casa de sua mãe, na disputa com o marido atual dela.

Esse tema do acolhimento “materno” e de uma não-aceitação por parte das figuras masculinas (pai, cunhado, companheiro de sua mãe) é retomado na apresentação da 2ª foto. A foto do aniversário de Rafinha, seu sobrinho, é associada à presença de seu avô materno que, no seu entender, vai lhe deixar as pinturas e quadros espalhados pela casa: “talvez ele seja o pai que eu não tive!” No encontro com o pesquisador, Paulo pode entrever outras possibilidades relacionais, novas redes de sustentação para sua vida?

As marcas recentes de sua saída da casa da mãe são retomadas na apresentação da 3ª foto (“nosso primeiro reencontro depois que comecei a morar sozinho”). Na precariedade de sua nova *casa*, volta-se para a hospitalidade do colo e casa *materna* (“por alguns cantos da casa dela”, como diz). Leva a foto da mãe consigo e a coloca num painel em seu (novo) quarto. Os relatos de Paulo parecem indicar que a ausência prolongada ou rupturas dos *lugares* de confiança, refúgio e albergue psíquico levaram-no à necessidade de recorrer a defesas mais primitivas, talvez à intensificação e repetição de relações fusionais, com predomínio da indiferenciação eu-outro.

Na construção de uma narrativa a partir das fotos trazidas, Paulo dirige uma vez mais seu olhar para o porto originário: “nasci em Santa Catarina mas meu pai me registrou como paulista... não sei por quê!” Essa retomada traz a ambigüidade de conquista (“quero muito vencer na vida”; “Vitória do Morro Redondo”, título que dá à sua história) e fracasso (“é uma história de algo que não vai acontecer!”; “... algo que não pude viver”). Ao mesmo tempo, a imagem da cidade natal e do porto que a envolve – vistos de um mirante situado em um morro --, parecem refletir um horizonte a ser buscado. Como ter *seu canto*, “arrumar suas coisas”, -- como diz em sua apresentação inicial --, sem deixar o porto ou a baía *materna*?

Os espaços potenciais, “territórios não explorados” (SERRES), são atravessados por *funções fóricas* (KAËS, 2005b: 222)³⁹, trazem a possibilidade de brincar, criar, pensar, sair de si em direção ao outro – “acompanhado de minha avó e de Lourenço,

---

³⁹ As funções fóricas estão associadas a modalidades de passagem: *entre* o espaço psíquico de cada sujeito e o espaço psíquico do conjunto constituído por uma família, grupo ou instituição. Por exemplo, na constituição do psiquismo do bebê, o discurso materno exerce uma função antecipatória intermediando a relação bebê-mundo. Esse discurso *porta* (= *phorein*) a voz do conjunto da família, da cultura e das microssociedades. Cada sujeito ocuparia um lugar determinado (fórico) no vínculo, como herdeiro e participante: portador de transferência; sustentação; assinalamento e gestação... Existe uma articulação

marido de minha mãe” (ver *última foto*) --, talvez uma carta de intenções, nesse momento em que pode experimentar um movimento em direção à “Praça da *Independência*”... Tais aspectos são ampliados no trabalho em grupo, apresentado mais adiante.

6. Maurício Luiz, 32 anos, se apresenta

“Já sei onde estão as fotos que mais me chamam a atenção. Na semana que vem estarei aí no seu consultório”, diz Maurício ao celular no contato mantido em junho. Passam-se alguns meses e depois de algumas tentativas com idas e vindas pudemos conversar. É final de novembro de 2006.

Ao se apresentar, diz que é educador há uns dez anos, trabalha com educação infantil em escola particular – “eu me formei nela, no sentido exato da palavra; ou, seria mais apropriado dizer, foi ela que me formou!” – e há pouco mais de três anos atua como parceiro em uma Ong, também em educação infantil (2 a 6 anos). Fez Psicologia e atualmente a utiliza como ferramenta básica na/para a educação. Define-se como “sossegado; vivo o hoje-e-o-amanhã sem pressa, um apaixonado intenso. Faço o que gosto!”

Posteriormente ao curso de Pedagogia e Psicologia, fez alguns cursos voltados para a educação popular e educação infantil, articulando família, comunidade, educação e psicologia. Mais do que explicações técnicas, o que sempre buscou foi um sentido

---

entre o sujeito *no* grupo (dimensão intersubjetiva), o grupo e o sujeito *do* grupo (inconsciente; dimensão intrasubjetiva).

político para sua prática profissional. “É o trabalho que me move hoje!”, afirma com convicção.

“Com relação às fotos, elas me acompanham pelas diferentes casas onde morei desde solteiro. Carregava comigo sempre aquelas mais significativas ou representativas de momentos de minha caminhada, com mais razão depois que meus pais se separaram e eu e meus irmãos ficamos algum tempo morando com minha mãe, depois somente com meu irmão, em *repúblicas* ou em apartamento alugado perto do de minha avó.

Tinha certeza de algumas fotos representativas e as guardava comigo. Assim que você me ligou, pensei nessas fotos... Depois fui me separando delas e, assim, procurei outras. Não achava porque depois que eu me casei e da mudança, não sabia mais exatamente onde elas estavam, sejam aquelas mais significativas, sejam as outras... Só fiquei, então, com as fotos na memória – aquelas em que aparecia minha mãe, minha irmã e meu irmão. É muito difícil selecionar, escolher... eu sempre tive muitas fotos comigo ou ao meu redor!

Por tudo isso, nesse processo difícil, demorado, de escolher e de vir aqui conversar a respeito, acabei separando as fotos por fases (infância, adolescência, vida profissional, casamento...) e aí me dei conta de que havia fotos com pessoas e outras em que não havia, só paisagens...

Trouxe essas oito, nove fotos. Vai ser difícil separar somente umas quatro ou cinco, como você pediu, mas vamos lá! (*Fica uns dez minutos organizando, pensando, dispondo as fotos numa sequência, mudando de lugar, tirando esta ou aquela, até chegar a um acordo*).

1ª foto (infância): Essa é uma parte de que eu me lembro bem. Meu trabalho hoje tem uma ligação muito grande com a figura do meu avô materno, Enrico. A presença junto às crianças hoje, de dois a seis anos, tem muito a ver com a presença dele e de minha avó, Martina. Quando me dizem: “você é muito infantil, você parece uma criança, você brinca e está sempre ativo que nem uma criança” – eu me lembro da presença forte de meu avô. Aqui nessa foto aparece ele, minha avó e meus irmãos. Acho que foi minha mãe que tirou essa foto.

2ª foto: Aparecem aqui as duas pessoas de que eu mais gosto nessa vida: meus dois irmãos. Acho que a separação dos meus pais fez com que nos uníssemos muito. Um ajudou o outro; se o outro estava mal ou *down*, quem estava perto acudia, ajudava. Essa foto lembra a adolescência. Nossa! Agora me dei conta que eu não apareço nas fotos, nessas duas primeiras e também nas demais! Essa foto da *adolescência* fui eu quem tirou: tem uma coisa de proteger os dois menores.

3ª foto: Uns três anos antes de casar, organizei minha vida. Durante uns sessenta dias fui viajar pelo Brasil afora, sobretudo pelo Nordeste. Dei uma boa *organizada* interna na parte profissional e na parte afetiva: o que eu quero para mim? Até então, as coisas estavam bastante bagunçadas. Sair fora, viajar me ajudou. Quando voltei, minha vida tomou novo rumo. Foram sessenta dias de ócio, no bom sentido, uma virada de página importante em minha vida. Aqui um coqueiro que marcou essa minha viagem: fiquei uns dez dias para aprender a subir!. Foi uma viagem difícil, em todos os sentidos, mas que valeu a pena!

4ª foto: Aqui minha *paixão* hoje em dia – junto às crianças de dois a seis anos! Posso passar o dia sem me alimentar... De manhã, trabalho em uma escola particular, é meu ganha-pão, meu sustento econômico. Pela tarde, tenho sessenta crianças que

conheço pessoalmente, visitei a casa de cada uma delas, para poder aprofundar, mergulhar na comunidade. É meu projeto de vida hoje: essas crianças e as pessoas que vivem junto a elas.

5ª foto: Minha vida hoje também: Katy, minha mulher. Ela me dá um pouco de chão. Esse equilíbrio necessário no meu desequilíbrio. Preciso desse chão que ela me dá. O desequilíbrio é fundamental para minha vida... e a presença dela dá mais sustentação àquilo que faço.

Se fosse escolher uma foto sobre a qual construiria uma história, poderia ser a última.

Minha vida sempre foi muito intensa. Conheci a Katy no aeroporto e me apaixonei à primeira vista. Um verdadeiro conto de fadas com um diferencial bastante calcado na realidade. Vivemos quase dez anos juntos – com o bom e o ruim, o novo, o intenso... Superamos os altos e baixos da experimentação adolescente. Era uma vez... no meio da história, uma turbulência: o desgaste do relacionamento... foi quando fiz aquela viagem de sessenta dias pelo Brasil afora.

Nessa foto, percebo que a Katy me indicou o futuro. Acho que a história termina como no começo: conseguimos um equilíbrio. Vamos embora que tem futuro! A história caminha para um final feliz. Vejo meu crescimento pessoal e profissional associados à Katy. Ela bancou muito coisa e me fez crescer depois dos trinta anos de idade.

Título: Um caminho de pedras, às vezes pontudas, às vezes redondas – um caminho difícil.”

6.1. Ressonâncias

-- Vir até aqui não foi fácil. Aparentemente no começo, o processo todo seria fácil mas pela demora em eu aparecer, pela dificuldade de entrar em contato com você, percebo que eu precisava desse tempo para amadurecer, para ficar comigo, talvez!

-- Na hora que eu comecei a ficar mais perto das fotos foi ficando difícil, porque percebi que iria mergulhar nessas fotos.

-- Tinha pedaços da minha história que eu não queria mexer. Botar para fora.

-- As fotos me trazem lembranças, aguçam a memória, às vezes trazem uma confusão de sentimentos. Você viu que *aqui* algumas fotos eu fui tirando e deixando de lado... É complicado!

-- Tem tanta coisa boa! Algumas fotos eu fui buscar no fundo do baú, como se diz!

-- Aquela foto de que eu lembrei logo de cara quando você me ligou... depois eu fui guardando dentro de mim. Achei que ela deveria ficar guardada em casa. Era uma foto na periferia de uma grande cidade do Nordeste. Uma casa onde fiquei alguns dias em minha viagem de sessenta dias. Na foto aparecia um senhor, dono da casa, e os filhos dele. Uma casa que me marcou muito e, acho, tem muito a ver com meu trabalho hoje na Ong.

6.2. Transicionalidades

-- Maurício fala com entusiasmo; depois de um movimento evitativo inicial, se coloca mais e mais...

-- O olhar do avô materno, do “senhor” dono da casa (em sua viagem ao Nordeste) e da mulher Katy, como presenças que buscam reassegurar seu caminho profissional e pessoal.

-- Fotos como marcas/indícios importantes no sentido de organizá-lo interna e externamente, favorecendo um trabalho de elaboração. Carrega as fotos consigo, leva-as nas mudanças de casas...

-- “Tudo começa em casa”, diz Winnicott. “A história termina no começo”, diz Maurício.

-- Existe preocupação com as condições *ambientais* (na escola particular e, sobretudo, na educação infantil na Ong onde atua): cuidado com as coisas.

-- Maurício como *objeto* que sustenta e é carregado pelas crianças, pelos pais dessas crianças, pelas lideranças da comunidade: metáfora, função fórica (= *phorein*, transportar, carregar).

6.3. De volta a uma casa própria

“Já sei onde estão as fotos que mais me chamam a atenção.” Maurício Luiz demonstra curiosidade, entusiasmo (“sou um apaixonado intenso”, dirá na entrevista com o pesquisador). Na sequência, como a confirmar sua prontidão e certo imediatismo diz: “semana que vem estarei aí”. Se de um lado existe um movimento no sentido de trazer seus *guardados*, de desvelar sentimentos, lembranças e afetos associados à sua história, percebe-se inquietação e medo em sua voz, talvez não poder/querer saber...

Os seis meses que separam o primeiro contato (por telefone) e o encontro efetivamente realizado com o pesquisador parecem falar da necessidade de um tempo de muda para recolher-se, fazer escolhas e escutar o que e como dói, onde existem vazios e silêncios: “aquela foto de que eu me lembrei logo de cara quando você me ligou, *depois achei melhor deixá-la guardada lá em casa*”, diz pouco antes de sair da entrevista.

Nos deslocamentos e transicionalidades entre encontro/aproximação separação/distanciamento volta-se para o espaço da intimidade (“guardá-la lá em casa”). Momentos em que “a igual distância de duas margens... (*o nadador*) não é nem uma nem outra”, mas pode “tornar-se já uma e outra” (SERRES, 1997: 24). A situação que Maurício Luiz encontra na entrevista e o contato com as fotos permitem-lhe essas idas e vindas numa apresentação de si marcada por um revelar-se cuidadoso. Mostra-se pelo que narra e, mais ainda, pelo que *entrediz*. Como parece ser sua vida.

Mantém uma relação de muita proximidade com o trabalho, vive na educação: “eu me formei na escola”, ou mais propriamente, “ela é que me formou”. Tal identificação pode estar ligada à mãe que sempre trabalhou com educação e à figura do avô materno: “você brinca o tempo todo, está sempre ativo, dizem-me... isso me lembra de meu avô, Enrico, e de minha avó, Martina” (*1ª foto*).

Na relação que estabelece com as crianças entre dois e seis anos, como professor pela manhã e como diretor pedagógico em uma Ong à tarde, deixa-se *usar* pelas crianças como um intermediário, um conector que favorece o brincar compartilhado, a criação de grupos de referência e de espaços comuns. Existe uma preocupação de sua parte para que toda a escola (sobretudo na parte da tarde) seja um ambiente de reinvenção do cotidiano – este atravessado, muitas vezes, pela violência e pobreza, pela precariedade e ruptura nas relações. Ao se preocupar com as crianças e

seus pais, *cuidaria* de sua casa interna, desvelaria “as pedras pontudas ou redondas” (5ª *foto*) de sua história?

Maurício Luiz fala de um “desequilíbrio” (2ª *foto*), de um excesso (“às vezes passo o dia sem me alimentar”, por conta das crianças). Fica tão intensamente ligado e misturado ao outro, que “perde seu chão” (5ª *foto*). Como quando da separação dos pais, no início da adolescência: ele e seus irmãos menores ficaram “muito *down*..., um acudia e apoiava o outro”. A apresentação da 2ª *foto* favorece a possibilidade de se perceber *separado* de seus pais, desligado de seus irmãos; o despertar de um espaço seu: “nossa! Me dei conta que eu não apareço nas fotos, nessas duas primeiras e também nas demais! Essa foto da adolescência fui eu quem tirou”.

A vida em *república*, a convivência com os amigos e o apoio da família tornam-se próteses importantes a marcar o início de articulação e organização externa em sua vida pessoal e profissional. É nesse contexto que se pode compreender sua viagem de sessenta dias ao Nordeste, três anos antes de se casar (“as coisas estavam bastante bagunçadas”; “uma virada de página importante em minha vida”, diz na apresentação da 3ª *foto*). Embora sua vida profissional tivesse alcançado certo impulso a partir dos vinte e cinco anos, sua vida pessoal estava sem chão, como se dissesse: “quem sou eu... o que estou fazendo com minha vida... e a Katy?”

Sair das fronteiras conhecidas é “uma viagem difícil, em todos os sentidos, mas que valeu a pena!” (3ª *foto*). No caminho não tem rumo fixo (são “dias de ócio, no bom sentido”), leva dez dias para aprender a subir em um coqueiro..., o dono de uma casa na periferia o acolhe durante alguns dias. Diz que o encontro com esse homem e seus familiares o marcou bastante, fortalecendo seu trabalho posterior na Ong... e

permitindo o início da *apropriação* de seu espaço na relação com a Katy, com quem se casa tempos depois.

Maurício Luiz viajaria para se (re)encontrar, descobrir um *pai* mais presente e afetivo? Alguns indicadores trazidos em seu relato e nas fotos fazem pensar nessa perspectiva, sobretudo a partir do que ocorre na situação da entrevista. Maurício Luiz demora aproximadamente seis meses para entrar em contato comigo: deixo recados em sua casa, em seu trabalho à tarde e em seu celular... sem resposta. Trata-se, com razão, de um “processo difícil, demorado, esse de escolher as fotos e de vir aqui conversar a respeito”, como diz em sua apresentação inicial.

Mas no encontro com o pesquisador fala com entusiasmo, entrega-se: “trouxe estas oito ou nove fotos. Vai ser difícil separar somente umas quatro ou cinco, como você pediu... mas vamos lá!” Fica em silêncio alguns minutos, um tempo necessário para se aproximar de suas coisas e *desvelá-las*. Percebo que uma das dificuldades no momento é o que fazer com fotos (duas) nas quais aparece seu pai. Parece que ao mesmo tempo em que quer *apresentar* (fazer presente) tais imagens, deixa também entrever o mal-estar e incômodo com relação ao que elas podem significar.

Na disposição final de suas fotos, coloca as duas fotos *com o pai* um pouco encobertas, uma sobre a outra, afastadas das cinco que elegeu para falar... mas *bem próximas a mim, ao alcance da mão*. O título que dá à história construída a partir da foto escolhida – “um caminho de pedras, às vezes pontudas, às vezes redondas... um caminho difícil” -- parece indicar que Maurício está um pouco mais com os pés no chão. Talvez não só pela presença “equilibrada” (sic) de Katy, como também pela presença de algumas formações intermediárias: o espaço *entre* ele e o avô materno; entre ele e o dono da casa que o acolheu no Nordeste; entre ele e a comunidade educativa onde

trabalha (pais, crianças, professores, famílias e parentes das crianças...)... e o encontro com o pesquisador. Pode *descarregar* suas fotos, presentificá-las e situar-se com relação a suas “pedras pontudas e redondas”.

Nas relações com Katy, as crianças, familiares e seus irmãos, Maurício Luiz continua envolvido, talvez enleado (“sou um apaixonado... às vezes esqueço de comer, ligado a meu trabalho”), constituindo um tempo-espço contínuo entre ele e o outro, sem limites e contornos próprios, na expectativa que um outro o *porte*, como mensageiro/intérprete a decodificar suas necessidades, projetos e perspectivas.

Diz guardar suas fotos próximas a si, nas diferentes casas em que morou. Tais imagens rememoram cenas, afetos e crenças de sua infância e adolescência indicativos de ancoragem e acolhimento. Ao mesmo tempo, a presença/ausência das fotos com o pai reatualizam com o pesquisador situações de mal-estar, desencontro e ruptura em sua vida (“particularmente depois que meus pais se separaram”). Mas quando exclama: “nossa! Eu não estou em nenhuma das fotos!”, parece falar de um movimento seu, ainda insipiente, de um olhar (singular) voltado para sua vida, de nomear e apropriar-se daquilo que está construindo/encontrando.

Atrás do mesmo, criar novas experiências. Tecendo a própria vida e suas reviravoltas. Iniciando outros caminhos entre eu e outro; escuridão/luminosidade; mesmice/originalidade; vida profissional/vida afetiva; masculino/feminino; “pedras pontudas/pedras redondas”, como diz no título de sua história, Maurício Luiz pode reinventar o cotidiano nos espaços comuns e partilhados.

7 CONVERSAS NO ESPAÇO POTENCIAL DO GRUPO

Os participantes chegam aos poucos e na expectativa: “quem são os colegas? O que vamos fazer conjuntamente?” Paulo é o primeiro, chega pouco antes do horário combinado. Começa a conversar com as observadoras (*Ana Helena e Veridiana*). Falam do tempo, de futebol, do que cada um faz.

Em seguida aproximam-se Clarinha e Lavínia: elas se reencontram depois de quinze, dezesseis anos. Foram colegas de programas entre famílias que se conheciam (os pais). Relembra rapidamente alguns desses momentos. “Como você está diferente!”; “e seu pai?”; “que está fazendo seu irmão?”

Angélica chega um pouco ofegante: andara alguns quarteirões desde o Metrô. Tem a impressão de reconhecer Clarinha e Lavínia... Diz que era muito pequena quando seus irmãos um pouco mais velhos brincavam com elas ou iam à casa umas das outras para festas, um churrasco ou... “Faz tanto tempo!”, diz.

Ralf chega se desculpando: pensou que a reunião com o grupo seria na casa do pesquisador e por isso o atraso...

Existe a expectativa pela chegada do sexto participante. Este não tinha dado certeza se viria, devido a problemas profissionais (viagem naquele dia). Ficou de ligar... O recado ao celular do pesquisador deixava a questão em aberto.

Os cinco participantes estão sentados frente a frente, separados em dois subgrupos: de um lado, Paulo e Ralf (em um sofá de dois lugares), mais próximos à cadeira do entrevistador; e na outra parede da sala, Angélica, Lavínia e Clarinha (em almofadões colocados no chão).

Volpe agradece a presença e colaboração de todos. Diz que com esse encontro entre os participantes se dará o término da colaboração deles. Retoma os objetivos do trabalho definido no Termo de Consentimento que eles assinaram quando da entrevista individual e o caráter de confidencialidade das informações, a necessidade de preservar a identidade dos participantes (talvez uma ou outra informação poderá ser alterada nesse sentido). Apresenta as duas colaboradoras, estudantes de Psicologia, que irão anotar a sequência do trabalho com as fotos e as histórias criadas a partir delas.

Em seguida, o pesquisador retoma as etapas percorridas quando do trabalho realizado anteriormente em sua sala no consultório: apresentação de cada participante; um breve relato de como havia sido o processo de escolha das fotos até aquele momento; a colocação de cada uma das fotos e, por fim, a escolha de uma delas para a construção de uma história. Diz que no grupo, cada participante seguirá o mesmo processo, podendo retomar a mesma ordem das fotos, construir a mesma história ou outra, se quiser. Os demais participantes podem participar e interferir com questões, comentários ou observações, se assim o desejarem...

Constituição de um espaço comum e partilhado

Volpe: Quem quer começar?

Paulo: Como esqueci as fotos, trouxe duas parecidas... Tenho 25 anos, moro sozinho há 4, sou budista, o que foi um acontecimento assim importante na minha vida, porque transformou minha forma de pensar... várias coisas. E eu não nasci aqui em São Paulo... não escolhi morar sozinho, foi uma questão, digamos, meio rebelde. Alguns acontecimentos importantes que me fizeram fazer/ter essa escolha... No momento não estou estudando, só trabalhando. Estou querendo estudar antes de fazer 27 anos... Quanto às fotos que eu escolhi foram uma do jardim de um museu próximo de casa; acho que olhando todo mundo conhece, onde eu passei uma boa parte... a minha infância inteira; outra foi dos dois sobrinhos que são pessoas que eu amo muito. Vou falar de cada foto, então...

Volpe: ... antes das fotos... talvez fosse interessante primeiro cada um se apresentar brevemente... Depois retomamos...

Paulo: Ah, ta!

Lavínia: Todo mundo olhou pra você (*dirigindo-se a Ralf*).

Ralf: Aí beleza, então, é... sou o Ralf... e sou ator, trabalho com comédia, é já faz, quanto tempo? Me formei em 2001 no teatro, 2002 e daí trabalho com isso... faço faculdade de cinema. No momento eu estou estudando e trabalhando com teatro, né, trabalho com teatro e cinema e... moro sozinho. Então é isso, fazendo o lance da foto achei bem legal assim... esse negócio aí do Volpe... (*ri*). Eu não sei mais o que falar...

Clarinha: Meu nome é Maria Clara, mas muita gente me chama de Clarinha, né, e então... (*ri*). Estou desempregada, fiz pedagogia. E assim, ah, não sei o que falar assim... meu nome, é isso...

Lavínia: Tenho 28 anos, fiz biologia numa faculdade particular de São Paulo, só que como eu não tava trabalhando nisso, eu resolvi fazer um outro curso que eu sempre quis... também eu gosto, sempre gostei... e nunca fiz que é *Design de Interiores*; pretendo depois fazer um outro curso que eu adoro, mais como *hobby*: é fotografia. No momento, não estou trabalhando, estou fazendo umas entrevistas também... é isso aí...

Angélica: Tenho 25 anos, sou arquiteta mas não trabalho com projetos, trabalho na área mas não com projetos. É num *site* de arquitetura. Não moro com meus pais há bastante tempo porque fiz faculdade fora de São Paulo, depois fui para a República Tcheca, fiquei um tempo lá... então...

Volpe: Alguém quer fazer alguma pergunta sobre o que foi dito até agora?

Ralf (*dirigindo-se a Lavínia*): Qual é o outro curso que você queria fazer?

Lavínia: Fotografia.

Ralf: Também é vinculado a Desenho de Interiores. E biologia?

Lavínia: Desisti! Eu terminei o curso. Eu gosto muito mas você tem de morar muito longe... não tem como... Em São Paulo é muito difícil, você ta trabalhando, ganhando bem, o pessoal que eu conheço está morando no interior ou até na praia, é mais... com pesquisa, você paga para trabalhar. A maioria das pessoas que eu conheço está dando aula.

Ralf: É aquela coisa, né. Achei que fosse só o teatro. Trabalhar por amor, tem que ter outro trabalho para se sustentar. Na verdade, dá pra ganhar dinheiro se você estiver numa produção de um ator famoso ou de um canal de televisão, porque aí tem mídia, né... é diferente, são outros parâmetros... Teatro de grupo noventa por cento é por paixão, então tem que ser professor de teatro, dar aula para criança ou trabalhar na produção... tem muitos atores que viram produtores. Tem gente que vai pra produção: “eu vou parar de ser ator e vou trabalhar na produção”, porque vê que começa a ganhar mais dinheiro na produção...

Paulo: Você faz cinema para ser produtor ou para ser diretor?

Ralf: Quero ser diretor. Na verdade, o cinema surgiu como mais uma opção, abriu o leque assim, porque se eu for ficar esperando, eu também não quero continuar sendo professor de teatro pro resto da vida, quero ser ator e diretor... de cinema.

Paulo: As perspectivas do cinema são melhores que as do teatro?

Ralf: Apesar de falarem que também é difícil, que também é uma área complicadíssima, eu vejo mais perspectivas do que no teatro, porque é um meio de comunicação que é mais difundido, né, sei lá, no cinema estão acontecendo mais investimentos, está crescendo muito o número de editais que são feitos para longa e curta metragem, que são feitos em película... Se eu for um diretor, posso dirigir vídeos e filmes publicitários, aí é uma maneira que eu trabalharia com prazer nisso. O difícil é você fazer um filme de arte... Eu gosto muito... é uma coisa que já vi rolar... mas não dá para fazer só o que se gosta, né?! Deixa eu te perguntar, Paulo, você está querendo fazer o quê?

Paulo: Então... eu to, na verdade, eu sempre tive uma dúvida muito grande entre fazer Desenho Industrial, Propaganda e *Marketing*... Eu gosto muito de esporte, tudo o que é esporte me fascina muito, mas já passei da idade... Então eu tava amadurecendo uma idéia, assim, de fazer *Gestão de Esportes*, que é um curso de dois anos. Eu andei pesquisando na área de jornalismo esportivo... mas essa é uma área que está bastante saturada, como também o Desenho Industrial, Propaganda e *Marketing*... É aquela loucura que a gente ouve falar bastante... no Brasil, no meu modo de ver, o esporte precisa, pelo menos ter profissionalismo... não tanto o futebol, né, que a gente escuta falar em gestão de esportes: “ah, eu vou ser empresário de futebol”. Minha visão é voltar pros esportes que não têm *profissionalismo*... se você pega o basquete, por exemplo, os brasileiros tão tendo que ir pra NBA, não tem liga profissional no Brasil... o brasileiro tem que ir pra Califórnia... Quero me sentir útil para as pessoas.... Até o próprio budismo tem me ajudado a me sentir útil para ajudar, eu sou muito feliz por causa disso, sabe, inclusive tem um lado que são os valores humanos... de repente, pegar a molecada e tentar profissionalizar mesmo... Então, ta amadurecendo essa idéia, provavelmente vai ser isso... Antes de começar, a Angélica falou uma coisa legal: “boas idéias existem, só não são postas em prática!” A estrutura ainda é muito escassa, então, assim depende muito do jovem de querer fazer coisas novas, unificar a *galera* e...

Clarinha: É engraçado, eu fui fazer um curso de capoeira na roda... no ano passado... entrar é muito interessante, todo mundo sente que é bom para os jovens, todo mundo acha que capoeira é um esporte só para gente jovem, mas não é. Aqui no Brasil não é muito difundido, lá fora é muito mais.

Paulo: É legal, eu conheço um cara no *skate*, ele sofreu um acidente e ficou paralisado da cintura para baixo, ele não tem movimento das pernas. Ele anda de *skate* como essas pessoas que pedem dinheiro na rua. Ele tenta copiar os... ao máximo, ele faz manobras, salta escadas de

dez degraus, muito bom! E aqui no Brasil ele não pode competir, mas lá fora ele já está ficando rico de tanta apresentação que faz, e aqui ninguém conhece o cara! Em algumas cidades da Europa, o *skate* é praticado livremente, tem muitas praças com essa finalidade... além de mostrar os lugares históricos... (Silêncio)

Volpe: Como foi para você o processo de escolha das fotos?

Paulo: Foi complicado, porque eu não tenho muitas fotos de papel, assim tenho muita coisa em *e-mail*. Lá em casa tem um painel empoeirado com as mesmas fotos assim, mas são as pessoas que eu mais amo... que têm mais valor para mim; ao mesmo tempo, são as pessoas que eu menos vejo, que é o caso de minha mãe que não mora comigo e os meus sobrinhos que eu amo de paixão, que eu morei com um dos meus sobrinhos. Então, eu falei: “que foto eu vou pegar aqui, como é que eu vou fazer?”; aí eu decidi... vou pegar as coisas que mais me tocam o coração mesmo. Uma das fotos é dos meus sobrinhos, uma foto de minha mãe, uma é do jardim do museu perto da minha casa – um lugar que é um refúgio – e a outra é de São Francisco do Sul, em Santa Catarina, num final de tarde, que é onde eu nasci, que eu fui conhecer em 2000, 2001... foi assim o processo. Mas infelizmente eu perdi as fotos que eu trouxe aqui quando fiz o trabalho individual com o Volpe, desculpa eu perder todas... daí eu peguei outras duas, uma da baía com a cidade em volta. Minha mãe me falou muito quando eu fui conhecer lá, ela falava: “vai lá, tem uma igreja...” Aí uma das fotos que eu tirei foi perto dessa igreja, ficou muito interessante, porque quando a gente morava lá, a gente era... minha mãe era muito... eu cheguei lá e não conheci nada, porque eu saí de lá quando tinha um ano de vida, não tinha nem a memória... E aí eu sentei em um mirante, comecei a pensar inclusive nas vitórias, assim na minha mãe. E de repente eu comecei a chorar. Os meus dois amigos que estavam comigo não entendiam nada. A gente estava de férias, tudo bem aí, e na minha cabeça passou um filme assim, sabe, tipo: “por que eu não estou aqui, agora?”, sabe, esse tipo de coisa, a cidade é maravilhosa, a qualidade de vida é ótima... então... foi só isso...

Volpe: Você trouxe duas fotos. Você não quer colocá-las aí pra gente ver...

Paulo: Uma é do mirante, não sei se é melhor passar, uma mostra a igreja... aqui dá pra ver uma ponte... minha mãe fala muito dessa praia aqui... A outra foto é de minha mãe... é uma foto significativa porque foi logo que eu tava mudando da casa da minha irmã pra minha casa atual, então eu fiz questão de tirar a foto das pessoas. Então, tirei uma da minha mãe, tirei uma dos meus sobrinhos, eu tenho quatro sobrinhos, tirei uma com os meus irmãos... foi um momento significativo... é legal que no fundo tem uns quadrozinhos do meu avô que pinta e é uma pessoa que tem valor... mesmo com uma certa distância, eu aprendi bastante coisa com ele... assim... então...

Ralf: Esses quadros aqui do seu avô...

Paulo: Isso...

Ralf: Quem é? (*apontando para a outra foto*).

Paulo: Minha mãe e do lado aqui, minha tia, irmã dela.

Ralf: Nossa! Que louca essa paisagem, meu!

Paulo: É, bem bacana! Tenho um sobrinho de 8, agora ele tá com oito, na foto ele tava com seis; aí tem um de quatro, outro de três e outro de dois. E ainda na foto tem uma outra priminha minha que tem 4 anos, é legal que quando eu estou com eles, eu sou mais criança que eles. Eu gostaria até de conviver mais com eles... quando eu estou na frente do Museu, eu penso: “poderia estar aqui com o Rafinha, que o Rafa é o sobrinho mais próximo assim”. Só que o pai dele é meio chatão e diz: “é, não vai sair com o titio e tal... e ficar andando de skate”. O moleque é alucinado pelo skate... Eu sempre lembro muito deles...

Volpe: Se você fosse escolher uma dessas fotos, dessas duas que você trouxe ou dessas outras que você trouxe *virtualmente*, e construir uma história a partir delas... qual você escolheria?

Paulo: *A foto de São Francisco do Sul, até porque eu contaria uma história que eu tenho processado na minha cabeça, que seria essa, por exemplo, a história de ter nascido e sido criado lá em São Francisco. Ter frequentado as praias em volta... meu pai trabalhava em uma fábrica famosa de lá... meus pais são separados. Então, minha história seria de meus pais juntos, a gente seria bem de vida, teria oportunidades melhores... poder fazer as coisas que eu gosto... ter harmonia familiar melhor... ser mais próximo de meus familiares hoje. Eu terminaria a história tipo... tipo com minha mãe como uma das minhas melhores amigas... assim mesmo conversando bastante com ela, não que isso não aconteça hoje, mas aconteceu por uma forma que por a gente ter se separado, hoje a gente não é grandes amigos... eu terminaria sem essa separação... A história seria assim com uma harmonia familiar mesmo e é o que prezo e tenho como objetivo hoje até alcançar isso na minha história real. O nome da história é **Vitória em São Francisco**. (risos)*

Ralf: É bom o processo de escolha de fotos... O Volpe tinha dito alguma coisa como serem fotos importantes, então elas simbolizam o que é importante na minha vida. E eu pensei as coisas mais importantes da minha vida, né, e quais fotos estariam relacionadas a elas. Talvez nem é uma foto assim que eu... mas ela simboliza as coisas mais importantes da minha vida (*1ª foto*). Olha, tem essa foto (*2ª foto*) de um aniversário de criança, eu e minha irmã assoprando a velinha do bolo... ela faz aniversário dia doze de setembro, eu dia nove de setembro... então a gente sempre comemorou junto. Essa foto aqui, então, foi uma que eu olhei e falei: “pô, muito legal!”, mostra bastante esse negócio da família, quando tudo é lindo, maravilhoso... apesar do meu pai estar cortado aqui (*riso*), só aparece a barba dele, mas o *Cascão* também está cortado, então... Mas o meu pai está aqui (*3ª foto*), um outro momento importante de minha vida... seria, então, umas três, quatro coisas importantes: a família, meu trabalho que é essa daqui (*4ª foto*)... e essa viagem que fizemos juntos, meu pai e eu...

Paulo: É essa daqui, não?

Ralf: ... quando fomos para o Deserto de Atacama, criamos um laço muito forte, ele já era meu amigo mas ficamos mais próximos, essa foi uma viagem espiritual, eu vi a grandiosidade do mundo. Essa viagem meio que deu uma virada na minha vida... algo mudou em mim... não foi uma viagem para Disney (*risos*). Na época, eu disse a meu pai: “quero ir pros Estados Unidos”. Ele disse: “não, vou te levar prum lugar diferente”. E esse lugar era o Deserto de Atacama, no Chile. Agora eu penso em ir para outro lugar louco, assim, pra Machu Pichu, Costa Rica, África... entender, se entender... meu pai fez a gente comer a comida deles. A gente andou assim junto com os caras que ficavam levando cabrito para pastar... a gente vê a cultura mesmo!

Clarinha: Você conheceu bem a cultura, né?

Ralf: ... igual no filme do Che Guevara que transformou a vida dele. Aquele tiro mudou a vida dele... e também a vida da América Latina, né.

Paulo: Quem é esse cara na foto?

Ralf: O terceiro na foto é um cara meu muito interessante, é um guia lá do deserto, o cara já morou no mundo todo, Paris, mas ele gosta mesmo é de lá e então ele fica numa cidadezinha minúscula que se chama São Pedro de Atacama. Ele nos levou num lugar muito especial, foi um momento único na minha vida. Ele levou a gente numa laguna que ele não costuma levar os turistas normais. Ele falou: “eu vou levar prum lugar que eu conheço, assim, eu curo...” Pegou o Toyota dele no rumo do deserto... virou à direita e entrou no deserto e... foi, foi, foi... e eu falei: “a gente vai se perder aqui!” Ele tinha uma bússola, ele sabe os caminhos, seguia pelo sol e levou a gente nesse lugar que foi extremamente especial... O cara leva uma vida simples lá, e ama estar lá com a natureza, etc e tal. (*Faz uma pausa.*) As outras duas fotos são do meu trabalho, uma das coisas que eu mais amo na minha vida que é atuar, que é a arte do teatro... Essa foto é da minha formatura, quando eu trabalhei em *Ensaio sobre a cegueira*, do Saramago. Foi a peça em que eu me formei ator... então, é como se fosse um passo novo na minha vida... agora eu estou me tornando profissional, vou levar isso a sério, não é uma brincadeira de colégio, não é só um *hobby*... foi um processo gostoso, o livro do Saramago é bem pesado, né, Então, essa foto eu gostei muito, porque é o momento que o personagem que eu faço volta a enxergar. Eu faço o primeiro cego, eu volto a enxergar, então tem uma comemoração dos personagens em cena... um deles voltou a enxergar... no caso, eu, e essa foto ficou aqui como sempre como divulgação. Em todos os jornais saiu essa foto e uma outra (*fica com a voz embargada*) mas essa aqui resume o que era a peça e o momento em que eu voltei a enxergar... é até uma metáfora... Essa outra foto também é muito importante para mim, porque é quando eu comecei a fazer teatro, eu procurei uma escola de teatro, no caso a Escola Célia Helena que foi onde eu me formei... Eu tive que assistir um espetáculo de um grupo para poder fazer uma prova e entrar na escola e vi grupo teatral “X”, e amei! Eu não conhecia o tipo de teatro que eles

faziam e fiquei impressionado e falei: “Meu! Tenho que trabalhar com esses caras, tenho que fazer algo parecido com o deles”. Queria fazer aquilo, eles fizeram uma coisa louca, o público andava pelo espaço do teatro, lá no Sesc Pompéia, o cenário se movia, parecia que era o palco que estava se movendo, mas era a arquibancada. Você entra num túnel preto, sai numa igreja daquelas americanas e senta nos bancos, tem um cara cantando... fiquei impressionado com aquilo. Na cena final, o cara dá um tiro no outro, daí eles abrem a janela do Sesc Pompéia e os prédios ficam como cenário, a própria cidade ficou como cenário. Foi muito bom, fiquei impressionado. Eu sempre ia ver as peças deles e meu pai e minha mãe falavam para eu ir falar com eles, mas eu não ia. Foi quando eu terminei que fui falar com eles. O Gustavo disse: “você pode vir ajudar a gente. Carregar as coisas, tipo varrer o palco!”

Angélica: É o começo, né.

Ralf: É o começo. Quando eu vi, estava trabalhando com eles. Hoje já faz quatro anos que eu trabalho com eles... Então, esse dia da foto foi um marco na minha vida, foi uma apresentação que fiz para eles... Eles disseram: “Você não vai ficar só carregando as coisas”. Nesse dia, acho que eu conquistei eles, eu inventei umas coisas e eles viram o potencial em mim como ator. Essa foto representa essa conquista daquilo que era um sonho, então eu conquistei... Hoje faço parte da *troupe* teatral “X”, do grupo jovem. Essa é, essas são as histórias das fotos.

Volpe: Qual delas você escolheria para construir uma história?

Ralf: (*ele demora a escolher*) Uma história nova? Já falei tanto?! Bom... o que eu posso falar dessa história que contei agora (*refere-se à última foto apresentada*) é que precisamos dos outros... e que precisamos fazer... Ai, não sei, Volpe...

Clarinha: É legal ver que você conquistou seu objetivo

Paulo: Poder criar uma nova conquista.

Ralf: Uma coisa que vocês realmente falaram é que quando meus pais falavam para mim, uma coisa assim: “vai lá falar com eles”, eu via como, pô, eles dizendo: “abraço, amigo! Deixa seu *curriculum* aí, qualquer coisa a gente entra em contato!” Eu achava uma coisa muito distante... daí quando aconteceu, eu lutei por aquilo, eu insisti, eu liguei umas dez vezes, eu falei que eu fazia iluminação, som, sendo que eu não entendo nada disso... eu fiz isso para estar lá...

Lavínia: Para daí dar o primeiro passo. Lutar pelo seu sonho...

Ralf: Eu passei por algumas coisas para poder estar lá... Essa é a história da conquista, na verdade é a conquista do sonho... Agora uma história dessa foto? (*risos*) Vou ser influenciado pela minha própria história. O nome dessa história seria *A conquista de Está-lá-dando-risada*. Pode passar para a Lavínia (*dá risada*).

Lavínia: Quando o Volpe falou das fotos pensei em algo importante, não em foto do tipo “ai, essa foto é bonita, então vou levar!”. Pensei em algo que foi marcante em minha vida. Assim, pensei na minha família, meu pai, minha mãe, meu irmão (*1ª foto*). Outra foto que com certeza

entra é do meu afilhado, que mora muito longe, não é sempre que a gente se vê e quando ele vem eu tenho pouco tempo para ficar com ele, porque tem que ver os outros parentes, primos e eu o adoro, ele também é grudado em mim... Sempre que a gente se encontrava, tipo ele me amava assim, grudava e eu também adorava ficar com ele, passear, ir ao cinema, era um grude assim... Mas isso já faz dois ou três anos, porque os pais dele se separaram, e eles estão brigando, aquela coisa, já faz uns três anos que eu não o vejo. *(Fica claramente incomodada)* Isso acontece também com meu pai e meu tio, pai do meu afilhado... A outra foto é desse meu tio, que está na Espanha que sofre muito por conta da separação, a mulher não deixa ver o menino, teve depressão. Quando ele vem ao Brasil, tentamos ajudá-lo, ele é muito importante para mim, eu o amo muito, considero-o meu segundo pai, é uma pessoa muito querida, tenho saudades dele, eu sinto sua falta, já faz uns três anos que eu não o vejo... Ele também sofre e a gente com ele. A separação tá difícil para todos e principalmente para o filho que a ex-mulher tá podando de várias maneiras, não deixa ver o filho... *(Silêncio)* Essa outra foto (4ª) é do meu tio, nela ele está sozinho na Espanha, mora sozinho agora, muito triste, ficou com depressão... agora em agosto de 2007 ele vem ao Brasil. Aí a gente tenta dar o máximo de apoio, ficar com ele... A quinta foto foi um momento da minha infância que eu acho que foi muito gostoso, reunia toda a família pro Natal, alguém se vestia de Papai Noel, trazia os presentes... Tinha aquela coisa de contar a história do Natal, de Jesus... nós morávamos em uma casa e agora moro em um prédio... a festa da família e dos amigos..., não só os pais participavam, os primos, amigos do irmão, minhas amigas... tinha aquela coisa de teatrinho de criança. Ficou a amizade... aquela coisa de se por acaso a gente se encontrar daqui a dois ou três anos, é como se aquilo ainda estivesse muito vivo dentro da gente... como se o tempo tivesse parado e fosse um eterno presente... Eu gostaria de fazer isso também, pegar meus amigos... to com saudades daquelas pessoas que participavam dos Natais, da Páscoa... vamos nos reunir de novo, se não cada um vai pra um lado e cada um começa a namorar e tal... Agora isso é muito difícil porque todo mundo se separou. Todo mundo vai embora e antes não era assim, já é difícil com família, com os amigos, então, é muito difícil. Agora, graças a isso, as lembranças..., a minha família se reúne mais, isso ainda continua.

Volpe: qual dessas fotos você escolheria para contar uma história.

Lavínia: A foto que eu escolho é a da família

A história seria mais ou menos a da minha infância, esse momento gostoso que eu já contei um pouco, de estar com as pessoas queridas, com a família... os amigos. Como é importante ter amigos por perto, eu tenho uma amiga, que tenho desde sempre, quando voltei de Uberaba fui atrás dela, hoje nós somos como irmãs. Sem os amigos você acaba ficando sozinha. Uma coisa é como um ciclo de amizades que desde pequeno você têm na rua, vem com você, depois você cresce e perde o contato pra sempre...

Paulo: Os amigos que crescem com você são aqueles que você realmente confia.

Lavínia: *Confia, mas acaba, um muda pra lá, outro muda pra cá, tenho uma amiga que foi minha vizinha durante anos, a gente perdeu contato... depois eu corri atrás, procurei na Internet, falei: “poxa, tenho que correr atrás!” A gente se falava no Orkut, assim, por telefone todos os dias de aniversário e tal e a gente mora praticamente perto... Mas aí eu casei e fui morar em Uberaba, eu sentia muita falta de meus amigos, não conhecia ninguém e quando eu voltei, eu falei: “nossa, preciso rever meus amigos!” Toda vez que eu vinha a São Paulo, eles ligavam para mim, eu ligava para minha amiga. “E aí: ‘nossa! To com saudades, vamos sair?’” Como era na época dos nossos aniversários da infância, quando a gente se encontrava em março, em junho, sabe, depois o resto do ano.. e aí eu falei: “não tem que mudar!” Então, hoje a gente se fala como irmãs, assim... Eu considero essa amiga como uma irmã, eu acho que...*

Angélica: Ta na foto?

Lavínia: *Não, ela não tá mas ela sempre tava nesses momentos, qualquer coisa que tinha em casa ela tava junto... E acho que com a família o é mais importante ainda ter essa amizade, se não eu acho que não fica tão próximo, se vê só naquelas festinhas, não tem uma intimidade, eu acho que foi muito legal essa parte. Hoje minha família é bem unida, é sempre um ajudando o outro, hoje somos grandes amigos, minhas primas...*

Volpe: O nome da história?

Lavínia: *O nome da história é A grande família. (Silêncio)*

Volpe: E você, Clarinha?

Clarinha: *A primeira foto é dos meus pais, que têm papel importante na minha vida. Perdi minha mãe há cinco anos e hoje cuido do meu pai que não enxerga direito; faço mais papel de mãe do que de filha. (fica com a voz embargada). A segunda foto é do meu irmão que tá no Canadá tentando a vida lá. A terceira foi o momento assim de conhecer a família toda de minha mãe, e a família toda do meu pai, os amigos que nos acolheram, eu e meu irmão. Porque... assim a nossa história é um pouco diferente, eu e meu irmão somos filhos adotivos, nós fomos muito acolhidos, tanto pela família de meu pai, como também da minha mãe, e também os amigos. Nós vivíamos assim desde pequenos com os amigos... A família foi muito importante para nós dois. A família da minha mãe é de Sergipe e a do meu pai é de Rondonópolis, Mato Grosso, uma mistura.*

Paulo: Quando você conheceu eles, qual era a sua idade?

Clarinha: Eu tava com quatro anos, quatro pra cinco...

Paulo: Vocês já sabiam assim... desde pequenos...

Clarinha: Ah! Já! Meu pai e minha mãe nunca esconderam da gente que éramos adotados; meu irmão foi adotado primeiro, apesar de ser mais novo um ano e meio... Ele já foi recém-nascido...

Eu já fui com quatro pra cinco anos. Foi muito legal, um processo legal, até por eles serem da área *psi*. A gente escuta histórias de pessoas que foram adotadas e os pais não contaram e os filhos se revoltam, mas a gente não...

Paulo: Qual era a sua idade quando foi adotada?

Clarinha: 4 anos. Eu lembro muito de leve da minha mãe e do meu pai biológicos, muito pouco.

(Lavínia e Angélica conversam paralelamente, bem baixinho sobre uma foto trazida por Clarinha).

Paulo: Você não tinha um outro irmão? Na minha cabeça você tinha outro irmão.

Clarinha: Sim, sim... ele está morando no Canadá agora, como eu disse...

Ralf: ... e você cresceu aqui em São Paulo ou no...

Clarinha: Aqui em São Paulo mesmo! Próxima dos meus pais... *(Silêncio)*

Volpe: Clarinha, qual dessas fotos que você trouxe, você escolheria para construir uma história?

Clarinha: Olha, Volpe, uma foto assim que eu escolheria seria a fotos dos meus pais juntos... é uma coisa... *(fica um pouco nervosa, chora por alguns instantes).*

Volpe: É essa foto que está aí no meio das demais, é isso?

Clarinha: *É essa daqui, do meio, porque é assim a gente... é engraçado mas a gente acaba dando um pouco mais de valor quando a gente perde... perde a pessoa.. eu to num momento de minha vida muito bom, muito legal, sabe? De repente, se minha mãe estivesse hoje aqui, eu poderia assim... repartindo esse momento com ela, entendeu? Eu sei que hoje ela estaria muito feliz pelo... também, sabe, e eu acho que minha vida também seria bem diferente. Eu não teria que ter duas responsabilidades ao mesmo tempo... isso pesa muito, é assim... o meu pai por ele ter essa dificuldade de visão e tal... então, quer dizer... eu acabo deixando minha vida de lado para acabar cuidando dele... e isso para mim é difícil... sabe, uma coisa difícil de lidar. E ao mesmo tempo, eu to vivendo um momento superfeliz... na minha vida que eu não estou podendo desfrutar disso... eu to mas não tanto como eu queria, sabe... Ela faz muita falta... aí você fala que nome que eu daria para essa história.... eu daria assim..., como se fosse, sabe, **À espera de um milagre**... para quem viu o filme, é lindo... porque a gente espera tudo, então a gente acaba esperando até um milagre, até mesmo pelo meu pai... ele já fez de tudo por causa da visão e... de repente, se não fosse pela visão, eu acho que seria... muito diferente! Ai... desculpem a emoção, podem perguntar, não é porque eu chorei que não vão perguntar nada! *(todos ficam em silêncio durante alguns instantes).**

Paulo: A foto com seu irmão aonde é?

Clarinha: É aqui em São Paulo... e é na frente de minha casa.

Ralf: Parece interior, assim...

Clarinha: Parece interior mesmo... antigamente era uma chácara...

Paulo: E a relação com o seu irmão é legal?

Clarinha: Nossa relação hoje é legal, mas nós pensamos muito diferente. Quando ele morava aqui no Brasil, era muito distante, ele no canto dele e eu no meu, agora com a viagem estamos mais perto, conversamos mais pelo telefone, pela internet. Essa experiência foi legal porque a gente acaba se conhecendo um pouco melhor. Quando ele morava aqui era “oi, tchau!” Acaba...

Paulo: ... o respeito, né!

Clarinha: Isso! Fica ele lá no canto dele, “não mexe comigo que eu não mexo com você!” Hoje, tá diferente, a gente já vê uma preocupação um com o outro, como que ele tá lá, e ele pergunta como é que eu tô aqui!

Ralf: Demonstra mais!

Clarinha: Demonstra mais, e às vezes ele até fala: “olha... até mesmo pra lidar com o pai, tenha paciência... faça isso, isso, assim, assim, você vai ver que vai mudar!” Entendeu? Às vezes, ele tem razão; às vezes... então, assim, um escuta mais o outro, né!

Paulo: E você se sente assim como em relação ao seu pai como se fosse, como se fosse uma missão, assim... não sei como isso passa na sua cabeça...

Clarinha: *Ah, sim, quanto ao meu pai sinto uma responsabilidade muito grande, é engraçado porque essa responsabilidade nós dois sentimos. Tanto meu pai como minha mãe sempre passaram para nós dois desde pequenos... Nós tivemos, vamos dizer, um milagre, assim, de encontrar os dois e, ao mesmo tempo, a gente sempre esperou um milagre pro meu pai, por causa da visão dele, porque foi perdendo a visão aos poucos... Eu sinto muita responsabilidade... a gente reza muito... Eu falo **À espera de um milagre** porque foi um milagre para mim e meu irmão sermos adotados, sentimos uma obrigação, não...*

Ralf: ... uma gratidão!

(Silêncio)

Angélica: Então, vamos lá! A *primeira foto* é de minha família, são os meus irmãos: foi uma viagem muito importante. Foi a família inteira, viagem de mochileiro. A gente ficou muito junto, foi um momento de nos conhecermos mais... Eu tinha uns 13 anos, a gente tava na adolescência. Nessa idade você tá começando a conhecer realmente quem são as pessoas... você está mudando sua relação com as pessoas.

Ralf: Quem são?

Angélica: Essa foto é da viagem que minha família toda fez. Fomos pra Londres, fomos de mochilão para Europa toda, ficando em albergue a família toda assim... Minha mãe topou, meu pai estava desempregado e disse que iríamos para Europa em cinco anos. Meu pai passou muito tempo tentando um negócio dele... A gente tinha pouco dinheiro, a gente começou então a rir da cara dele: “tá zoando da nossa cara!”. Ele ia falando de ano em ano: “faltam 4!”, “faltam 3”,

“faltam 2...”, até que faltava 1 e nós começamos a acreditar que iríamos mesmo! Então meu pai conseguiu colocar todo mundo para estudar a história dos países que iríamos visitar...

Ralf: Olha que louco!

Angélica: Meu pai conseguiu colocar adolescentes de 13, 15 e 17 anos em tudo quanto foi museu e igrejas (*riso*)... eu não agüentava mais ver igreja, mas foi...

Ralf (*ri da situação*)

Angélica: Vimos tudo... uma viagem incrível, incrível assim, cada um pegava sua mala independentemente da idade, então, se eu era menina e tinha 13 anos, eu tinha que fazer a mala que eu pudesse carregar, então, foi muito legal e então conhecer muitas coisas, que é o que você falou... nessa idade, as meninas queriam ir pra Disney, e eu fui pra Europa, então... foi muito importante, foi uma viagem baratíssima. Meu pai fala que as pessoas não acreditavam que a gente tinha gastado aquele tanto para conhecer tantos países que a gente conheceu... Foi um máximo! (*fala com a voz embargada, emocionada*) Tem aquela coisa de mentalidade, eu conheci uma menina que tinha muito dinheiro e nunca tinha saído do Brasil... é uma questão de mentalidade!

Clarinha: É sim! Tem mesmo!

Angélica: Meu pai tinha essa coisa já da minha avó, de viajar, de não importa o nível de acomodação. Assim, não tem que ficar em hotel cinco estrelas. Você pode dividir quarto que vai valer a pena do mesmo jeito.

Lavínia: Você aprende até mais...

Angélica: A *segunda foto* foi na época de faculdade, fiz Arquitetura, sempre tive interesse por urbanismo. Aqui (*1ª foto*) é uma área no caminho da minha casa, nunca tinha reparado direito; desde os anos da minha infância passávamos por esse lugar e tínhamos que parar para o trem passar e agora só tem barraco.

Ralf: Onde é isso?

Angélica: Fica perto do Ceasa, lá no Jaguaré.

Ralf: Nossa, cara! Muito bom, muito bom! (*com a foto nas mãos*)

Angélica: Quando eu não me esqueço... eu lembro que a gente parava o carro pra passar o trem e eu corro.... agora barraco, barraco... essa foto eu tirei para um trabalho de fotografia no 3º ano da faculdade.

Ralf: Ainda passa trem?

Angélica: Passava.

Ralf: Passava? Nossa!

Angélica: Hoje em dia tá fechado de tanto barraco, porque parou de passar trem e eles foram aumentando os barracos e agora tem barraco até de alvenaria.

Ralf: De quando é essa foto?

Angélica: 2000... 2001... foi quando eu comecei a descobrir a cidade, o que estava em volta de mim... tipo esse lugar que eu passava há anos e nunca tinha parado para observar...

Paulo: Você que tirou essa foto?

Angélica: Foi um trabalho sobre fotografia da faculdade... era um trabalho de olhar... A gente tirou fotos tanto em Ouro Preto... em Alphaville, tiramos umas em São Paulo e foi quando eu descobri esse gosto pelo interstício da cidade!

Ralf: Sei! Hummm!

Angélica: A *terceira foto* é de um pessoal da faculdade, pessoas que me acolheram. Porque eu fui sozinha pra Ouro Preto. No começo da faculdade, eu até pensei em sair, porque aquelas pessoas da minha turma não tinham absolutamente nada a ver comigo. Eu pensei em desistir, pensei em prestar USP, não passei, e daí eu encontrei essas pessoas que aparecem aqui na foto, pessoas que realmente tinham a ver comigo, que tinham os mesmos interesses, que me acolheram. Algumas delas eu ia na casa delas... Eu ia comer na casa das mães delas... então, os pais me adotaram também. Foi muito importante para mim. *(pausa)* A *quarta foto* é de uma pichação na República Tcheca. É um cartão postal de um gato. Ganhei esse cartão de uma amiga da antiga Alemanha Oriental que morou comigo, outra pessoa que me acolheu, muito importante para mim no ano e meio que fiquei em Praga. Foi muito companhia minha em tudo, ela também tava sozinha, uma alemã que morou comigo... Esse ano foi importantíssimo para mim....

Ralf: Que louco!

Paulo: Foi a primeira foto que ela te deu? Um desenho?

Angélica: Foi a mais importante. Foi a que mais me marcou, que ela começou a querer aprender a tirar foto e começou a tirar foto e essa foi uma das primeiras... de foto que ela fez e eu adorei e ela me deu... é isso!

Volpe: Qual foto você escolheria...

Angélica: *Eu escolho essa foto da pichação para contar a história. Eu acho que a que eu escolhi da outra vez foi essa, né, porque a história da Ingrid foi muito intensa... minha relação com ela... eu cheguei sozinha num país que eu tinha passado uma vez, mal falava algumas palavras de inglês básico. Fui sem perspectiva, fui pra bater a cabeça mesmo, pretendia fazer um curso, mas o curso ainda não havia começado. Ia começar só dali a seis meses, tava tentando uma bolsa, não sabia se ia sair a bolsa ou não. Eu falei: “ah, eu vou, ta sem perspectiva nenhuma aqui no Brasil!” Tinha acabado de me formar e fui pra trabalhar. Foi difícil encontrar um lugar para morar porque tem muita gente que ganha dinheiro com isso e são ambientes horríveis, assim... O pessoal só quer saber que você pague um aluguel no fim do mês e quem tá morando com você tanto faz... Eu cheguei nessa casa, um apartamento, o melhor apartamento que eu encontrei. Não era perto do centro mas era um apartamento super*

agradável... A Ingrid tinha entrado no apartamento um dia antes, uma semana antes de mim... e também sozinha. Tava fazendo intercâmbio... ela fazia tradução na Alemanha... então, ela tava fazendo intercâmbio de trabalho e tudo mais, então a gente começou a descobrir Praga junto, sabe, e muitas outras coisas porque ela veio da Alemanha Oriental. Então, ela cresceu no... comunismo... a gente trocava muita informação... a cultura dela na Alemanha Oriental e a minha no Brasil eram muito diferentes. A gente cresceu muito juntas, conhecendo a República Tcheca e Praga juntas. Viajamos juntas e pra mim era muito forte essa coisa do comunismo, de como foi isso pra ela... que ela não podia ver a tevê da Alemanha Ocidental, era proibido... e várias coisas que ela contava que eu ouvia na escola e você ouvir de uma pessoa que viveu isso mesmo é surreal. Você fala: “meu!” Ela disse que quase todo o colégio, eles eram massacrados com a coisa do nazismo também... Foi muito, muito interessante minha experiência com ela. Um dos momentos que eu acho que foi mais legal foi uma viagem que a gente fez juntas ao sul da República Tcheca. A gente tava com o mapa de uma cidade e no caminho tinha uma sinagoga. Batemos na porta da sinagoga, tava fechada, não tava tendo culto nem nada... Batemos na porta e veio o próprio rabino pra mostrar a sinagoga. No momento que a gente entrou foi muito forte porque a Ingrid não tinha se dado conta até quando ela entrou e cumprimentou o rabino... foi muito forte esse encontro de uma alemã que viveu sob o comunismo, que não teve uma criação de religião e que, apesar de tudo, tinha toda essa história do nazismo que foi muito massacrado para eles... e de repente cair na cabeça dela toda essa história em cima dela, tipo: “eu estou numa sinagoga e eu sou alemã e o que os alemães fizeram com os judeus...” Sabe, esse momento foi único, foi interessantíssimo e o rabino foi muito legal. Era um rabino chileno que tava trabalhando naquela cidade. Ele perguntou nossa nacionalidade. Eu disse: “sou brasileira”. Ingrid: “eu sou alemã!” Pra ela, veio todo esse peso da história, mas o rabino em nenhum momento se alterou pelo fato dela ser alemã, porque acho que ele tinha total consciência de que isso é passado, e que ela nem viveu isso. Ele virou pra ela e falou depois que ela disse que era da Alemanha, ele perguntou pra ela como era não ter fé, que ele acreditava que todas as pessoas de certa forma tinham fé em alguma coisa, que na época do comunismo a fé deles era o comunismo e quando isso caiu, o que era fé, sabe..., e ela falou justamente isso: “eu tou em busca do que me preenche, do que me satisfaz!” Ela foi pro lado um pouco não do budismo mas da meditação, um pouco através do ioga, é isso! (Todos ficam alguns instantes em silêncio.)

Volpe: Que nome você daria a sua história?

Angélica: *O encontro.* (Silêncio)

Volpe: Estamos terminando nosso trabalho. Que nome vocês dariam para nosso trabalho aqui, para as histórias que foram construídas...

Paulo: *Encontros* é bem sugestivo!

Ralf: *As famílias das famílias.*

Paulo: É, sim!

Ralf: Todo mundo falou de família, de parente...

Angélica: Alguma coisa como *Ir em busca de si mesmo*... do seu íntimo, mais pessoal, mais querido, mais próximo.

Lavínia: *Experiência, cada um tem uma.* Cada um contou sua experiência, é uma mais diferente que a outra...

Clarinha: Eu daria *Encontro*, todo mundo se encontrando na foto do outro! Ao mesmo tempo que você ta contando, você ta...

Paulo: ... se encontrando e encontrando as outras pessoas.

Lavínia: Ao mesmo tempo, reencontrando gente que não via há muito tempo...

Clarinha: Põe tempo nisso!

Angélica: Muito tempo mesmo!

Volpe: Para encerrar, eu gostaria que vocês falassem como estão se sentindo, como vocês estão?

Paulo: Para mim, o que mais ficou preso na minha cabeça são as pessoas que amamos e que mais nos amam, são as que nos fazem ter força, é o lance da distância, nada consegue separar quem se ama de verdade. O que importa mesmo é o sentimento...

Clarinha: Para mim, foi ótimo, falar foi difícil, mas foi bom. (*Desabafa*) Você coloca coisa pra fora, coisas que precisa colocar pra fora... tem histórias aqui que é engraçado, eu tenho vontade de pegar as pessoas e colocar no colo e falar para ir em frente, porque nunca é tarde.

Lavínia: Vai passando, vai lembrando...

Angélica: ... de coisas boas... que tão lá no bauzinho!

Ralf: É, uma reflexão, talvez um outro olhar sobre uma coisa que já passou e que talvez tenha ficado esquecida... por exemplo, aquela foto lá fazia muito tempo que eu não olhava, meu pai, o amigo de meu pai, quando a gente vê, a gente realmente tem.. fala e volta e a gente vê o verdadeiro valor assim ainda mais em frente a outras pessoas. A gente vai desconstruindo ações e várias coisas que eu me identifiquei... dá pra eu me identificar com todas as histórias...

Lavínia: E hoje eu achei que os pais são... Hoje cada um é o que é graças aos pais, graças à família.

Paulo: Embora as histórias sejam diferentes, as experiências, os planos são mais ou menos iguais.

Ralf: Apesar de cada um ser uma pessoa, cada um ser de um lugar, não é de São Paulo, é budista; ela foi pra Europa, eu fui pra América do Sul, pro Chile; o irmão dela ta no Canadá, a

minha ta na Austrália. Ela falou dos amigos... Você perguntou o que sentimos, para mim é *felicidade*. Mesmo com emoções estou feliz!

Lavínia: Eu também! Eu também fiz teatro na Escola Célia Helena.

Ralf: O que é legal, tudo a ver, tudo a ver, é incrível assim como você, Volpe, consegue reunir umas pessoas e a partir das fotos você consegue criar uma identidade entre elas, a família, ela falou lá da Europa... o lance do pai dela... dá pra gente refletir na verdade, ver várias coisas, é meio um momento reflexivo...

Paulo: É sempre bom falar sobre a nossa própria história, alivia!

Lavínia: É mesmo!

(Volpe fala do Termo de Consentimento, do sigilo das informações; se houver necessidade, fará pequenas alterações para que a confidencialidade e identidade dos participantes seja preservada. Também havendo necessidade, ele entrará em contato. Agradece a participação de todos. Todos se despedem.)

Grupo: experiências culturais intermediárias

Nas viagens e travessias da vida, os grupos apresentam-se como lugar de pertença, referência e ancoragem, o que traz um sentimento ligado a proteção e *sustento*. Como lugares de *experiência*, funcionam como instância de passagem, continuidade e ruptura/transformação. Possibilitam nomear e, à medida que os encontros se intensificam ou são retomados, talvez desvelem fraturas, sofrimentos e ameaças de desmoronamento e colapso que acompanham o caminhar humano.

Assim, os integrantes de um grupo em um espaço de confiança e escuta podem experimentar o novo e o estranho, isto é, buscar outros marcos de referência e sentidos, com novos processos de discriminação e singularização – o gesto criativo e transformador. Da ilusão de completude e amálgama presentes no início de um grupo, poder viver a separação e desilusão trazidos pela aceitação progressiva da realidade. Experiências não excludentes, tarefa nunca acabada entre o já e o ainda-não, entre o que se herdou, o que se encontra e o que se cria... Trata-se do desenvolvimento

de espaços potenciais entre o sujeito e seu entorno. Como afirma Winnicott (1975: 137-138):

Empreguei o termo *experiência cultural* vendo nele uma extensão da idéia de fenômenos transicionais e do brincar. Ao utilizar a palavra *cultura*, penso na tradição que herdei. Penso em algo que seja o patrimônio comum da Humanidade ao qual os indivíduos e os grupos possam contribuir, e de onde cada um de nós poderá retirar alguma coisa, se tivermos *um lugar para colocar o que encontramos*. (Grifos finais nossos.)

Trata-se, pois, de um trabalho paciente e atento de articulação e de conciliação entre ruptura e continuidade, entre permanência e transformação... como o neto de Freud e seu carretel transicional; Scherazade e suas histórias de mil e uma noites; o lento deslocar de Édipo em direção a Colono, na companhia da filha, Antígone; o explorador de mundos Marco Polo e Kublai Khan, imperador dos tártaros, desvelando cidades invisíveis... e os integrantes deste grupo de pesquisa entretecendo diferentes *gabbeh* com a mediação das fotos e narrativas. O seu próprio *gabbeh* e o do grupo, como se verá a seguir. A aceitação e confiança, a continuidade entre a área transicional e a área cultural, “se tivermos um lugar para colocar o que encontramos”.

Existem diferentes possibilidades de recorte e leitura da atividade realizada com esse grupo. Seguindo o percurso, as idas e vindas do grupo em sua constituição, acompanho aqui as associações (“livres”) de seus integrantes, as pequenas complementações ou intervenções feitas por mim e sobretudo por eles, quando da apresentação de suas fotos e narrativas. Utilizo também nessa leitura alguns indicadores que nortearam o percurso até aqui e a análise da entrevista e das fotos e narrativas na situação individual, em particular. Por exemplo, o que é mais destacado em seu narrar são situações de encontro e aproximação, de continuidade das experiências ou, ao contrário, o narrar, as experiências e os sentimentos expressados trazem as marcas da descontinuidade, ruptura e transformação? O que se mantém ou o que se modifica e

amplia no trabalho em grupo, quando comparado ao que ocorreu entre pesquisador e cada entrevistado? A constituição e criação do dispositivo grupal favorece a ressignificação das experiências de cada um de seus integrantes? E do próprio grupo constituindo-se? Que ressonâncias e desdobramentos tais situações ou experiências compartilhadas trazem? Interessa-nos, pois, a análise das articulações do grupo como um todo; os vínculos *grupais* de seus membros e, ao mesmo tempo, os diferentes lugares ocupados pelo sujeito singular. Diferentes vozes, vários enunciados que se fazem ouvir na intersubjetividade. Começemos...

Na despedida da entrevista individual, alguns participantes se mostram inquietos com as “cidades invisíveis” que podem encontrar na etapa seguinte: “O que acontecerá no trabalho em grupo?”; “quem serão os demais participantes?”; “será que eu conheço algum deles?”; “se já foi difícil a apresentação *aqui*, imagine como vai ser em grupo!”; “não vejo a hora da nova atividade chegar. Vou ficar contando os dias. Espero que não demore muito!” As leituras do caminhar de cada um, da maneira pessoal como os participantes se apresentam por meio das fotografias e narrativas, permitem destacar na seqüência como o trabalho realizado em grupo ganha ressonâncias e intensidades que permeiam diferentes dimensões da vida de cada integrante e do grupo, como espaço potencial em constituição.

Entre a primeira e a última entrevista realizada no trabalho individual (Angélica e Maurício Luiz, respectivamente) passaram-se aproximadamente seis meses... um tempo-espaço carregado de expectativas, inquietações e desdobramentos nas relações cotidianas; da presentificação de imagens e fantasias anunciadas à medida que cada participante chega à reunião com o grupo, e também na forma como se coloca perante os demais.

Alguns aspectos chamam a atenção nessa organização inicial do grupo. Paulo, um dos últimos a fazer a entrevista individual, é o primeiro a chegar, sentando-se no sofá ao lado da cadeira do pesquisador. Logo conversa com as duas observadoras, sentadas a um canto da sala: “como estão? O que fazem? Será que chove?” Diante do novo e desconhecido, busca sentir-se em casa, quer se integrar, como que explicita sua necessidade de apoio e reconhecimento, em especial do pesquisador.

Outro aspecto da organização inicial do grupo: à medida que chegam, as mulheres sentam-se próximas umas às outras, em almofadões dispostos no chão ao longo da parede; Ralf senta-se no sofá de dois lugares, onde já está Paulo. Temos assim homens de um lado e mulheres do outro, interligados pelo pesquisador cuja cadeira está mais próxima da de Paulo e Ralf. Podemos nos perguntar se nesse espaço entre-dois os participantes não buscariam a “proteção do conhecido”, recorrendo a uma proximidade corporal que os reassegure em relação ao não-reconhecimento, confrontações ou diferenças..., ao desconhecido presente ou por vir... O processo associativo intersubjetivo que se inicia assume contornos que falam de aproximações por semelhanças, contrastes ou oposições.

Um detalhe importante também chama a atenção nesse início da reunião grupal: Maurício Luiz é avisado uma semana antes, confirma sua vinda. Dois dias antes, diz ter problemas (viagem a serviço). No dia da atividade, diz que virá... O grupo o espera por meia hora... sua cadeira fica presente, mais próxima às mulheres. Em sua ausência-presença, Maurício Luiz agiria como *intérprete* da precariedade dos dispositivos de ancoragem e sustentação, bem como dos movimentos em direção ao outro, desejados mas temidos... Voltaremos a esse ponto.

Enquanto acolho o mal-estar que a não-chegada de Maurício Luiz me coloca, acolho as idas e vindas que cada um faz. Percebo que pouco a pouco o grupo se organiza como espaço de ancoragem e apoio, uma rede⁴⁰ que começa a ser entretecida artesanalmente. Os homens ficam encostados lado a lado próximos ao entrevistador; não (se) falam. Cria-se certa ilusão transitória, um espaço de confiança e escuta, para (talvez) na seqüência haver algumas condições de elaboração da desilusão..., por meio das fotos e narrativas e do próprio dispositivo grupal constituído, na construção solidária de sentido(s).

As mulheres iniciam um reconhecimento, diante da possibilidade de diferenciação (estar face a face aos homens e em relação ao dispositivo grupal que se cria aos poucos): “Eu me lembro de você! Faz tanto tempo! Como você está diferente!”; “e seu pai?”; “que está fazendo seu irmão?” Os encontros esporádicos ocorridos na infância ou adolescência recordam, instauram alguns processos de mediação e de ligação entre algumas experiências comuns e as que ora se iniciam. Nesse início, as palavras articulam processos que procedem *de* alguém e que se dirigem *a* alguém, como negociação, interação ou confrontação de pontos de vista.

Os integrantes do grupo estão entre vinte e três e trinta e três anos e nesse momento de sua vida trazem consigo o registro de vivências marcadas por múltiplos *entre-deux* (infância/adolescência; faculdade/casa dos pais; casa do pai/casa da mãe; família/novos relacionamentos; trabalho/grupo de amigos; Brasil/outro país; homens/mulheres...).

---

⁴⁰ Interessante anotar que “grupo”, do italiano *gruppo*, significa “nó” e também “moldura” e “envoltório”, o que remete à idéia de rede, continência, laço, entrelaçamento..., portanto, de passagem e sustentação.

Referindo-se à relação mãe-bebê (e poderíamos ampliar tal experiência intermediária para os grupos, instituições, configurações vinculares e... *este grupo*, a exemplo do que Kaës propõe⁴¹), Winnicott diz (1975: 26):

A tarefa final da mãe é a de, *gradualmente desiludir o bebê*. Ela, entretanto, não terá a esperança de sucesso a não ser que, inicialmente, tenha sido capaz de oferecer *suficiente oportunidade para ilusão*. (...) Trata-se de um problema que jamais deixa de ter sentido enquanto o indivíduo estiver vivo. (Grifos no original.)

O apoio no grupo não é de completude, o dispositivo grupal é plástico, revelando o *continuum* permanência-ruptura-transformação. Maurício Luiz está ausente-presente, forma-se um espaço entre homens e mulheres, o que poderia indicar certa demarcação, uma primeira diferenciação? Existem vazios e fissuras, o que entreabre a possibilidade da conversa e do compartilhamento; dos encontros e confrontos; do brincar e do humor; enfim, da criação e utilização de experiências intermediárias que favoreceriam a passagem do conhecido ao desconhecido, separando e aproximando eu-outro; passado e presente; trabalho individual-trabalho feito aqui no grupo; sujeito-grupo; pesquisador-grupo; fotografias e narrativas...

A presença-testemunha do pesquisador e de um enquadre diferenciado delineiam aos poucos condições importantes para a criação de um dispositivo grupal (uso do espaço do consultório; estabelecimento de um dispositivo de acolhida e de confiança; retomada dos objetivos da pesquisa e do Termo de Consentimento assinado na entrevista inicial; apresentação das etapas e desdobramentos do trabalho).

O pesquisador mantém certa tensão entre dois lugares necessários e correlatos. No grupo, é o iniciador do processo e, ao mesmo tempo, mostra-se disposto a escutar,

---

⁴¹ “Tentei alargar a descoberta winnicottiana [*de fenômenos, objetos e áreas transicionais*] aos adultos,

compreender e nomear. O dispositivo grupal é lugar de intimidade⁴², leva seus participantes às origens, “a uma situação de começo” (KAËS, 2005b: 92). Existem vínculos entre pesquisador e grupo; entre este e seus integrantes – no nosso caso articulados pelo narrar e as fotografias, mediadores a partir dos quais o processo pode ocorrer.

** * **

Paulo é o primeiro a se apresentar aos demais: “esqueci as fotos, trouxe duas parecidas... não nasci em São Paulo, não estou estudando nem escolhi morar sozinho... é o lance da distância”, diz ele. Fala (pelo negativo) de experiências de descontinuidade, de incompletude, de separação e *distância*. Quem sabe, deposite no espaço potencial do grupo a possibilidade de se sentir preenchido, de interligar e de desvelar suas origens. Nesse sentido, poderíamos pensar que Paulo e cada integrante experimentariam no grupo talvez pela primeira vez aquilo que não foi ou não pôde ser vivenciado.

A foto escolhida para narrar uma história é de sua casa/cidade de origem: “é o lance da distância”. Sua narrativa tem as marcas do ilusionamento e completude (“Vitória em São Francisco”, título que dá a sua história): os pais não são separados; ele completou seus estudos; a cidade e o porto são acolhedores e dispõem de qualidade de vida; conversa bastante com a mãe, “amiga sem intermediários”, como disse na entrevista individual.

Paulo vive *apoiado* ao outro, necessita de condições suficientemente boas (“nada consegue separar quem se ama de verdade” – referindo-se à mãe, 2ª foto trazida),

---

grupos e instituições” (KAËS, 2005a: 27).

⁴² *Intimidade* diz respeito àquilo que é levado para dentro (de si e do intragrupo), quando existe confiança, proximidade e escuta...

como forma de organizar e “aliviar” (sic) sua história, marcada por rupturas e pouco acolhimento, sobretudo do pai, do cunhado (em cuja casa morou algum tempo) e do atual companheiro da mãe. Se a herança cultural não está em condições de assegurar a continuidade da existência, não é possível o uso das formações intermediárias, entre eu e não-eu; entre dentro (grupo de pertença) e fora (grupo que acolhe), entre passado e futuro.

Mas no decorrer do trabalho grupal, Paulo demonstra interesse em conhecer os demais integrantes e as fotos que trazem. Suas intervenções são no sentido de iniciar um reconhecimento, a busca de uma identidade (“quem é essa pessoa; você que tirou essa foto; a relação com sua irmã é legal; quantos anos você tinha quando foi adotada; você faz cinema para ser produtor ou ser diretor; você não tinha outro irmão?”). Na aproximação aos demais encontra ressonâncias e significados para seu *gabbeh*. Talvez já como efeito do trabalho grupal, é mais preciso que na entrevista individual ao formalizar seu projeto de vida (“trabalhar com gestão de esportes”; “estudar antes dos 27 nos”). Nota-se também uma inversão no grupo: traz primeiro algo diretamente seu, não a infância dos sobrinhos, como na situação individual.

Interessante o trabalho intermediário de Ralf, a desvelar e afirmar tais questões, com a ajuda dos registros e imagens *in vivo*... Paulo interroga, quer saber, desfruta da ancoragem trazida pelo grupo (“embora as histórias sejam diferentes, as experiências, os planos são mais ou menos iguais”, diz ele no final do trabalho em grupo). De sua parte, Ralf, como porta-voz nomeia e entreabre possibilidades de elaboração do vivido, ao dotá-lo de um sentido compartilhado: “um outro olhar sobre o que já passou ou tenha ficado esquecido”; “as famílias das famílias”; “como você, Volpe, conseguiu reunir pessoas diferentes e criar uma identidade entre elas!”; “trata-se

de um trabalho reflexivo”, diz ao final. Existe um processamento das conquistas, nota-se algo mais elaborado do que no contato individual com o entrevistador.

Segundo Kaës (2004; 2005a/b), a construção grupal implica teceduras, arranjos, experiências de continuidade e de descontinuidade, recortes... diferenciações. Em outras palavras, o grupo de pesquisa se constitui inicialmente como espaço de ancoragem⁴³, um ajudando o outro a se colocar, a se situar -- como no caso da criança que se apóia à mãe ou da parede da casa que se deixa apoiar pela escada. Quem se apóia pode servir de apoio ao outro, por sua vez. No grupo, Ralf e Paulo mantêm-se juntos, recostados ao mesmo sofá e próximos do pesquisador. Clarinha, Lavínia e Angélica apóiam-se mutuamente nos almofadões, falam-se.

É possível pensar que o dispositivo grupal como lugar de refúgio e albergue psíquico permite a Paulo experimentar em um espaço de reunião aquilo que não foi ou não pôde ser vivido, condição prévia para iniciar um trabalho na perspectiva de maior autonomia e independência: “morar em sua casa, viver sozinho”. Tal experiência intermediária favorece um encontro com o outro na travessia em direção ao diferente e desconhecido.

As fotos e as histórias trazidas evocam para Paulo momentos regressivos, remetem a *lugares* associados às origens (“infelizmente eu perdi as fotos... desculpa eu perder todas... peguei outras duas”; “sou mais criança que meus sobrinhos”). A ruptura ou ausência prolongada de experiências intermediárias em sua vida (relações familiares; grupos de referência; figuras masculinas “difíceis”, duras ou ausentes) leva à necessidade de recorrer a defesas mais primitivas, no seu caso talvez à intensificação e

repetição de modelos fusionais, com predomínio da indiferenciação eu-outro (“assim que mudei, tirei essa foto de minha mãe em seu quarto e a coloquei no mural próximo à minha cama”, diz na entrevista individual). Nesse sentido, talvez, relações marcadas por superproteção não favoreceriam a formação simbólica, aproximações eu-outro que demarquem a singularidade de cada um.

Parece que o dispositivo grupal amplifica os modelos de ancoragem e, ao mesmo tempo, permite a Paulo utilizar o compartilhamento dos diferentes relatos no sentido de iniciar, à semelhança de outros integrantes, o lento caminho de separação-individuação, a esperada *independência*.⁴⁴ Existe sempre um trabalho de mediação, ligação e transformação entre sujeito e grupo, entre sujeito e mundo. Um trabalho comum e partilhado: “se encontrando e encontrando as outras pessoas”, como diz no fechamento da atividade grupal.

** * **

O desvelamento de alguns aspectos do ser-no-mundo de Paulo, por meio de seu narrar, das fotos e colocações dos demais membros, mesmo que embrionário e idealizado, abre espaço para que Ralf delineie seu percurso na sequência naquilo que o singulariza: “um outro olhar sobre algo que ficou esquecido há muito tempo”; “a gente vai desconstruindo ações”; “dá para me identificar com todas as histórias”; “sinto felicidade ao ver o final do trabalho... um momento reflexivo”.

---

⁴³ *Ancoragem*, em português, corresponde a *apuntaliamento*, em espanhol; *étayage*, em Kaës; *Anlehnung*, em Freud; *holding*, em Winnicott...

⁴⁴ Na entrevista individual trouxe uma foto da *Praça da Independência* (SP), local onde se divertia andando de *skate* em sua infância e início da adolescência. Refere-se a esse espaço e à foto no final de sua apresentação ao grupo.

Ralf ocupa uma instância intermediária, à medida que o grupo se constitui, lugar de passagem e de articulação, autorizado inicialmente por Lavínia⁴⁵ (“todo mundo olhou para você”, diz ela), depois pelas colocações de Clarinha... uma rede de sustentação que vai sendo construída e ampliada, possibilitando que o narrar de cada um se torne história compartilhada em grupo, *este* grupo. Como uma mãe em relação a seu filho, Ralf recebe essa função *fórica*: decodifica algumas peculiaridades dos outros participantes e, por sua vez, é acolhido por eles, nos espaços entre-dois. Isso fica mais claro na apresentação das fotos e da construção das histórias realizadas por Lavínia e por Clarinha. A respeito, Kaës sintetiza (2005a: 44): “o porta-voz fala no lugar de outro, pelo outro, mas ele fala também pelo outro que está nele”.

A apresentação de Ralf perante os demais enfatiza desde o início a conquista de sua autonomia: “moro sozinho”; “trabalho por paixão em teatro... de *Ensaio sobre a cegueira* até o grupo X”; “quero ser diretor de cinema”. Ralf demarca e desvela os “momentos importantes de minha vida” (sic). Na apresentação da *1ª foto* (comemoração de aniversário na infância), dois detalhes ganham relevância: ele e a irmã mais velha, por fazerem aniversário no mesmo mês, compartilhavam a mesma festa e o bolo! E que na foto seu pai “está com a cabeça cortada... como também o *Cascão*. Só aparece a barba de meu pai”.

A sequência de sua apresentação das fotos parece indicar um movimento crescente em direção *ao pai* – “o tesouro enterrado no meio do Deserto de Atacama”, como metaforicamente a ele se refere (mais explicitamente) na entrevista individual. Depois dessa viagem, “ficamos muito próximos”, diz ele. No espaço potencial do grupo

---

⁴⁵ Kaës diz (2005a: 41) que a função de *porta-voz* “é tecida por meio de atividades mímicas: os olhares e os sorrisos; os gritos e choros; os odores, o conjunto dos contatos, de sustentações e manutenções da mãe

fala de dois “tiros” que tiveram importância em sua vida. O primeiro deles, relacionado à viagem que empreendeu ao Atacama (Chile) na companhia do pai e com a ajuda de um guia local. Diz que essa viagem “mudou o rumo de minha vida... como o tiro que Che Guevara leva muda sua vida e a vida da América Latina” (refere-se a uma cena do filme *Diários de motocicleta*). Ralf fala do sentido da viagem: atravessar as fronteiras do conhecido e seguro, desenraizar-se, deixar-se penetrar pelos outros que falam em si. Como sintetiza Rozenberg (2004: 73)⁴⁶, depois de uma viagem realizada às aldeias de sua infância na Polônia:

Depois dessa viagem, não podia continuar sendo a mesma pessoa. Ou melhor, eu sentia agora que estava sendo mais eu. Esse retorno ao passado me possibilitou encarnar no meu presente e me deparar com o processo de vida, com as rupturas e continuidades, com as perdas e ganhos e com a sorte e o acaso de minha existência.

Ralf fala da “viagem” decisiva que empreende entre a situação fusional/indiferenciada de sua infância (“eu e minha irmã sempre comemoramos o aniversário juntos”) e “um outro mundo”, desconhecido, desafiador, que o pai e o “guru” do deserto podem lhe trazer: a saída da ilusão e completude da família (“esse negócio de família”, como diz aos colegas do grupo) e a busca da autonomia (“algo mudou em mim depois dessa viagem”). Pode dar continuidade a sua vida e desenvolver sua capacidade criativa ao ficar sozinho *com...* o pai, trabalhando como ator, ao lado de Paulo e do pesquisador *neste* grupo. E aceitando a função intermediária que este lhe designa em sua constituição.

Suas intervenções aparecem inicialmente no sentido de um “incentivo” para que, por exemplo, Lavínia e Clarinha “ludem por suas coisas”, até o desvelamento do

---

e do bebê”.

desenho de interiores (Lavínia) e daquilo que “parece *interior*” (Clarinha). Intervenções importantes, sobretudo para as duas, no sentido de favorecer um movimento de diferenciação e abertura ao outro, como se verá a seguir.

O outro “tiro” ao qual Ralf se refere e que transforma sua vida ocorre em uma peça do grupo X, como requisito para sua formatura na escola de teatro que frequenta. Na peça, um ator leva um “tiro” em cena e imediatamente abrem-se as janelas do teatro, aparecendo a cidade de São Paulo como fundo: a vida e o movimento em suas diferentes manifestações! As *idades invisíveis*, de Ítalo Calvino e... a comédia como expressão dionisíaca dessa diversidade, transformando o cotidiano.

Se a peça baseada na obra de Saramago demarca sua entrada no mundo do trabalho (a foto trazida é de uma cena da peça em que seu personagem volta a enxergar – “é até uma metáfora”, diz aos colegas), sua aproximação à trupe X atualiza mais concretamente o início também de sua singularização como sujeito, aqui por meio de seu trabalho de ator e na participação em e como grupo.

Pode sair do porto conhecido, experimentar o espaço entre pai e mãe; entre ele e a irmã; entre ele e Paulo; entre os homens e as mulheres..., “viagens” e “tiros” significativos, experiências intermediárias plásticas em um ir-e-vir que entreabrem possibilidades para o gesto transformador. No caso de Ralf, nesse momento por meio da comédia, num vaivém entre criador, ator e obra de arte: “há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar; deste para o brincar compartilhado; e deste para as experiências culturais” (WINNICOTT, 1975: 76).

---

⁴⁶ Marlene Rozenberg, “Memórias de uma viagem”, *Ide*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, nº 40: 72-74, nov. 2004.

Ralf conclui sua fala no grupo dizendo da importância do outro para viver (“precisamos dos outros... precisamos fazer”). Mais ainda, a constituição do espaço grupal favoreceu, a seu ver, “um outro olhar sobre algo que ficou esquecido há muito tempo... dá para me identificar com todas as histórias”. Nesse sentido, cada ser humano conteria em si objetos internos não-identificados, pontos cegos, desertos e cidades invisíveis, testemunhas de experiências sensoriais e emocionais vividas com os pais ou repassadas aos filhos e próximos (demais familiares; colegas de trabalho; vizinhos e participantes de diferentes configurações vinculares).

Os sentidos da vida com esse “outro olhar” residiriam talvez no constante movimento de transformação e de alargamento dos dispositivos psíquicos e culturais para tornar pensável o não-significado, o não-nomeado. Da crise à ruptura e superação (KAËS, 1979). Um “movimento reflexivo”, diz Ralf, com a participação, ação e criação de um grupo mediador. O dispositivo grupal torna-se, assim, um *théatron* que organiza uma cena na cena, lugar onde as janelas e as pálpebras “se entreabrem” (CALVINO, 1999: 96), como na peça da trupe X e em *Ensaio sobre a cegueira...* introduzindo outras possibilidades, espaços e narrativas. Assim, pode-se ver, sentir, agir: “precisamos fazer”, conclui Ralf no encerramento do encontro grupal.

* * * *

Paulo apóia-se em Ralf para se fazer presente ao grupo. Ele será seu intermediário privilegiado durante boa parte da atividade. Um e outro se apóiam mutuamente na tentativa do reconhecimento, de um lugar que seja *seu*. Mas o “olhar” de Lavínia permite que pouco a pouco Ralf se descole do de Paulo e assumam a função fórica que o grupo lhe designa, com maior ou menor intensidade. Na busca de referentes, poderíamos dizer que uma ancoragem mútua também ocorre entre Clarinha e

Lavínia, o que é facilitado inicialmente pelo fato de se reencontrarem depois de quinze, dezesseis anos: “como vai você; e seu irmão; como vão seus pais?”

Ralf e Paulo; Clarinha e Lavínia *se* falam, no sentido de que um fala ao outro, transporta e sinaliza uma pré-palavra. “Encontra no outro, a palavra falada que lhe falta no momento em que está sem representação de palavra, atado à ameaça de ser invadido ou esvaziado pela angústia” (KAËS, 2005b: 124).

Em sua fala inicial, digamos na apresentação mais formal, Clarinha diz seu nome, o diminutivo pelo qual é chamada e... pára! Necessitaria talvez do aval mais incisivo dos demais, do convite de Ralf e de Paulo, os dois participantes homens do grupo ou do próprio coordenador para continuar seu desvelamento? Os movimentos de ligação, religamento e diferenciação que o grupo produz em sua constituição fazem pensar nesse sentido. A rede de sustentação, o envoltório grupal vai sendo entretecido aos poucos no espaço que une/separa os homens e mulheres do grupo.

No início da atividade em grupo, Lavínia e mais acentuadamente Ralf, conforme assinalamos, tornam-se interlocutores, favorecendo o início de um trabalho de continuidade e confiança. Clarinha fica à espera de um acolhimento mais incisivo por parte do grupo e do pesquisador, em especial, para sua *entrada* no grupo. Isso é feito momentos mais tarde quando o espaço intermediário de sustentação entre Paulo, Ralf e Lavínia se consolida um pouco mais.

Ralf termina sua apresentação (antes de mostrar as fotos) dizendo que “fazer só o que se gosta não dá!”. Em seguida, pergunta a Paulo: “o que você quer fazer?” Em resposta, este lhe diz interessar-se pela *gestão de esportes*, “reunir a galera, favorecer os encontros entre crianças e adolescentes”. Talvez Paulo retome aqui o movimento inicial

do grupo se constituindo e que necessitaria do apoio e da união fusionais, pois as forças de sustentação e de diferenciação ainda estão frágeis nesse momento grupal: “a estrutura é escassa”, diz. Paulo fala também de sua estrutura interna, de no momento a *gestão* de sua vida estar ancorada à de um outro, ao porto materno, conforme assinalamos.

Paulo fala da gestão de esportes e Clarinha reinicia sua *apresentação* (depois de aproximadamente vinte minutos aguardando, “à espera”, como dissemos) falando que para gerir sua vida “no ano passado fez capoeira... um esporte que não é só para jovem” (...) “para fazer o que se gosta tem que conquistar”⁴⁷. Diante da possibilidade do abandono e desamparo, da “distância” (sic), Paulo fala da necessidade de reunião dos jovens, da ancoragem na força, na gestão do outro. De sua parte, Clarinha sugere a busca de práticas mais individualizadas para, depois, conquistar a autonomia dos espaços *públicos* (“lá fora a divulgação é muito maior!”).

Se (ainda) nesse momento da criação do dispositivo grupal, Paulo e Clarinha buscam saídas individuais, calcadas no esforço, no fortalecimento das estruturas internas, Ralf por sua vez tece pontes, assume funções fóricas que o grupo lhe designa, entretecendo os vínculos eu-outro; conhecido-desconhecido; meu e não-meio; eu e não-eu... O relato de sua viagem ao Atacama e o desenvolvimento de seu percurso profissional mobilizam as forças construtivas do grupo no sentido de uma identificação de todos com todos: “precisamos dos outros... precisamos fazer”, finaliza ele.

Para Clarinha, essa identificação é importante: “você conquistou seu objetivo”, diz ela a Ralf, como se acrescentasse: “porque você trabalhou *com* o outro”. Paulo viaja a São Francisco do Sul, com dezenove anos, imaginando reencontrar suas origens... os

pais unidos, ele tendo terminado os estudos – uma viagem carregada de ilusão e completude, importante de qualquer forma, para tolerar e abrir um espaço interno para lidar com a realidade atual – “estruturas escassas”, figuras masculinas “difíceis”, duras... menos o avô materno, “o pai que eu não tive?” (diz na entrevista individual).

Ralf traz a Clarinha e aos demais componentes do grupo o relato de uma viagem ao Atacama que possibilitou “mudanças para minha vida”: (re)descobrir, aproximar-se do *pai*, singularizar-se, sair do lugar indiferenciado/fusional que mantinha dentro da família de origem, particularmente com sua irmã mais velha. Ao mesmo tempo, Ralf torna-se o porta-voz das forças que “abrem janelas e pálpebras” para o vasto mundo, via trabalho profissional. O que pode significar nesse momento: o encontro com *o pai*, com o guia local, com o pesquisador, com *este grupo*... “encontrar o outro que fala em si” (KAËS, 2005b: 44).

Essa identificação e busca de espaço continua na sequência com o convite feito pelo pesquisador: “e você, Clarinha?” Agora ela pode fazer sua 3ª *apresentação* ao grupo, mais forte e incisiva, por meio das fotos e narrativas. Começa falando da perda da mãe há cinco anos, da fragilidade do pai, do irmão distante no Canadá... e da necessidade de ser forte na vida e para conquistar seu espaço no grupo (“no ano passado fui fazer capoeira na roda... todo mundo acha que é só para jovem, mas não é”).

Clarinha fala de sua experiência de vida: está com trinta e três anos de idade, dos quais catorze fora da casa dos pais. A perda da mãe há cinco anos interrompe seu projeto de vida (profissional e afetivo). Há dois retorna à casa do pai para dele cuidar (“estou desempregada... faço mais papel de *mãe* do que de filha... acabo deixando

---

⁴⁷ A capoeira é uma luta, uma prática inicialmente de “resistência”, ligada aos negros bantos vindos de Angola e que até o começo do século XX sofreu perseguição do poder oficial. É um esporte individual em

minha vida de lado”). Se Clarinha vive a experiência de ser um *grupo* dividido internamente,

... busca no grupo real a imagem de sua unidade perdida e a ancoragem necessária para superar o desamparo. Busca fora o que lhe falta dentro: a não-divisão, a permanência. É possível que encontre isso se o grupo estiver disposto a ser esse espaço transicional, a repor os mecanismos de regulação deteriorados, a proporcionar apoio e modelo a recursos não utilizados até o momento. (...) Assim, *esse tipo de grupos é espontaneamente terapêutico* (KAËS, 1979: 75-76. Grifos nossos).

Ralf viaja ao deserto para um encontro diferente com o pai (“agora estamos mais próximos”). Paulo vai a São Francisco do Sul à busca de sua identidade catarinense (“meu pai me registrou como paulista, apesar de ter nascido lá. Não sei por quê!”): não se sente reconhecido pelo *pai*... e acaba voltando-se à mãe (“amiga sem intermediários”). Paulo pergunta-se: “meu avô seria um pouco o pai que eu não tive?” Ambos, Paulo e Ralf, falam de tentativas de reconhecimento e apropriação de seu lugar-no-mundo, mais definida na situação de Ralf. E Clarinha?

Encontra aos poucos no espaço potencial do grupo o reconhecimento e a desejada acolhida. Através da mediação de Ralf e Paulo (“... demonstra mais”), o dispositivo grupal favorece um trabalho de construção, ao trazer as falas e as experiências vividas, talvez não identificadas ou nomeadas. São perdas recentes, a fragilidade do pai... e a forte acolhida que os pais adotivos dão a Clarinha aos quatro, cinco anos de idade e a seu irmão mais novo, mas que chegara um ano antes (“cresci próxima a meus pais”; “meus pais têm importância muito grande na minha vida e na de meu irmão”; “eles nunca esconderam de nós que somos filhos adotados”).

---

que seu praticante busca se proteger /defender do outro.

O choro ao falar de tais experiências possibilita ao grupo aproximar-se das fotos e da história de Clarinha e torná-la *sua* em um trabalho de co-criação. Respondendo a Paulo, Clarinha fala do irmão que mora no Canadá, de quem está mais próximo depois que ele foi morar no exterior: “essa foto foi tirada na frente de minha casa... antes era uma chácara”. E Ralf: “... parece *interior*”, desvelando talvez que o espaço intermediário do grupo, como metáfora, se constituiu como espaço entre-dois, lugar da intimidade, rede que *transporta* o interior e o exterior; o meu e o não-meu; presente e passado. Kaës afirma (2005a: 50):

Os grupos de mediação possibilitam a criação de sintomas que, ao serem situados, podem ser nomeados, reapropriados e reconhecidos, a partir dos conflitos que os organizam... É um processo narrativo que encadeia cenas, ações, personagens, um início e um fim, peripécias e transformações.

Clarinha fala do peso, responsabilidade e preocupação que assumiu com a morte da mãe e ante a fragilidade do pai (“sou mais *mãe* do que filha dele”) e, nesse sentido, não pode desfrutar o reconhecimento como *filha* e como alguém que tem vida própria com o namorado (“tenho duas responsabilidades ao mesmo tempo”). Dá-se o encadeamento de cenas, ações e personagens que solicitam nomeação, reconhecimento e apropriação.

E o grupo, por meio do assinalamento de Ralf (complementando o de Paulo), revela que nesse momento o dispositivo grupal é um espaço de compartilhamento da “*gratidão*”, mais do que “do respeito, obrigação, responsabilidade” (sic)... e dos lutos e perdas, “à espera de um milagre” (título da história construída no grupo por Clarinha)⁴⁸.

---

⁴⁸ Clarinha faz referência ao filme *À espera de um milagre* (The green mile, 1999), direção de Frank Darabont. *Green mile* é o corredor de chão verde que leva os presos de suas celas até a cadeira elétrica. O filme fala da história de um guarda da prisão (Tom Hanks) que desenvolve um relacionamento mais próximo com um preso (Michael Duncan) que possui um dom ao mesmo tempo mágico e acolhedor. Uma

Algo mágico, que possibilitasse uma reviravolta na trajetória de sua vida. Nesse sentido, o “milagre” aguardado está próximo de sua história, quando da entrevista individual: “Família Albuquerque Pellegrini”, uma referência ao numeroso grupo familiar que se reunia (algumas vezes ao ano) para comemorar a força, união e alegria do encontro ou do reencontro...

** * **

“Todo mundo olhou para você”, diz Lavínia dirigindo-se a Ralf. Existe um olhar que designa, que busca reconhecimento mútuo. Gestos, olhares e entreditos formam um conjunto partilhado por todos que, mesmo sem ser nomeado, perpassa e participa do trabalho grupal desde seu início. Algo como: “Ralf, você vai à frente nessa travessia da incerteza. Aceita?” Conforme assinalamos, Ralf entretece pontes, brinca com sua história e com as fotos dos demais, coloca-se como porta-palavra desse novo/desconhecido que se anuncia, à medida que o dispositivo grupal é construído *in statu nascendi*.

Paulo, Ralf, Clarinha e Lavínia ancoram-se mutuamente possibilitando a tessitura de um espaço intermediário, “onde pôr o que encontramos” e criamos. Se o olhar de Lavínia confirma o de Ralf, a situação complementar também se estabelece: sua experiência também pode ser *comemorada*, recordada *com* – colocada no fluxo da vida: “quero fazer *design* de interiores e fotografia. (...) Dar o primeiro passo. Lutar pelo meu sonho”. Sua fala é acolhida com as marcas da continuidade, a infância se insinua no presente ao lembrar dos amigos e conhecidos comuns, eventos se sobrepõem ou se articulam... como a vida. O que lembra a pontuação que Guimarães Rosa faz, na fala do

---

das mensagens que o filme levanta falaria da possibilidade *milagrosa*, onipotente, de transformar os conflitos e dificuldades da vida.

narrador, em *Grandes sertões: veredas* (1972: 108; 119): “o senhor me organiza. (...) Com o senhor me ouvindo, eu deponho. Conto”.

Na seqüência, ao apresentar suas fotos, Lavínia expõe seu “sonho” (sic): ter (novamente) a família toda reunida (pais, tio, o afilhado de 10 anos e um monte de amigos)... como na infância. Diz ela: “como se isso estivesse dentro da gente... como se o tempo tivesse parado e fosse um eterno presente. (...) Agora isso é muito difícil porque todo mundo se separou”. Lavínia enfatiza os espaços bons da infância e começos da adolescência. Formações intermediárias importantes nas quais o brincar e o convívio grupal se mostram entrelaçados. Ao se reencontrar com Clarinha e Angélica neste grupo pode desfrutar o bem-estar propiciado e presentificar aquilo que é vivido angustiadamente: “meus pais se separaram... meu tio, pai de meu afilhado também... O mesmo aconteceu comigo. (...) *Isso é muito difícil porque todo mundo se separou... E você acaba ficando sozinha*”.

Na adolescência, ocorrem mudanças significativas na relação sujeito e espaço trazendo novas formas de articulação dos laços sociais. “Essa passagem se converte em mobilizador de profundas angústias que os rituais têm por função reduzir e orientar em direção à apropriação do estado adulto. (...) Implica no retorno e recurso a situações antigas, à reorganização das identificações” (KAËS, 1979: 29).

Diante do desamparo e na convivência com a precariedade dos grupos *intermediários*, de passagem – ligação e ruptura -- (famílias; colegas de trabalho; relacionamentos esporádicos), Lavínia identifica-se fusionalmente com o primo de dez anos, seu afilhado (“eu o adoro... ele *também* é grudado em mim”). Através do sofrimento do primo e da separação do tio, pode falar da separação de seus pais e da

própria: “meu tio sofre muito, teve depressão, não pode ver o filho... ele é meu segundo pai”.

O dispositivo grupal pode tornar-se, pois, espaço de acolhimento de uma solidão compartilhada (“reencontrando gente que não via há muito tempo... vai passando, vai lembrando”). Mas o compartilhamento e a elaboração de tais experiências são realizados parcialmente, eles expressariam nesse momento sobretudo a necessidade de reunir e organizar nela o que foi vivido antes como bem-estar (presença dos pais e amigos; infância marcada pelo brincar criativo). Parece não existir no grupo – e nem era o objetivo da presente pesquisa --, espaço para acolhimento e ressignificação do vivido como doloroso, abrupto, como os diferentes lutos e *separações*. Experiências que latejam intensamente.

Talvez ao escutar relatos de diferentes processos do desilusionamento eu-outro – Paulo, Ralf, Clarinha e, por fim, Angélica --, possa começar o processo de *desgrudar*. Para Lavínia, crescer, desenvolver-se dependeria ainda da presença contínua de um outro significativo, de experiências intermediárias portadoras de forte acolhimento (“não tem que mudar... se não eu acho que não fica tão próximo”). É difícil para ela a convivência com a falta e incompletude, com o não-familiar. *Separar-se* é internalizado como catastrófico, trazendo perdas significativas ao si mesmo, a impossibilidade de se sustentar... A fala de Clarinha a respeito de sua relação com o irmão, depois que este foi morar no Canadá, pode sinalizar algo novo: “às vezes, a separação permite o encontro!”

Ao construir sua história no trabalho individual, Lavínia deu o título: *Amigos verdadeiros: uma grande família*. Existiria aqui uma ambigüidade: os amigos verdadeiros formam uma grande família ou, ao contrário, é a grande família que são os

verdadeiros amigos? De qualquer forma, o referencial mais forte continua sendo o modelo familiar (dos pais da infância). Talvez essa seja uma impossibilidade de avançar que sustenta um *lugar* nostálgico que prende seu olhar ao passado, limitando a abertura ao novo. Ou essa ambigüidade é própria dos momentos de *passagem*, das experiências de transicionalidade – de resto, bastante presentes e enfatizadas pelos participantes da pesquisa.

Seu relato passa pelo desafio de cruzar as fronteiras do conhecido e familiar, por idas e vindas, pela *viagem*: São Francisco do Sul (Paulo); deserto do Atacama (Ralf); retorno à casa paterna, após a perda da mãe (Clarinha); volta à casa paterna após o fim de seu casamento (Lavínia); ida à Europa com os irmãos e pais e, anos mais tarde, à República Tcheca, sozinha, “sem perspectiva, batendo cabeça” (Angélica) – deslocamentos, metáforas que se prestam a diferentes leituras. Cada um expressaria seu estar-no-mundo no espaço potencial do grupo compartilhando a transitoriedade das formas no presente, as ambigüidades, reviravoltas e incertezas do caminho (presença e ausência)... para *se encontrar*. Diz Morel (1990: 169):

Esse homem de viagens se recorta então como um ser da vida, um cidadão do mundo, mas não esqueçamos, por outro lado, que *se trata de romper ligações, de se separar do conhecido*, de deixar atrás de si um mundo de pertinências. (...) O exílio é, então, de ordem psíquica e supõe que *o sujeito suporta se distinguir dos outros* e viver uma certa solidão de pensamento. (Grifo nosso.)

Viver a experiência da ruptura na continuidade, “separar-se do conhecido..., suportar se distinguir dos outros” (MOREL) são experiências que Lavínia pode começar a construir ao se aproximar e conhecer as experiências de exílio e separação trazidas pelos demais. Sua solidão e desamparo encontram abrigo no espaço grupal (“gostaria de fazer isso também, pegar meus amigos... sem os amigos você acaba ficando sozinha”),

na perspectiva de iniciar lentamente o *desgrude* eu-outro... com a ancoragem de figuras masculinas significativas – um “segundo pai”, como diz.

** * **

As experiências intermediárias que acontecem à medida que o dispositivo grupal se constitui funcionam como uma instância de passagem, ou seja, como espaço potencial de ruptura e de continuidade; transformação e permanência... Esse trabalho passa pelo reconhecimento e busca de situações idealizadas, espaços de ilusão e completude – “dá para eu me identificar com todas as histórias” (Ralf) --, experiências necessárias em um primeiro momento para a criação de lugares de ancoragem, lugares de escuta.

Em seguida, pode intervir o trabalho de desilusionamento, como condição para iniciar um caminho de transformação e autonomia pessoal. Trata-se de um trabalho atento de articulação e conciliação entre o já e o ainda não; eu e não-eu; dentro e fora; presente e passado... vida e morte.

Angélica, quando da entrevista individual, é a primeira que se “apressa” (em suas palavras) a vir, a falar de si e apresentar suas fotos e narrativas. No espaço do grupo, apóia-se inicialmente em Lavínia e em Clarinha, aguardando sua vez: tempo de compreender, tempo de “comunicação silenciosa” (WINNICOTT, 1994: 201). Sua apresentação inicial (“formal”, a convite do pesquisador) fornece alguns indícios dessa elaboração e escuta, mais explicitados ao final da atividade em grupo: “trabalho em um *site* de arquitetura; não moro com meus pais há bastante tempo; fiz arquitetura fora de São Paulo; fiquei um ano e meio na República Tcheca...” Em poucas palavras, como se

dissesse: “estou *separada* dos meus pais; tenho condições de cuidar de mim mesma; corro riscos...”.

Durante as colocações dos demais participantes da pesquisa, Angélica intervém por duas vezes demonstrando interesse em se aproximar com cuidado e abertura em direção ao outro: “essa sua amiga está na foto?”, com Lavínia; “é o começo, né!”, incentivando Ralf a falar mais da apropriação de seu caminho...

A apresentação das fotos de Angélica ocorre por último, em seguida à dos demais: Paulo, Ralf, Clarinha e Lavínia... Essa seqüência ganha uma leitura interessante, pois, como assinalamos, formou-se inicialmente no grupo um espaço entre-dois, unindo/separando homens e mulheres. Pouco a pouco, com a mediação de uns e outros uma rede é estabelecida, criando um dispositivo grupal, lugar de escuta e de confiança. Espaço do familiar e conhecido... abrindo-se também à experiência do estranho e não-familiar.

Em suas quatro fotos, Angélica expressa, seja na escolha das imagens, seja em seu narrar, todo um trabalho de ampliação e de elaboração do vivido. É interessante o lugar que as fotos ocupam intermediando as experiências trazidas por ela no contato com o pesquisador e aquelas construídas no encontro com o grupo. Como formações intermediárias, as fotografias e narrativas trazem o que está longe para perto; carregam aquilo que está perto para longe. Nessa transicionalidade, pode se instaurar o novo, o gesto criativo nas fendas do cotidiano.

A primeira foto trazida por Angélica fala da constituição de um espaço entre-dois em sua família -- pai, mãe, dois irmãos mais velhos e ela -- com os preparativos, realização e desdobramentos de uma viagem à Europa no início da adolescência. Trata-

se de um trabalho de construção coletiva, com a mediação importante do pai: é ele que apresenta o novo e desconhecido; é ele que se coloca lado a lado sugerindo alternativas, despertando a curiosidade e... o brincar compartilhado. No relato de Angélica ao grupo, “uma viagem incrível... mochilão às costas, de albergue em albergue... visitando igrejas e museus, conhecendo diferentes países!”

O entusiasmo de Angélica ao narrar a experiência da viagem e seus desdobramentos no espaço-tempo familiar contagia os demais participantes, especialmente Ralf. Este pergunta, observa atentamente as fotos, faz comentários indicativos da fruição, do prazer de estar juntos, do compartilhar. Todos parecem desarmados, sentem-se em casa... desfrutando as peripécias de Angélica e sua família.

É a primeira vez no espaço potencial deste grupo que pai e mãe aparecem por meio das fotos e relatos trabalhando juntos, possibilitando o surgimento da terceira área, de experimentação. Antes, durante e depois da viagem existe o compartilhamento das dúvidas, medos e descobertas: o brincar de cada um se sobrepõe ao dos demais, constituindo um novo espaço intermediário que permite a saída do conhecido/familiar e o deslocamento ao distante e não-familiar, ao estrangeiro. Agora, no grupo, os participantes articulam suas experiências às dos demais, tornando-as pouco a pouco de todos e de cada um.

A experiência da viagem com a mediação de um outro significativo (pai/mãe) favorece, nesse sentido, o aparecimento da singularidade de cada membro do grupo familiar: “cada um pegava sua mala independentemente da idade... eu tinha que fazer a mala que eu pudesse carregar... você pode dividir quarto que vai valer a pena do mesmo jeito”. Na fala de Clarinha (“é, sim! Tem mesmo!”) e na de Lavínia (“Você aprende até mais”), a indicação de que o mesmo processo de identificação e integração singular é

trazido para a experiência *no* grupo, encontrando ressonâncias no processo de diferenciação de cada integrante. Como assinala Kaës (2005a: 197): “a palavra pode circular, à medida que é possível reconhecer-se no outro e em que se é reconhecido pelo outro como partilhando da mesma experiência”.

Em sua segunda foto, Angélica continua falando de suas buscas, da saída da casa da infância (“há muito tempo que não moro com meus pais”, diz em sua apresentação inicial). Na primeira foto, refere-se à viagem ao “estrangeiro” na companhia dos pais e irmãos. Agora fala de seu momento de *separação* da família que se inicia com a entrada na faculdade: deixa o espaço privado em direção ao público (a faculdade, novas pessoas, o mundo do trabalho...). Sair da *añoranza* (como a denomina na entrevista individual), da nostalgia da infância e da família de origem...

Esse tema do *deslocamento*, da presença e esvaziamento das formações intermediárias, continua na seqüência. Angélica refere-se a uma foto que mostra uma passagem de nível na via férrea próxima à sua casa (a foto é de 2000, 2001, não se recorda mais precisamente). Houve uma mudança significativa, uma “mudança no olhar”, como diz. Antes o trem passava; pouco a pouco os barracos e casas de alvenaria tomaram conta da via férrea... Houve um estreitamento dos espaços (“uma involução”, como assinalara na entrevista individual). “Foi quando descobri esse gosto pelo interstício da cidade”, conclui.

Pode-se pensar em seu trabalho de elaboração e de integração de experiências transicionais, uma presença/ausência: a saída da infância; o estreitamento e ultrapassagem do mundo doméstico/familiar que se tornou repetitivo, pobre, em direção às possibilidades a serem conquistadas na cidade: olhar para os “interstícios”, como diz. *Interstícios*, intervalos que trazem perspectivas de transformação que ecoam no campo

grupal -- um “movimento reflexivo” (fala de Ralf); experiências intermediárias que conectam dentro e fora, privado e público... a passagem do tempo (“não moro com meus pais há muito tempo!”)... o luto pelos pais da infância e a entrada no mundo do trabalho, dos novos vínculos socioafetivos.

Angélica partilha a experiência comunitária vivida em uma *república* de Ouro Preto, onde cursou Arquitetura (3ª foto). Existe uma quebra das vivências da infância e início da adolescência, “quando o pai parava o carro na ida (ou volta) da escola... para que o trem passasse!”. Ocorre inicialmente certo mal-estar e estranhamento. Encontra-se sozinha com o não-familiar (“descobrir os interstícios da cidade, o que está em volta... as pessoas da faculdade não tinham nada a ver comigo; pensei em desistir... Descobri novos colegas e suas famílias que me adotaram”). Em seu caminho de diferenciação, Angélica encontra grupos de referência que ampliam o aconchego e continuidade do conhecido e familiar... Como outros tantos universitários, percebe-se estranha/estrangeira, pode encontrar o familiar no estranho e, assim, ser *adotada*, deslocar-se a novos lugares “onde colocar o que encontrou”.

Finalizando sua apresentação, Angélica traz a foto de uma pichação com um gato, primeira foto que Ingrid tirara, “a amiga da Alemanha Oriental que me acolheu no ano e meio que fiquei em Praga... ano importantíssimo para mim. Ingrid também estava sozinha”. Ela se encontra em terra estrangeira (“sem perspectiva, batendo cabeça”) mas após o encontro com Ingrid está sozinha *com*, “descobrimo Praga e a República Tcheca... a gente cresceu muito juntas”. É construída a experiência de olhar/descobrir o mundo com outros ângulos e significados.

Ingrid, como duplo, torna-se uma presença feminina que ancora, que favorece a criação de espaços potenciais de experimentação, o reconhecimento do estrangeiro, do

não-familiar. Trata-se de mutualidades em interlocução que possibilitam o traduzir-se, o desvelamento de suas singularidades: “a cultura dela e a minha no Brasil eram muito diferentes”.

Ao narrar experiências partilhadas com Ingrid, Angélica fala de uma viagem ao sul da República Tcheca e do encontro importante entre ela, Ingrid e o rabino (chileno) de uma sinagoga situada no caminho. A criação, tradução e intercâmbio⁴⁹ da singularidade de cada um: alemão/judeu; alemão/chileno; “sou brasileira/sou alemã”; “o que é ser judeu; para Ingrid, no passado, ter fé no comunismo; atualmente fazer meditação e ioga”. A presença acolhedora e a escuta do rabino possibilitam a Angélica/Ingrid buscar sentido(s) para sua história: “estou à procura do que me preenche, do que me satisfaz”.

Isso significou para ambas olhar o mundo e seus instantes, desvelar silêncios, ruídos e segredos, tornar-se experiência em uma sinagoga (*synagogé* = em grego, lugar de reunião, de compartilhamento). Angélica pode transitar entre a tradição herdada e aquilo que descobriu no caminho que vai de “Praga ao sul da República Tcheca”, nos diferentes espaços entre-dois: separação da casa dos pais; casa da infância/adolescência; cidade de São Paulo/arquitetura-Ouro Preto; República Tcheca/Brasil; a vida com o namorado; *este* grupo...

Os participantes do grupo falam de diferentes experiências intermediárias: “ir em busca de si mesmo” (Angélica); “experiência, cada um tem uma: é uma mais diferente que a outra... reencontrando gente” (Lavínia); “todo mundo se encontrando na foto do outro” (Clarinha); “... se encontrando e encontrando as outras pessoas” (Paulo);

---

⁴⁹ Ingrid participava de um programa de intercâmbio na República Tcheca. Trabalhara antes com tradução na Alemanha.

“todo mundo falou de família” (Ralf). Nas viagens e travessias de Angélica, todos vivem as próprias. Como ela diz em sua apresentação: “descobrir os interstícios da cidade..., aquilo que me preenche”. Espaços de singularização e diferenciação, ressignificando o cotidiano. Porta-vozes “do mais pessoal, do mais próximo” (Angélica), em presença de um outro tornado significativo (o rabino, o pesquisador e o próprio grupo).

“Um lugar onde pôr o que encontramos”

Esta pesquisa considera as narrativas, fotografias e o grupo como mediadores transicionais, formações culturais intermediárias que ocorrem em um espaço/tempo entre-dois, conforme assinalamos. Como isso se apresenta em relação a cada um dos entrevistados? E em relação ao grupo?

É possível dizer que a criação de um dispositivo inicial de acolhimento por parte do pesquisador (espaço calmo do consultório; colocação dos objetivos da pesquisa e do Termo de Consentimento; *escuta* atenta das fotos e narrativas – sentado no chão, fazendo anotações rápidas ou pequenas intervenções para melhor compreender o que estava sendo dito e apresentado...) favoreceu um encontro marcado por diferentes significados ao vivido trazido pelos entrevistados.

Cada um deles teve algumas semanas (e até meses, no caso de Maurício Luiz) para escolher quatro fotos com “a sensação de encontrar nelas algo de si mesmo, de sua história”. Um tempo para compreender, um tempo de *escuta* associado a diferentes experiências de continuidade e ruptura. Ao mexer nos álbuns e gavetas, cada sujeito pôde evocar e rememorar acontecimentos, reencontrar pessoas ou partes de si mesmo

(infância, adolescência, alegrias, tristezas, medos, angústias...), desvelar o estranho-familiar e talvez apropriar-se de sua história. Isso é desvelado pouco a pouco na apresentação das fotos e construção das narrativas, quando das entrevistas individuais e com desdobramentos intensos no espaço do grupo, à medida que este foi entretecido pelo trabalho articulador, inicialmente de Paulo e, na sequência, de Ralf, Lavínia e Clarinha.

O tempo transcorrido entre os primeiros contatos e as entrevistas realizadas individualmente (e, posteriormente no grupo) foram marcados pela curiosidade própria da viagem e da descoberta, do entrejogo dos parceiros envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa (namorado/a, irmãos, amigos ou colegas de trabalho), em alguns casos com direito a buscas na casa da mãe e do pai. Pontes foram criadas, novos contatos retomados com a mediação das fotos, o que se destaca mais na situação grupal, como assinalamos. Nesta, a presença de um enquadre diferenciado, do humor e da ilusão compartilhada transformaram as situações vividas em experiências *comuns*, favorecendo sua apropriação, como se percebe nas associações feitas ao final por eles (“todo mundo se encontrando na foto do outro..., encontrando outras pessoas”).

No grupo de pesquisa se inicia uma *viagem* do conhecido ao desconhecido. Cada um à sua maneira e com os recursos de que dispõe narra seu caminhar, articulando e tecendo seu *gabbah* e o do grupo. Angélica, a última a se apresentar, por meio de sua escuta silenciosa e participativa, recolhe ao longo da atividade grupal alguns fragmentos de vida dos demais (relatos familiares; rotinas da infância e adolescência; processos de separação ou ruptura, transformações no tempo-espço), ampliando-os e trazendo outras versões e significados à sua história e à dos outros participantes.

O encontro com o rabino chileno em uma sinagoga torna-se um indicador importante da construção de sua singularidade, da apropriação da diferença no espaço entre-dois do grupo. Como porta-palavra, Angélica assinala as contribuições que o trabalho grupal trouxe para ela e também para os demais. Kaës (2005a: 246) parece se referir a isso quando diz que “um grupo de troca é um grupo onde *se pode falar daquilo que se troca*. São grupos de palavra”. (Grifo nosso.)

Se destacamos a leitura do percurso de Angélica, é para exemplificar como a criação de um dispositivo diferenciado e o uso de mediadores transicionais favoreceu a ampliação da experiência, particularmente à medida que o grupo se constituiu. Criou-se um espaço comum em parte encontrado e em parte criado, trazendo outras vozes, imagens, memórias e conhecimentos com o surgimento de novas combinações simbólicas. Isso também se revela quando da apresentação das fotos e narrativas por parte de Ralf.

Este (re)cria na situação da pesquisa diferentes cenários, acontecimentos e sensações de sua vida. Tanto na situação da entrevista individual como no espaço grupal reelabora, particularmente por meio da metáfora da *viagem*, o encontro com o pai e com o mecânico José (“vontade de viver novamente esse momento”) e sua busca de autonomia no trabalho como ator, desvelando medos, descobertas e sonhos.

A experiência construída em grupo torna-se um “trabalho reflexivo” (como a denomina). Uma rede de sustentação é ampliada. Ralf explicita por meio de suas fotos e da narrativa aquilo é estranho e não-familiar, a travessia do deserto possibilitando que o narrar de um se torne história *comum*. Nesse sentido, o grupo é importante como organizador de acontecimentos da palavra (e da comunicação silenciosa). É isso, como diz Winnicott, que permite a cada um *ficar só*, pois se construiu a garantia de *estar com*.

O tesouro encontrado por Ralf (e pelos demais participantes, em maior ou menor intensidade) é o registro interno dos encontros, como assinalam no final do trabalho em grupo. Nesse sentido, uma das leituras possíveis de *O ensaio sobre a cegueira* (Saramago) que marca o início da trajetória profissional de Ralf, -- em um certo sentido uma metáfora do trabalho realizado nesta pesquisa --, é a de um discurso sobre a solidariedade e o encontro nos espaços intermediários, como aquilo que garante a sobrevivência em tempos de apagamento dos laços sociais, como ocorre na contemporaneidade.

Como se configura a situação de Clarinha? No decorrer do trabalho individual com o pesquisador, ela usa as fotos e narrativas para destacar um modelo idealizado de relacionamento familiar (“Família Albuquerque Pellegrini”). Com a morte da mãe, tal modelo é posto em risco e explicitada sua precariedade. No espaço potencial do grupo, parece dar-se conta mais intensamente de que sua volta forçada à casa de origem (“para cuidar do pai”), entreabre espaços para iniciar uma vida própria, percebendo-se *mulher*, não mais só uma filha “à espera de um milagre” (título de sua história), talvez uma referência à adoção aos quatro, cinco anos de idade.

Trata-se de um trabalho em gestação, despertado por meio das falas de Ralf e, em menor medida de Paulo, significativamente as figuras masculinas entre os participantes do grupo. É de se perguntar o que tais experiências intermediárias reavivam em termos das separações ou acontecimentos anteriores à própria adoção... Parece existir em seu dar-se a ver, nessa presentificação de suas fotos e narrativas, um movimento por parte de Clarinha no sentido de ressignificação do vivido (“... ir em frente, porque nunca é tarde”, como reconhece ao final do trabalho).

Os espaços entre-dois encontrados/criados permitiram acolher o conhecido e familiar de cada um dos participantes, confrontando-o, aos poucos, com o indiferenciado, fragmentado ou estranhamente inquietante. Nesse sentido, pode-se dizer que as fotos e narrativas suscitadas por elas presentificaram e intensificaram um trabalho de articulação e integração de experiências. Tal processo fica mais explícito no caminhar de Angélica, Ralf e Clarinha no decorrer dos encontros havidos.

Paulo, de sua parte, utiliza as fotos, narrativas e espaços potenciais criados pela situação de pesquisa para ali encontrar “o que não pôde viver”; ou para reviver “coisas que não voltam mais” (sic). Busca identificar-se com as experiências trazidas pelos demais, faz aproximações com as suas (“se encontrando e encontrando as outras pessoas”, diz).

Pode-se pensar que a insegurança dos laços fragmentários e a incerteza quanto ao futuro, características próprias da contemporaneidade, lançam Paulo (e em certa medida os demais participantes) numa volta nostálgica ao passado. As fotos e os encadeamentos associativos suscitados por elas permitem a cada integrante do grupo reconhecer no outro o que ele não tem. Assim, “encontrar-se”, “ir em busca de si mesmo”, como afirmam respectivamente Paulo e Angélica, significa para eles (e também para os demais) revisitar as origens na busca solidária de um sentido: paradoxos da temporalidade psíquica que um trabalho continuado desdobraria mais intensamente em outros espaços intermediários (por exemplo, grupos de análise transicional de maior duração), face aos objetivos mais pontuais e delimitados assumidos nesta pesquisa.

Todos os participantes trazem histórias de famílias nas quais convivem de modo ambíguo um ideal imaginário de relações estáveis e reasseguradoras e aquilo que

é vivido na pós-modernidade/hipermodernidade -- a dispersão e precariedade dos laços sociais. Impõe-se um duplo constrangimento: é colocada a proibição de ser e agir “como nossos pais” e se diz, paradoxalmente, que o ideal seria acompanhar tal modelo ou jeito de viver. Permanece nos sujeitos entrevistados uma idéia de “família estruturada feliz”, quando seu cotidiano apresenta configurações familiares “em desordem” (ROUDINESCO, 2003)⁵⁰ a serem continuamente reinventadas, com novas significações.

Quando Lavínia afirma (e também Clarinha, com outras palavras) que “todo mundo se separou... foi embora, *antes não era assim*”, torna-se porta-voz do colapso de modelos institucionais idealizados. Ao mesmo tempo, o uso que Lavínia faz do dispositivo grupal encontrado/criado com a mediação das fotos e narrativas, fala das possibilidades de se sentir contida, reassegurada, como em sua infância e início da adolescência.

Os comentários feitos no final do trabalho indicam que o dispositivo grupal favoreceu condições para que Lavínia examinasse algumas respostas para sua vida, novas semantizações em um espaço protegido. Nesse sentido, foram importantes para ela o reencontro de alguns participantes com os quais brincara em sua infância e início da adolescência (Clarinha e Angélica) e o trabalho de mediação exercido por Ralf, Paulo e Angélica, no assinalamento de relações *grudadas* (sic) ao outro e das perspectivas para desenvolver um caminho próprio. Travessias que a levariam talvez a uma elaboração mais ampla e contínua, em outros contextos diferenciados (acompanhamento psicoterápico, por exemplo), como desdobramentos a esta pesquisa?

---

⁵⁰ Elisabeth Roudinesco, *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Como tais ressonâncias e desdobramentos se afiguram para Maurício Luiz? Este não comparece ao grupo, apesar de ter dito que viria e sua cadeira permanece presente, mediando o espaço entre homens e mulheres. Que lugares e cargas são recebidos, ligados/desligados pelo grupo no decorrer do trabalho? Lugares ou cargas com os quais ele se identificaria estando ausente/presente?

Pouco antes de sair da entrevista, Maurício Luiz diz: “aquela foto de que eu me lembrei logo de cara quando você me ligou, depois achei melhor deixá-la guardada lá em casa”. Ele cria uma possibilidade de falar com o entrevistador de sua falta de lugar (“estar sem chão”), de sua não-presença (“às vezes, me esqueço, fico sem comer...”), na esperança de se sentir esperado. Há que buscá-lo e descobri-lo? Sua ausência no grupo parece confirmar isso, pois ocorre um entrecruzamento de forças, ancorado em um mesmo processo: a presença da cadeira vazia unindo/separando homens e mulheres.

Ausência e presença; afastamento e interação; dentro e fora --, lugares de intermediação que possivelmente trariam para Maurício Luiz a oportunidade de aproximar seus pontos de vista com o outro, no espaço potencial do grupo. Mas a intensidade de seu desamparo tornada explícita na entrevista individual marca a necessidade de um dispositivo continente específico a escutar e nomear as vicissitudes de seu desenvolvimento afetivo-emocional (a exemplo do que ocorreu na situação da entrevista mais individualizada com o pesquisador). Vir ao grupo poderia talvez significar para Maurício Luiz a reedição de vivências de intrusão ambiental, do “mergulho” (como diz na entrevista individual) na fragilização e crise das formações intermediárias (separação dos pais; distanciamento e apagar da figura paterna; ruptura nas relações afetivas).

Ao sair da entrevista com o pesquisador, Maurício Luiz diz que “o mergulho nas fotos” (sic) desvelou aspectos importantes seus: “eu não apareço em nenhuma das fotos!” – como a presentificar seu desamparo e a precariedade dos laços que estabelece, e iniciando um caminho de separação de seus objetos.

As formações intermediárias desveladas na entrevista inicial com o pesquisador (relação com o pai; os avós maternos; cursos universitários realizados; trabalho na Ong; relação com Kathy e o casamento; e... com este grupo de pesquisa) atualizam experiências de crise e ruptura, carregam “excessos” e “desequilíbrios” (sic), são portadoras de forte ameaça. Vive colado ao outro (“as fotos me acompanham pelas diferentes casas onde morei”; “uma das fotos que pensei em trazer, depois preferi deixá-la guardada lá *em casa*”), utilizando o trabalho na escola como prótese importante em sua constituição intersubjetiva.

É possível que sua ausência do grupo traduza certa explicitação da separação eu-outro, um início dessa ruptura. Na relação com o pesquisador, Maurício Luiz pode concretizar mais intensamente a busca por maior autonomia. Pode começar a falar de seu vazio/ausência, das “pedras às vezes pontudas, às vezes redondas” (título que dá à sua narrativa) que atravessam seu caminho. Pode falar a um outro de uma presença: “eu sou!”.

E Paulo? Este inicia sua fala no grupo e Angélica “fecha” o trabalho com o tema do exílio, do desamparo, da estranheza diante do desconhecido e não-familiar, do sofrimento da separação/individuação..., lutos e perdas, do duplo que nos habita. Tal escuta e desvelamento podem ser realizados na presença ou com a ajuda de um interlocutor qualificado, um *rabino* (Angélica) ou um grupo?

Paulo fala de uma viagem às suas origens em companhia dos amigos, mas eles não compreendem o que nele se passa. Vive a experiência sozinho, por isso chora, por isso dói... Angélica, por sua vez, compartilha no grupo os exílios, desamparos e experiências de fronteira – seus e dos demais, Ingrid, incluída.

A mãe como porta-palavra leva o bebê a participar do discurso de mais-de-um-outro, a uma comunidade de diferentes vozes. Como a mãe, Paulo, Angélica, Maurício Luiz e os demais integrantes da pesquisa por meio da criação/descoberta das fotos, narrativas e diferentes falas tornam-se também *porta-palavras*: falam de si, para si e pelos demais... O desenvolvimento de um trabalho grupal com mais encontros ou mais horas de duração certamente intensificaria as possibilidades de desvelamento e transformação dessas experiências trazidas, com novos significados e perspectivas.

Um último comentário sobre o *lugar* ocupado pelo pesquisador, na situação da entrevista e da grupal. Parece-me ter sido o de favorecer a emergência de uma palavra com a qual cada sujeito pudesse se reconhecer, sobretudo a partir da escuta das formações intermediárias apresentadas nas fotos e narrativas. Fazer ouvir essas palavras plurais, tornando-se ele próprio e o dispositivo grupal constituído interlocutores privilegiados de experiências de continuidade, ruptura e transformação. Articulando e integrando transicionalmente *sympállein* e *diabállein*, experiências culturais intermediárias.

8 *Considerações finais*

Fotografias e narrativas como *leituras* do mundo oferecem modos compreensivos de apreender e construir experiências, uma forma de desvelá-las, transformá-las em “carne viva”, preche de sentido(s). Aquilo que as fotos entredizem pode ser revelado de diversas maneiras. São transformações no tempo, deslocando através do olhar e do trabalho da memória fragmentos de relações sociais e formações intermediárias (a tensão entre passado e presente; continuidade e ruptura; imagens e pessoas; formas de ligação e de desligamento; processos de reflexão; vida e morte).

O mesmo ocorre na narrativa: ser ampliada e desdobrada mil e uma noites ou intergeracionalmente, em uma mobilidade constante, interligando autor e leitor; eu e outro; eu e grupo; eu e as gerações que me antecederam ou que me sucedem... Como se viu, o importante não é tanto a foto ou a narrativa suscitada por ela, antes o uso que se faz de ambas em diferentes *lugares* criados, de acordo com aquilo que lhes é “próprio” (CERTEAU, 1996: 202). Nesses espaços de compartilhamento, o cotidiano é continuamente reinventado, novas cenas e histórias são lembradas e desveladas, preenchidas de cores, cheiros, sensações, transformando-as em arte, escrita, sonhos, palavras, imagens e relações que se espriam no tecido social.

Assim, com o surgimento de diferentes espaços entre-dois e as formações intermediárias que os constituem – fotógrafo/fotografado(s); narrador/interlocutores; sujeito/grupo; sujeito da pesquisa/pesquisador; dimensão intersubjetiva/dimensão intrasubjetiva --, são criados/descobertos pontos de ancoragem, envoltórios, defesas e apoios compartilhados. Tais experiências marcadas pela transicionalidade se intensificam e se complexificam na situação de grupo, por meio das funções de encarregar-se/receber;

sustentar/dar suporte; transportar/transferir a um outro o emergente deslocado; conter/incorporar; representar/delegar... Funções assumidas pelos membros do grupo, pelo grupo como dispositivo e pelo próprio pesquisador.

Na pluralidade e diversidade de discursos presentes, tais funções permitem a passagem do conhecido ao desconhecido, da crise à superação. Com o uso de diferentes mediadores (no nosso caso, fotografias, narrativas, o dispositivo grupal criado...) é possível, pois, prolongar ou ressignificar as relações de continuidade da base de sustentação do ambiente, favorecendo sua elaboração em presença do coordenador.

Lugar de *encontro*. Ao final da pesquisa, esta é a nomeação partilhada pelos participantes. No entanto, é importante considerar que a escuta dos lutos e perdas ao longo da pesquisa ocorre apenas parcialmente – presentificação e acolhimento. Dispomos de poucos elementos sobre a história de cada sujeito e os encontros ocorreram com duração exígua (uma entrevista individual e um momento de trabalho grupal). Nesse sentido, as feridas e cicatrizes trazidas pelas experiências de ruptura e desilusionamentos abruptos ou precoces exigiriam uma elaboração passo a passo, criando “pontes” entre a fala e o sintoma, em um tempo/espço mais alargado que reunisse as cenas e acontecimentos significativos dos sujeitos envolvidos.

De qualquer forma, a realização de trabalhos de curta duração possibilita que os processos de elaboração intersubjetiva sejam estimulados intensa e rapidamente. Neste trabalho, com o uso de fotos, narrativas e do próprio dispositivo grupal criado é favorecido o reencontro e construção de referentes identificatórios. Por exemplo, na situação incerta de um frente a frente plural, objetos, conteúdos e continentes são presentificados com rapidez, dada a plasticidade das formações intermediárias e dos processos intersubjetivos que as sustentam.

A pluralidade de vozes presente no grupo recorda a função de ressonância do coro da tragédia grega, permitindo que os processos de continuidade, ruptura e transformação possam ser pensados, elaborados e compartilhados: “cada um se encontrando na história do outro” (Ralf) e “indo ao encontro de si mesmo” (Angélica).

Cada um dos participantes, à sua maneira e com os recursos de que dispõe – e especialmente a ancoragem e continência trazidos pelo dispositivo grupal –, busca dar sentido(s) a experiências e acontecimentos despertados pelas fotos e narrativas. Ao final do trabalho nos diferentes espaços entre-dois, os participantes falam da confirmação e da especularização das associações: “encontros... criar uma identidade entre as pessoas... um momento reflexivo”, diz Ralf.

Embora muitas conclusões possam se aplicar a todos, nota-se como ressonância àquilo que aparece em cada história um desejo de viver as separações e experiências de ruptura de outra forma, de buscar um caminho próprio... Em outras palavras, de iniciar o movimento de fazer a travessia entre o já e o ainda não, com olhares diferenciados... Viver a transicionalidade peculiar da geração que hoje está entre 25 e 35 anos – os participantes desta pesquisa –, os quais experimentam fortemente a ambigüidade dos tempos *modernos*. Ambigüidade que se revela na busca de outras configurações vinculares e, ao mesmo tempo, em um olhar dirigido a modelos de uma família estruturada e feliz, “como nossos pais”, como se observa neste trabalho.

Na construção de narrativas suscitadas pelas fotos, os participantes da pesquisa organizam e integram diferentes experiências culturais intermediárias em um movimento de idas e vindas, com a mediação da palavra, da imagem, dos acontecimentos olvidados..., pelos entreditos e não-ditos que tecem os encontros com o pesquisador e com o grupo. Os espaços entre-dois despertados pelas fotos, narrativas e

pelo próprio dispositivo grupal criado/encontrado desvelam diferentes situações de crise e ruptura, deixam à mostra a fragilidade dos laços sociais, dos grupos, instituições e redes de sustentação. Ao mesmo tempo, possibilitam que no encontro com o pesquisador e com o grupo, tais experiências possam ser pensadas e apropriadas com novo olhar ou a partir das perspectivas trazidas pelo outro.

O presente trabalho confirma as intuições de Benjamin em sua obra *O narrador*, de 1936 e a perspectiva transicional oferecida por Kaës (2005a/b) sobre as formações intermediárias. Nelas se ressalta a necessidade nos dias atuais de figuras e de redes sociais reasseguradoras de ancoragem e sustentação, como o enquadre e os dispositivos diferenciados construídos aqui. Também fica evidenciado na elaboração das narrativas e da polifonia de vozes presentes no grupo uma busca de novos referentes, uma abertura e busca de *pais* favorecedores dos processos de individuação e de autonomia. Assim, que redes de sustentação, que novos *gabbeh* podem ser entretecidos na contemporaneidade, se os existentes estão “em desordem” (ROUDINESCO, 2003), esgarçados e debilitados?

Como a própria Roudinesco afirma, outras configurações de ligação e desligamento, envoltórios continentes e dispositivos de acolhimento e travessia necessitam ser reinventados. A estruturação de lugares de *encontro*, como denominado por alguns dos participantes na presente pesquisa, pode ser um exemplo nesse sentido. Tais formações intermediárias tornam-se lugar de conversa e compartilhamento; espaço potencial a desvelar feridas e fraturas da vida; área transicional que leva ao surgimento do terceiro, entre o assumido e o não resolvido; dentro e fora; eu e não-eu; meu e não-meu..., o brincar e a realidade.

A continuidade e a intensidade dessas práticas transicionais passam “pela condição de Babel” (KAËS, 2005b: 345). Isso significa a convivência com a diversidade

e pluralidade de relações, a renúncia a uma palavra unificadora, causa de si mesma, o trânsito entre a margem da garantia e continuidade e o lançar-se a outras margens, diversas e desconhecidas em presença de um outro significativo (ou grupo). O que pode ocorrer em trabalhos de maior duração, nos quais os processos ligados à realidade corporal, à dimensão intrasubjetiva e às formações intersubjetivas são ampliados e desdobrados.

Trabalhos semelhantes aos realizados na presente pesquisa podem ser articulados no dia-a-dia das comunidades e instituições, com a organização de encontros individualizados ou de grupos temáticos (oficinas nos CAPS, UBS e Centros de Convivência; adolescentes nos processos de orientação vocacional; professores, psicólogos ou outros profissionais em cursos de especialização/formação didática; atividades em escolas e hospitais; organizações não-governamentais e instituições socioeducativas, como Sesc, Senac...).

Esses dispositivos reúnem número restrito de participantes em encontros com ou sem acento psicoterápico mais preciso, muitas vezes assinalados pelo caráter da “urgência subjetiva” (SELDES, 2004: 34). O que significa propiciar um espaço-tempo que inclua os fenômenos presentes em um dizer, transformando-os em demanda. Através da mediação de meios sensoriais (o sonoro, o gestual, recursos plásticos/expressivos) e objetos culturais pré-constituídos (contos, fotografias, obras artísticas, livros e filmes, por exemplo) são ativados e reanimados processos de natureza intersubjetiva de um modo bastante eficaz, como se viu no presente trabalho.

Freud em *Os instintos e suas vicissitudes*, de 1915, assinala (1996: 123) que a fertilidade das idéias está associada necessariamente a certa imprecisão em seu deixar-se ver: “não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo.

(...) o avanço do conhecimento não tolera qualquer rigidez”. Como diz Angélica, uma das participantes da pesquisa, faz-se necessário aventurar o olhar na direção dos espaços interfronteiras e dos diferentes “interstícios”. Abrir-se às incertezas da outra margem, percorrer os caminhos do não-familiar e estrangeiro.

Quando iniciamos nosso caminho, os referentes disponíveis eram indicadores tênues, “não imediatamente legíveis”, como assinala Bateson (1993: 22), na epígrafe inicial. Acompanhando a incerteza das viagens, interstícios e fronteiras, revelamos fotos e construímos alguns *gabbeh*. Depois fizemos *leituras* e recortes nos espaços de compartilhamento grupal com a interlocução de Paulo, Ralf, Clarinha, Lavínia, Angélica, Maurício Luiz. Juntos construímos dispositivos importantes para o trabalho comunitário e institucional com grupos. Temos agora “um lugar onde pôr o que *encontramos!*”

A criação desses dispositivos diferenciados permite como aqui que fotos, narrativas e os grupos tornem-se lugares do desvelamento de experiências intermediárias, pois estas com a mediação da palavra possibilitam o trânsito entre continuidade, ruptura e transformação, entretecendo os vínculos com diferentes significados para a vida dos sujeitos envolvidos. A elasticidade dos enquadres traz uma estabilidade às situações disruptivas. Cria-se um espaço transicional que estabelece um *ralentando* às ameaças e agonias que o momento impõe. Trata-se efetivamente de um trabalho que implica o psicanalista, trata-se de uma “psicanálise em ação” (NAPARSTEK, 2004: 74), porque opera no instante, ativa e intensamente favorecendo a ressignificação do vivido ou porque impede, por exemplo, que as situações traumáticas, de violência e catástrofe se cristalizem ou se espriem no tecido social.

Benjamin fala da agonia do narrar artesanal com a aceleração da hegemonia capitalista nos inícios do século XX: a experiência (= *Erfahrung*) perde seu valor fundante de fruição e de compartilhamento. Winnicott, por sua vez, refere-se à criação de áreas de *experimentação* entre ilusão e desilusão, entre eu e outro, entre o já e o ainda não... Nesse sentido, o grupo, conforme vimos, torna-se um lugar de experiências prévias à simbolização e da busca de autonomia. Ainda em relação ao grupo, Kaës propõe um trabalho a partir das formações intermediárias entre crise, ruptura e superação – tendo em vista uma troca e uma distribuição --, em uma multiplicidade de tempos, espaços, sentidos e vozes.

Entretendo as contribuições dos três autores citados, concretizamos neste nosso trabalho a possibilidade do acolhimento de outras metodologias articuladas a dispositivos diferenciados ao tratar das questões grupais e intersubjetivas respondendo às fortes e pertinentes demandas sociais dos novos tempos – diante do sofrimento, violência e das situações de catástrofe. Para isso, é necessário dar um passo em direção ao “analista cidadão, o analista que deixa de ser um estrangeiro em sua cidade” (NAPARSTEK, 2004: 74), em cada um dos lugares que ele ocupa, seja o hospital, a universidade, as instituições, as diferentes formações intermediárias.

Na incerteza e “interstícios” (Angélica) da viagem, a reinvenção do cotidiano... mil e uma noites! Como Ulisses e Penélope; Marco Polo e Kublai Khan; Édipo e Antígone em direção a Colono; Gregor Samsa e outros mais --, com algumas de suas imagens que acompanhamos aqui. Também as de Goya... e de Graciliano Ramos tecendo palavras que lembram o avô e seus cestos... Polifonia de vozes, multiplicidade de imagens, pequenos e grandes *gabbeh* despertados e reavivados nos encontros com os integrantes desta pesquisa.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Marie. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995. 439p.
- AMARAL, Mônica T. do. No entrelaçamento da crise da subjetividade contemporânea com a crise da psicanálise: o que a desmedida do amor passionai e o funcionamento-limite têm a dizer? Disponível em <<http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/archives/texte78.html>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2007.
- AMBROSIO, Fabiana F. Ser e fazer -- arte de papel: uma oficina inclusiva. *Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. 179p.
- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporânea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. 320 p.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2003. 111p. – (Coleção Travessia do Século).
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1993. 395p. (Série Humanitas)
- BARTHES. Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 185p.
- _____. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 284p.
- BATESON, Gregory. *Natureza e espírito: a unidade perfeita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. 235p.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 277p. (Série Obras Escolhidas, 3).
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 260p.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. (Obras escolhidas; v. 1)
- _____. Pequena história da fotografia. Em *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. (Obras escolhidas; v. 1)
- BIASOLI-ALVES, Zélia M.M. Questões metodológicas no estudo da interação humana. *Reunião Anual de Psicologia*, 17: 531-41. Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *La fotografia: una arte intermedia*. México: Nueva Imagen, 1989. 218p.
- BRANDÃO, Carlos R. A memória do outono. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, nº 2, 1998.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 152p.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 351p.
- DAVIS, Madeleine; WALLBRIDGE, D. *Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W.Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. 205p.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1994. 362p. (Coleção Ofício de Arte e Forma).

FREUD, Sigmund. Três ensaios da sexualidade. Em: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.

_____. Os instintos e suas vicissitudes. Em: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.

_____. O mal-estar na civilização. Em: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.

GREEN, André. *André Green e a Fundação Squiggle*. São Paulo: Roca, 2003. 94p.

GURFINKEL, Décio. O carretel e o cordão. *Percurso – Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano IX, nº 17: 56-68, 1996.

KAËS, René. *Crisis, ruptura y superación*. Buenos Aires: Cinco, 1979. 263p.

_____. *Las teorías psicoanalíticas del grupo*. Buenos Aires: Amorrortu, 2000. 143p.

_____. A negatividade. Problemática geral. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 14, nº 1: 21-36, 2003a.

_____. O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 14, nº 3: 15-33, 2003b.

_____. *A polifonia do sonho*: a experiência onírica comum e compartilhada. Aparecida do Norte/SP: Idéias & Letras, 2004a. 328p.

_____. *Os espaços psíquicos comuns e partilhados*: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005a, 260p.

_____. *La palabra y el vínculo – procesos asociativos en los grupos*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005b. 358p.

KESSELMAN, Hernan; PAVLOVSKY, Eduardo. *Multiplificação dramática*. São Paulo: Hucitec, 1991. 137p. (Saúde em Debate, 35)

LEITE, Eliana B. P. Ressonâncias do objeto – o brincar e o espaço analítico: Fedida, Winnicott e o fort-da. *Percurso – Revista de Psicanálise*. São Paulo, no IX, nº 17: 91-100, 1996.

LINS, Ma. Ivone A. e LUZ, Rogério. *D.W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. 262p.

MARTINS, Joel e BICUDO, Ma. Aparecida V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. 2ª ed São Paulo: Moraes, 1994.

MARTINS, José de S. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. São Paulo, *Estudos Avançados*, v. 16, n. 45: 223-49, maio/ago. 2002.

MELLO FILHO, Júlio de. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 270p.

MOREL, Denise. *Ter um talento, ter um sintoma*. São Paulo: Escuta, 1990. 228p.

- NAPARSTEK, Fabian A. La acción lacaniana o el psicoanálisis em acción. Em BELAGA, Guillermo (org.). *La urgencia generalizada: la práctica en el hospital*. Buenos Aires: Grama, 2004. 208p.
- OLIVEIRA JR., Antônio R. de. O visível e o invisível: um fotógrafo e o Rio de Janeiro no início do século XX. In: SAMAIN, Étienne (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.
- OUTEIRAL, José O. e GRAÑA, Roberto B. *Donald W. Winnicott – estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 212p.
- PAVLOVSKY, Eduardo e KESSELMAN, Hernan. Dos estares del coordinador. *Lo Grupal 9*. Buenos Aires: Búsqueda, 1991.
- PETIT, Michèle. A leitura em espaços de crise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 40, n. 3: 149-167, 2006.
- ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia M.M. (orgs.). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. 178p.
- ROSA, João G. *Grandes sertões: veredas*. 4ª ed Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- _____. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. II. (Contos)
- RUIZ-CORREA, Olga B. *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. 144p. (Primeiras Leituras, n.3)
- SAFRA, Gilberto. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco, 1999. 168p.
- _____. *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o sagrado, o silêncio*. São Paulo: Sobornost, 2006. 84p.
- SAMAIN, Étienne (org.). *O fotográfico*. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. 350p.
- SANTOS, Boaventura de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005. 348p.
- SATO, Leny e SOUZA, Marilene P. R. de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2: 29-47, 2001.
- SCHMIDT, Ma. Luisa S. A experiência de psicólogas na comunicação de massa. *Tese (Doutorado em Psicologia do Escolar e Desenvolvimento Humano)* – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990a.
- _____. Da vivência do isolamento à experiência compartilhada. *Boletim – Arte e Lazer nos Hospitais*, São Paulo, v. 1, nº 2: 5-7, out. 1990b. 212p.
- _____. e MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2: 285-98, 1993.
- _____. Identidade, pluralidade e diferença: notas sobre psicologia social. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 17, n. 106: 57-72, 1997.
- SELDES, Ricardo. La urgencia subjetiva, un nuevo tiempo. Em BELAGA, Guillermo (org.). *La urgencia generalizada: la práctica en lo hospital*. Buenos Aires: Grama, 2004. 208p.
- SERRES, Michel. *Atlas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 265p.

- SILVA, Ma. Emilia L. da (org.). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993. 171p.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 107p.
- _____. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 224p.
- TAWIL, Miriam S. Fotos de análise. *Encontro "O viver criativo com o olhar de D.W.Winnicott"*. São Paulo: IP/USP, 1999.
- TEIXEIRA, Leônia C. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, nº 1: 37-64, 2003.
- TISSERON, S. *Le mystère de la chambre claire: photographie et inconscient*. Paris: Les Belles Lettres, 1996. 183p.
- TRACHTENBERG, A. Rosa C. et al. *Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro – um destino entre as gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 177p.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995. 176p.
- VAISBERG, Tânia A. Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana. Em: _____. *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2004. 286 p.
- _____. Sofrimento e adolescência no mundo contemporâneo sob a perspectiva da psicologia social clínica. *Simpósio Internacional do Adolescente, 1.*, 2005, São Paulo. [on line]. Acesso em 15 de agosto de 2006.
- _____. e MACHADO, Ma. Christina L. Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 11, nº 1: 29-48, 2000.
- VOLPE, Altivir J. Trabalho e transicionalidade. *Revista Brasileira de Psicodrama*. São Paulo, v. 12, nº 1: 77-90, 2004.
- WINNICOTT, Clare; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (orgs.). O jogo do rabisco. In: _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 460p.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 210p.
- _____. A reparação em função da defesa materna organizada contra a depressão. In _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. 456p.
- _____. *A criança e o seu mundo*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. 270 p.
- _____. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 270p.
- _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 216p.
- _____. *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 222p.
- _____. *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 261p.

10 ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo exploratório sobre a articulação entre FOTOGRAFIA, NARRATIVA E GRUPO: LUGARES ONDE PÔR O QUE VIVEMOS. Trata-se da etapa de uma pesquisa de doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo – USP, contribuindo para sua elaboração, análise e conclusão posterior.

Você e os demais convidados não se conhecem entre si ou mantêm relações esporádicas, talvez formais. A maior proximidade e contato diz respeito à pessoa do Pesquisador, razão importante para a constituição do presente grupo. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sem prejuízo na continuação dos trabalhos.

Sua participação consiste em uma entrevista semidirigida no consultório do Pesquisador, com duração de aproximadamente 1 (uma) hora, na qual você é convidado(a) a se apresentar e falar rapidamente de sua história pessoal e familiar. Também nesse encontro você vai elaborar uma história, escolhendo para isso uma foto entre as quatro trazidas por você.

Na sequência, você será informado(a) de que na próxima etapa se reunirá no consultório com os outros cinco participantes da pesquisa, quando então as fotos e a história construída serão compartilhadas. Nessa etapa, serão necessárias de 3 a 4 horas para o trabalho.

Os riscos relacionados à sua participação são mínimos, garantindo-se o sigilo das informações prestadas e o anonimato a respeito de sua identidade. Os benefícios relacionam-se à oportunidade de refletir sobre sua história pessoal e familiar, resgatar informações a partir da utilização de fotografias e da construção de narrativas.

A divulgação dos resultados da pesquisa terá finalidade acadêmica, sendo feita de forma a não possibilitar pelo tipo de informações a nomeação de dados dos participantes.

Você receberá uma cópia deste Termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, sempre que julgar necessário.

Altivir João Volpe
Pesquisador responsável

Endereço: Rua Antero Mendes Leite, 155 – Aclimação – São Paulo
CEP 04108-020 – Fone/fax (011) 5571.6574.

OU

ALTIVIR JOÃO VOLPE

Doutorando em Psicologia Social pelo IP/USP

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Endereço: Av. Mello Moraes, 1721, bloco A, sala 105
CEP 05508-900, fone: (011) 3091-4194

DECLARO que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa (estudo exploratório) e concordo em participar.

NOME (em letra de forma)_____

ASSINATURA _____

Fone para contato: _____.